

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ – REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**Ser Adolescente, Pobre e Pai:
Um Estudo Qualitativo das
Repercussões na Organização das
Famílias**

Maria de Fátima Souza de Paiva

Recife-PE

2003

Maria de Fátima Souza de Paiva

**Ser Adolescente, Pobre e Pai:
Um Estudo Qualitativo das
Repercussões na Organização das
Famílias**

Dissertação apresentada à Universidade Católica de
Pernambuco como parte dos requisitos para obtenção do
título de Mestre em Psicologia Clínica

Orientadora: Profa. Dra. Zélia Maria de Melo

Co-Orientador: Prof. Dr. Marcus Túlio Caldas

Recife/PE

2003

CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO (CIP)

P149s Paiva, Maria de Fátima Souza de
Ser adolescente, pobre e pai: um estudo qualitativo das
repercussões na organização das famílias / Maria de Fátima
Souza de Paiva. – Recife : Fundação Antonio dos Santos
Abranches – FASA, 2003.
123 f. : il.

Orientador: Zélia Maria de Melo
Co-Orientador: Marcus Túlio Caldas
Dissertação(Mestrado) – Universidade Católica de Pernambuco.
Departamento de Psicologia, 2003.

1. Psicologia clínica 2. Adolescentes-Sexualidade. 3. Paternidade
na adolescência-Condições sócio-economicas. 4. Psicologia social.
5. Paternidade-Aspectos psicologicos. 6. Família-relacionamento
I. Título.

CDU: 301.151

Maria de Fátima Souza de Paiva

**Ser Adolescente, Pobre e Pai:
Um Estudo Qualitativo das
Repercussões na Organização das
Famílias**

Defendida em/...../.....

Comissão Examinadora

Prof^a.Dra.Zélia Maria de Melo
Orientadora

Prof^a.Dra.Albenise Oliveira Lima

Dr.Benedito Medrado-Dantas

“Onde dói?”

Nenhuma resposta.

- Dói na cabeça, nos ombros, nas
costas?

Um momento de silêncio.

- Ah não, senhora! Eu não sinto dor nas
coisas.

- Então em que você sente dor?

- Ah sim, eu sinto dor no meu pai”

F.Dolto

Dedicatória

- ❖ A meu pai, *José Olavo de Souza*, exemplo de humildade, força, dignidade, disciplina e solidariedade. Nossa convivência possibilita que cada dia eu consiga amá-lo e entendê-lo ainda mais, não como uma fortaleza que demonstra ser, mas pelo seu coração que é grande e generoso.
- ❖ A minha mãe *Maria Alvina*, fonte dos primeiros cuidados, suas preocupações maternas, permanecem até os dias atuais. O seu companheirismo e amor pela família nos fizeram, a mim e aos meus irmãos, crescer, espelhando-nos no seu exemplo.
- ❖ A meus avós *Justiniano Justino* e *Francisco Daniel* (in memorian) e, especialmente, às minhas avós *Maria da Costa* e *Emília Alvina* (in memorian), fontes de amor, bondade e sabedoria, iniciadores dos princípios morais na nossa família.

SUMÁRIO

RESUMO	X
ABSTRACT	XI
RESUMEN	XII
1. INTRODUÇÃO	01
2. A FAMÍLIA E AS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS	04
2.1. A Família Brasileira.....	06
2.2. Os Papéis Sociais.....	11
2.3. Um Olhar na Literatura sobre Famílias Pobres.....	12
2.4. Uma Compreensão da Família através da Teoria Geral dos Sistemas.....	17
2.4.1. A Família como Sistema.....	19
3. A ADOLESCÊNCIA COMO FASE DO CICLO VITAL	23
3.1. O Período da Adolescência.....	23
3.2. A Paternidade na Adolescência – Aspectos Psicossociais e Familiares.....	29
3.3. A Paternidade na Adolescência de Família Pobre.....	36
4. METODOLOGIA	40
4.1. A Escolha Metodológica.....	40
4.2. Objetivos.....	41
4.3. Caracterização da Pesquisa.....	41
4.4. Procedimentos.....	42
4.5. Perfil Sócio-Econômico e Cultural / Participantes.....	43
5. RESULTADOS	48
5.1. A Análise dos Dados.....	48
5.2. Compreendendo o Cenário de vida dos Participantes.....	48
5.3. Síntese dos Resultados.....	97
6. DISCUSSÃO	104
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	110
Anexos.....	121
Anexo I – Roteiro de Entrevista com os Pais Adolescentes.....	122
Anexo II – Roteiro de Entrevista com os Pais dos Adolescentes.....	123

LISTA DE QUADROS

Quadro I – Situação da Família de Origem dos Pais Adolescentes.....	44
Quadro II – Escolaridade e profissão dos Pais Adolescentes.....	47
Quadro III – Autopercepção do Adolescente Após a Paternidade.....	98
Quadro IV – Percepção dos Familiares dos Adolescentes após serem Pais..	99
Quadro V – Expectativas do Pai Adolescente em Relação aos Projetos de Vida	100
Quadro VI – Expectativas dos Familiares dos Pais Adolescentes em Relação aos Projetos de Vida dos Filhos.....	101
Quadro VII – Conseqüências Consideradas Favoráveis e Desfavoráveis da Paternidade na Adolescência.....	102

RESUMO

A paternidade na adolescência de família pobre requer adaptações estruturais, decorrentes de vários fatores que a envolvem tais como mudança e adaptação de papéis relacionados aos aspectos psicossocial e familiar. Nota-se que esse tema tem sido pouco discutido na literatura científica. Quando encontrado, é mais comum aparecer como consequência desfavorável. A partir dos anos 80, essa visão começou a ser tratada numa perspectiva nova, pela inclusão da participação do adolescente masculino no processo reprodutivo. Dessa forma, este estudo buscou compreender as repercussões da paternidade na adolescência na organização das famílias pobres. Adicionalmente, procurou-se conhecer as mudanças que a paternidade trouxe para o adolescente e a família nos seus projetos de vida (estudo, trabalho e relações sociais), bem como verificar as possíveis alterações da paternidade na adolescência na relação do adolescente com os seus pais, do ponto de vista dos papéis familiares. O estudo compreendeu um total de oito famílias pobres. Dessas oito, três foram utilizadas para o estudo piloto (primeira fase) e cinco fizeram parte da pesquisa efetiva (segunda fase). Em ambas as fases, foi aplicada uma entrevista individual e semi-dirigida a cada um dos participantes (os adolescentes e seus pais e/ou tios, avós que exercem a função de pais). Como critério de inclusão, foram privilegiados adolescentes primíparos, com idade variante de 16 a 19 anos, com um filho(a) entre 3 meses a 01 ano de vida. Os participantes do estudo são originados de famílias pobres, residentes na periferia da cidade do Recife-PE. As entrevistas foram gravadas, transcritas e, posteriormente, analisadas de acordo com os objetivos propostos e a compreensão da Teoria Geral dos Sistemas. Os resultados apontam o apoio familiar e social como um dos fatores fundamentais no processo da transição para a paternidade na adolescência. Apontam também que surge um sofrimento no pai adolescente de famílias pobres, por existir uma ambigüidade entre vivenciar o seu afeto e as necessidades de corresponder ao seu papel de provedor. A solução da problemática poderá contribuir na forma de se perceber a paternidade na adolescência, no futuro do pai adolescente, do seu filho e nas relações que esse adolescente pode estabelecer.

Palavras-chave: Paternidade - Adolescência - Família Pobre - TSG.

ABSTRACT

Fatherhood in adolescence of poor family requires structural adjustments due to the variety of factors which involve it such as role change and other adjustments related to psycho-social and family aspects. One can observe that this subject has not been quite discussed in the scientific literature. Whenever it is found, it is more usual to be considered as an unfavorable consequence. Starting in the 80s, this view began to be treated by a new outlook, by including the teenager participation in the reproduction process. Considering that, this paper aimed to understand the effects of adolescence fatherhood in the organization of poor families. Besides, we tried to find out the changes that the fatherhood condition brought to the teenager and his family concerning to their life projects (study, work, social relationships) as well as to comprehend the possible changes the adolescence fatherhood brought to the relationship of the teenager with his parents from the point of view of family role. The research involved a total of eight poor families. From these, three were used for a model study (1st phase) and the other five belonged to the effective research (2nd phase). In both phases, it was applied an individual semi-directed interview to each one of the participants (the teenagers and their parents or any relative in the role of parent). As an inclusion criterion, we privileged primiparous adolescents, aged between 16 and 19 years old with one three-month to one-year-old child. The participants of this study come from poor families living in the periphery of Recife – PE. The interview were recorded, written out and later analyzed according to the proposed aims and the understanding of the General Theory of the Systems. The results point to family and social support as one of the main factors in the transition process for the fatherhood in adolescence. They also show that a suffering appears in the adolescent father from poor family because there exists an ambiguity between living his affection and the need to correspond to his purveyor role. The solution to this problem may contribute to the way one perceives adolescent fatherhood, as to the future of adolescent father, his child, and the relationships this teenager may establish.

Key-words: Fatherhood - Adolescence – Poor family - GST.

RESUMEN

La paternidad en la adolescencia de familia pobre requiere adaptaciones estructurales, resultantes de varios factores que la envuelven como cambios y adaptación de papeles relacionados a los aspectos psicosocial y familiar. Ese tema ha sido poco discutido en la literatura científica. Cuando encontrado, es más común aparecer como consecuencia desfavorable. Desde los años 80, ello ha empezado a ser tratado de una nueva manera, por inclusión de la participación del adolescente masculino en el proceso reproductivo. De esa forma, este estudio ha buscado comprender las repercusiones de la paternidad en la adolescencia en la organización de familias pobres. Adicionalmente, se ha buscado conocer los cambios que la paternidad ha traído para el adolescente y la familia en sus proyectos de vida (estudio, trabajo y relaciones sociales), como también verificar las posibles alteraciones de la paternidad en la adolescencia en la relación con sus padres, del punto de vista de los papeles familiares. El estudio ha comprendido un total de ocho familias pobres. De esas ocho, tres fueron utilizadas para el estudio piloto (primera fase) y cinco hicieron parte de la pesquisa efetiva (segunda fase). En ambas, fue aplicada una encuesta individual y semi-dirigida a cada uno de los participantes (los adolescentes y sus padres y/o tíos, abuelos que ejercen la función de padres). Como criterio de inclusión, fueron privilegiados adolescentes primíparos, con edad variante de 16 hasta 19 años, con un hijo(a) entre 3 meses hasta 1 año de vida. Los participantes del estudio se originan de familias pobres, viven en la periferia de la ciudad de Recife – PE. Las encuestas fueron grabadas, transcritas y posteriormente, analizadas de acuerdo con los objetivos propuestos y la comprensión de la Teoria Geral de los Sistemas. Los resultados apuntan el apoyo familiar y social como hecho fundamental en el proceso de transición para la paternidad en la adolescencia. Además, surge un sufrimiento en el padre adolescente de familias pobres, por existir una ambigüedad entre vivir su afecto y las necesidades de corresponder al papel de proveedor. La solución de ese conflicto tendrá un impacto favorable en la forma de percibir la paternidad en la adolescencia, del futuro de padre adolescente, de su hijo y de las relaciones que ese padre puede establecer.

Palabras-clave: Paternidad – Adolescência – Familia Pobre - TSG

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa, SER ADOLESCENTE, POBRE E PAI: UM ESTUDO QUALITATIVO DAS REPERCUSSÕES NA ORGANIZAÇÃO DAS FAMÍLIAS, surgiu após se conhecer um pouco do universo das mães adolescentes, através de trabalho de conclusão do curso de especialização em Sexualidade Humana intitulado: Aspectos Psicossociais da Vivência da Maternidade na Adolescência (1998 – 1999) na Universidade Estadual de Campinas-SP.

Durante os trabalhos desenvolvidos e na convivência com os jovens ao longo do exercício da profissão como Psicóloga numa Instituição Estadual (Recife-PE) e em Escolas da Rede Municipal do Ensino (Arez-RN), surgiram vários questionamentos a respeito da gravidez na adolescência, vindo a despertar o interesse no estudo da maternidade na adolescência com mais profundidade. Após a realização desse trabalho, passou-se a refletir, com mais clareza, sobre a importância do estudo da paternidade na adolescência, assunto ainda pouco tematizado no contexto da gravidez nessa fase do desenvolvimento.

O tema Paternidade vem despertando o interesse não apenas dos profissionais da área de saúde, mas também de outras tais como: Psicologia, Ciências Sociais, Direito e Antropologia. O interesse dos profissionais por este assunto tem relação com as questões psicológicas e sociais, associadas aos aspectos financeiros e legais. Daí ser fundamental, nessa fase, o apoio afetivo e financeiro da família aos jovens que estão vivenciando a maternidade/paternidade a fim de evitar maiores conflitos na sua vida presente e futura e na sua identificação como pai.

Os questionamentos mais presentes ao se pensar a questão masculina voltada para a paternidade, referiam-se com mais ênfase às expectativas e práticas do pai adolescente na família de origem e na família de procriação, tomando como ênfase a vida afetiva e profissional, bem como a identificação de possíveis influências de valores tradicionais e modernos na criação dos filhos e as mudanças de papéis na família de origem a fim de se detectarem possíveis conflitos após o fenômeno da paternidade. Enfim, como o jovem estaria lidando com a chegada do seu primeiro filho? Como seria

a sua relação com o filho(a), com a companheira e com a família? Qual seria o discurso do jovem pai sobre a vivência da paternidade e quais os sentimentos do jovem de estar vivendo um outro papel, o de pai mais evidente naquele momento do que o de filho? E a família como seria o seu discurso? Como estaria lidando com as mudanças de papéis e quais seriam as mudanças ocorridas na família e nos seus projetos de vida para o filho, como por exemplo: no trabalho, estudo e relações sociais, após o acontecimento da paternidade adolescente?

No presente estudo, a família é considerada um sistema aberto que sofre influência de outros subsistemas. Assim, o comportamento (ou fatos ligados a um dos membros familiares) influencia e é influenciado pelos outros. Nesse sentido, procurou-se entender a postura do pai adolescente como refletindo um movimento dinâmico na família, que, por sua vez, também sofre influência de um sistema maior que é a sociedade.

Notou-se que, apesar da sua importância, a paternidade na adolescência e, mais particularmente, de famílias pobres tem sido pouco discutida na literatura. Quando encontrada, comumente é enfatizada como consequência desfavorável. Lyra da Fonseca (1998, p.120) lembra a carência de pesquisas e de ações junto ao pai adolescente no Brasil e que esse tema, quando encontrado na literatura, é comum abordarem-se os aspectos da prevenção ou punição, ou seja: tenta-se evitá-la, ou o adolescente deve “expiar seu erro” casando-se. No Brasil, apesar ainda de sua pouca representatividade, encontramos algumas instituições que, direta ou indiretamente, se interessam por esse assunto, como, por exemplo o Programa PAPAÍ em Recife-PE, pioneiro no trabalho dirigido ao tema da paternidade na adolescência. Outra instituição é a ECOS - Comunicação em Sexualidade, que sempre dirigiu os seus estudos para a gravidez na adolescência, ultimamente tem se voltado à participação masculina, no contexto da reprodução e sexualidade (Lyra da Fonseca, 1997).

Nesse sentido, a fim de se entender o movimento dinâmico que ocorre na família após o fenômeno da paternidade na adolescência e na tentativa de esclarecer alguns questionamentos, a pesquisa buscará responder, e em outros momentos esclarecer, algumas indagações de modo a possibilitar que outros estudiosos se interessem pelo tema e o utilizem não somente na compreensão da temática em pauta,

mas também no apoio às famílias. Para isso, o presente trabalho tem a proposta de compreender as repercussões da paternidade na adolescência na organização das famílias pobres, além de:

Conhecer as mudanças que a paternidade trouxe para o adolescente e a família nos seus projetos de vida (estudo, trabalho e relações sociais).

Verificar as possíveis alterações da paternidade na adolescência na relação do adolescente com os seus pais, do ponto de vista dos papéis familiares.

A distribuição do trabalho se apresenta da seguinte forma: A primeira parte fala do interesse da pesquisadora pelo tema tratado. A segunda pretende estudar a família, enfocando as mudanças que tem vivido e como ela influencia os seus membros de forma sistêmica, sendo perpassada por um tempo histórico cultural e implicações sócio-econômicas. A terceira parte trata da adolescência como fase do ciclo vital. Nesse capítulo, discute-se a adolescência e, com mais abrangência, a paternidade na adolescência de família pobre com suas implicações psicossociais. A quarta parte refere-se à metodologia, objetivos, caracterização da pesquisa, procedimentos e perfil sócio-econômico dos participantes. Os resultados alcançados constam na quinta parte, a sexta parte traz a discussão dos resultados e a sétima as considerações finais.

2. A FAMÍLIA E AS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS

“A família é um grupo natural que através dos tempos tem desenvolvido padrões de interação. Estes padrões constituem a estrutura familiar, que por sua vez, governa o funcionamento dos membros da família, delineando sua gama de comportamento e facilitando sua interação”.

Minuchin e Fishman

Para falar sobre paternidade é necessário que, anteriormente, tenha-se uma visão de como a família se organizou ao longo do tempo e como se apresenta dentro de um contexto sócio-histórico e cultural. Do mesmo modo, Lewis e Dessen (1999) sugerem que, para compreender algumas das questões com que se defrontam as famílias, é necessário estudar os pais, especialmente quando se focaliza como eles se adaptam às circunstâncias familiares e como eles se desenvolvem enquanto indivíduos.

Ariès (1981) estuda sobre as transformações ocorridas na família desde a antiguidade (século IX - XV) até a contemporaneidade (séc. XIX – XX) traçando um perfil tendo como base a época e o momento histórico. Para esse autor, a família caracteriza-se como uma instituição social que sofre mudanças ao longo do processo histórico, cultural e social. De acordo com a nossa história antiga, o padrão familiar se definia pela influência ideológica da época e da religião. Nos séculos XI, XII e XIII, observa-se que houve um aumento da autoridade do pai, como necessidade de manter a integridade do patrimônio da família. Firmava-se, portanto, a indivisão dos bens dos cônjuges. Dessa forma, os filhos eram impedidos de qualquer adiantamento sobre sua herança. Com isso, presencia-se uma degradação progressiva e lenta da situação da mulher no lar, perdendo também a autonomia e o direito de substituir o marido em situações necessárias como, por exemplo, quando o esposo se ausentava por longo tempo ou quando enlouquecia. À medida que o Estado se fortalecia, o poder da família diminuía ou vice-versa. Até o século XVI, a mulher casada não possuía autonomia em nada e todos os atos só eram válidos com a autorização do marido e da lei, reforçando assim o poder paterno (Áries 1981).

Lembra ainda Ariès (1981) que a família, em cada sociedade na nossa história, apresenta-se de forma diferente, vivendo modelos diferenciados. Assim, nos séculos

XVI e XVII, o modelo de família aristocrata e camponesa, considerada extensa, constituída de pais, filhos, agregados. No século XIX - início da Revolução Industrial, destaca-se a família burguesa e de classe trabalhadora e, no século XX, predominava a família nuclear reduzida, constituída de pais e filhos.

Ainda de acordo com o mesmo autor, várias fases da vida como o nascimento, a maturidade, a velhice e até a morte eram bastante evidenciadas em detrimento da infância e da adolescência, raramente retratadas. Só no século XVII, a infância ocupou o espaço no contexto familiar tal como se evidencia hoje, principalmente o relacionamento entre a mãe e a criança.

Esse fato é justificado por Áries (1981) quando lembra que, tendo a família a função de assegurar a transmissão da vida, dos bens e dos nomes, ela era baseada numa realidade moral e social, mais que sentimental. As escolas que antes não eram valorizadas foram ampliadas e respeitadas, recebendo a função de estreitar os laços familiares. A família deixou de ser apenas uma instituição do direito privado, para a transmissão dos bens e do nome, passando a assumir uma função moral e espiritual.

Acompanhando os estudos desse autor, observa-se ao longo da história, que houve uma transformação na maneira de sentir e de pensar dos indivíduos e das famílias. No entanto, assim como o patriarcalismo sofreu influência das famílias originadas da Idade Média; na modernidade, apesar das mudanças conquistadas com os movimentos sociais, tecnologia e outros, ainda se apresentam resquícios de uma mentalidade patriarcal e da religiosidade, que interferem no poder paterno, nas instituições, na educação dos filhos, reforçando a submissão e a dependência das mulheres, principalmente as casadas, e mantendo preconceitos; enfim interferindo em qualquer tipo de relação onde existam opressor e oprimido.

A essas mudanças que ocorreram no passado, na instituição familiar, sobrepõem-se um sentimento individualista e uma forma de pensar as gerações e representações familiares anteriores que nos fazem perceber o dinamismo dessa instituição fortemente influenciada de acordo com as características de cada época e de cada momento histórico.

A seguir é feita uma breve revisão dos arranjos familiares brasileiros uma vez que, para compreendermos a dinâmica familiar da paternidade na adolescência é necessário compreender os arranjos familiares, a partir de uma perspectiva mais ampla em seus aspectos sócio-culturais.

2.1. A Família Brasileira

Pretende-se dar uma visão da origem da família brasileira e seus arranjos originados do sistema patriarcal, herança introjetada no comportamento dos indivíduos e na organização familiar até os dias atuais.

Corrêa (1993), quando se refere à família patriarcal, acredita ser um tipo de organização familiar e doméstica instalada nas regiões onde foram implantadas as grandes unidades agrárias de produção de engenho de açúcar, fazendas de criação ou de plantação de café. Mantém-se através da incorporação de novos membros, de preferência parentes legítimos ou ilegítimos, a extensos “clãs” que asseguraram a indivisibilidade de seu poder e sua transformação dá-se por decadência, com o advento da industrialização e a ruína das grandes propriedades rurais, sendo então substituída pela família conjugal moderna.

Na visão de Freyre (1996), a família patriarcal é composta do patriarca, sua mulher e filhos legítimos, todos residindo juntos sob o mesmo teto da Casa Grande da fazenda. Na periferia da Casa Grande, conviviam pessoas ligadas ao patriarca: as concubinas e amantes, seus filhos ilegítimos, escravos e rendeiros, amigos e clientes. Essa forma de organização familiar favorecia o poder do patriarca que o traduzia numa rigidez de hierarquia entre os membros familiares a qual se baseava, sobretudo, no exercício da força do patriarca e no poder de apelar para a violência sobre o filho. Assim, a postura autoritária e de dominação do patriarca favorecia uma distância social entre ele e as pessoas com as quais convivia.

Ainda conforme aos escritos de Freyre (1996), o homem, ao ter o poder nas mãos, destacava-se pela virilidade e o legítimo uso da força, ao passo que a mulher era considerada o ser mais fraco dos dois, bela, desejável e sujeita à dominação do

patriarca. As atividades do homem eram dirigidas para a política e economia, enquanto que as das mulheres e filhas limitavam-se ao mundo doméstico da própria família. A sexualidade dos filhos era estimulada e esperada como prova de sua masculinidade e até como uma contribuição potencial para a força de trabalho da fazenda. A negra ou a mulata atendia aos impulsos sexuais do jovem na sua iniciação sexual. As filhas, por outro lado, eram vigiadas por mucamas, a fim de preservar a virgindade. Aos 12, 13 ou 14 anos, os pais se encarregavam de fazer o casamento das filhas, muitas vezes, com um homem muito mais velho que ela; passava-se da dominação do pai para a dominação e controle do seu senhor:

Freyre (1996) enfatiza que:

Nenhuma casa-grande do tempo da escravidão quis para si a glória de conservar filhos maricas ou donzelões. O folclore da nossa antiga zona de engenhos de cana e de fazendas de café quando se refere a rapaz donzelo é sempre em tom de debique: para levar o maricas ao ridículo. O que sempre se apreciou foi o menino que cedo estivesse metido com raparigas. Raparigueiro, como ainda hoje se diz. Femeeiro. Deflorador de mocinhas. E que não tardasse em empenhar negras, aumentando o rebanho e o capital paternos (Freyre, 1996 p. 372).

O que se observa é uma visão que fortalece o poder do homem, a autoridade e a virilidade. Já a mulher denota uma visão de inferioridade e submissão. Na concepção de Freyre (1996), o comportamento da mulher atendia às expectativas do sistema familiar patriarcal, ao assumir a postura sexual e socialmente reprimida, atendendo também aos anseios da figura do pai ou do marido. Ainda de acordo com esse autor, a influência da cultura européia na nossa cultura aparece com bem evidência nos hábitos, costumes, miscigenação, na culinária, crenças, religiosidade, no culto aos santos protetores (do amor e da fecundidade e da agricultura). É o que se pode confirmar no relato do mesmo autor:

Na ternura, na mímica excessiva, no catolicismo em que se deliciam nossos sentidos, na música, no andar, na fala, no canto de ninar menino pequeno, em tudo que é expressão sincera de vida, trazemos quase todos a marca da influência negra. Da escrava ou sinhama que nos embalou. Que nos deu de mamar. Que nos deu de comer, ela própria amolengando na mão o bolão de

comida. Da negra velha que nos contou as primeiras histórias de bicho e de mal-assombrado. Da mulata que nos tirou o bicho-de-pé de uma coceira tão boa. Da que nos iniciou no amor físico e nos transmitiu, ao ranger da cama-de-vento, a primeira sensação completa de homem (Freyre 1996, p. 283).

Ampliando os estudos relatados anteriormente, confere-se também, em Neder (1994), uma visão sobre a família brasileira. Ela aponta diferenças comparando com famílias de outra cultura, porque a brasileira tem, nas suas raízes, uma mistura de raças, grupos e etnias (escravos, negro, indígena e brancos de origem européia), as várias possibilidades de organização familiar com as suas particularidades regionais e padrões comportamentais revelando estilos e modos de vida que se diferenciam ao longo do tempo, mas, ainda traz resquícios de uma tradicional sociedade patriarcal.

A autora lembra que a modernização propiciou mudanças na família tradicional modificando comportamentos e estilo de vida. Passou a haver uma maior preocupação com a classe menos favorecida (negros e escravos), uma vez que, na situação de libertos, não tinham qualificação para se inserir no mercado mundial. O controle social passou a se intensificar na sociedade brasileira e “os setores pobres foram vítimas das manobras políticas que garantiram sua exclusão” que se prolonga até os dias atuais. Comenta-se que a preocupação do homem branco chamado “medo branco” referia-se ao que fazer com um grande número de escravos libertos sem educação e qualificação e como manter a força do trabalho dos homens pobres e livres em suas propriedades. O investimento na família e na educação passou a ser uma saída, apesar de ser visto, por uma boa parte, como “descrença na eficácia das políticas públicas voltadas às famílias pobres” e por não se acreditar que esta população seria capaz de assimilar o que o sistema de ensino transmitia, por os sujeitos apresentarem deficiências biológicas (Neder, 1994, p.32-33).

Ainda em Neder (1994, p. 38-40), nota-se que a organização familiar traz, na sua origem, uma herança de diferenças étnico-culturais que se compõe de uma diversidade de valores, com suas particularidades na religião, na língua e na tradição. Nesse contexto, podemos identificar não só as questões culturais perpassando a história e a organização familiar, mas, também, às questões “político-institucionais” observadas através da organização familiar escrava. Ainda de acordo com a autora, o

autoritarismo e a violência, considerados responsáveis pela separação dos casais, pais e filhos, parentes e amigos, provocam perda de vínculos e crises de identidade marcantes e irreversíveis.

Ainda em Neder (1994, p.38-40), observa-se que em decorrência do princípio “político–institucional”, o padrão autoritário se faz presente na organização política brasileira. Esse comportamento foi originado do período escravo, que além de ter estimulado a perda dos vínculos familiares e crises de identidade, deu seguimento a outros tipos de violência, como, por exemplo: a migração e as separações, politicamente impostas e, como conseqüência, é encontrada a submissão e a dependência não vinculadas às questões culturais e sim, sobretudo, aos motivos político-institucionais. Sendo assim, as famílias das classes pobres no Brasil passaram a ser consideradas biologicamente inferiores, e as culturas africanas tratadas como “primitivas”, responsáveis pela promiscuidade sexual e a “irregularidade da estrutura familiar nas classes pobres”. Em relação à sexualidade existente nas senzalas, mesmo não negando indicativos dessa natureza, sabe-se que não se trata de interesses individuais e sim políticos. A autora ainda lembra a contribuição que a população escrava trouxe para a nossa cultura, acredita que foi a partir da construção histórica da organização familiar entre os escravos que se formou um maior companheirismo no trabalho, uma maior solidariedade, intensificando os laços familiares, que originaram o tão popularmente “compadrio”, até hoje fazendo parte dos laços de amizade na organização familiar (Neder, 1994, p.40).

De acordo com Correia (1993); Trindade (1998), ao longo das transformações ocorridas com a paternidade, pode-se constatar que o modelo predominante nos séculos XVII a XIX era o modelo da Paternidade Patriarcal, que se baseava em um sistema social e econômico basicamente agrícola. Na segunda metade do século XVIII, o modelo patriarcal foi perdendo a sua força, havendo uma mudança de valores e condições de vida da sociedade, muito embora no início de século XIX ainda se observava a sua presença dominante. Prevaleceu, a partir daí, o modelo da paternidade moderna, originando-se do início do século XIX e estendendo-se até a atualidade. A sociedade industrial substituiu a sociedade agrária, a autoridade rígida do pai foi, aos poucos, diminuindo e ganhando espaço na transmissão dos valores morais.

A mulher passou a ser mais valorizada e responsável pela educação dos filhos, o pai manteve a sua função de provedor. Alguns fatores como a urbanização, a redução do número de filhos, mudanças na finalidade do casamento contribuíram na transformação da família patriarcal para a família moderna.

Nos dias atuais, as famílias e, mais precisamente, a família de classe média, vivem momentos em que tradição e herança se entrelaçam persistindo na dinâmica familiar (Giddens, 2000). Enquanto alguns grupos familiares persistem em dar continuidade aos padrões familiares bem estabelecidos, transmitindo valores, normas e hierarquias, outros tentam mudar esses padrões comportamentais, pressionados por forças sociais da mídia e das instituições como escolas e outras que estabelecem uma relação de poder. Os pais que representam os modelos identificatórios se sentem confusos, ambivalentes quanto ao seu papel e aos valores a serem transmitidos. Vários desses fatores são questionados como contribuição a esse pensamento, como por exemplo: o aumento da instabilidade conjugal que favoreceu o número de novas organizações familiares como a família monoparental (formada por um dos pais e seus filhos) e a recasada entre outras, e um declínio da importância do papel parental nos vínculos familiares. Além disso, os fatos levam a crer que a redução do número de membros ocorrida na família pode ser atribuída a fatores de diversas ordens tais como: sociais, emocionais, culturais e econômicos entrelaçados entre si em combinações diferentes (Souza 1997).

Para Giddens (2000); Carter e Mc Goldrick (1995), a família tradicional está ameaçada, está mudando e vai mudar muito mais. O significado da família vem sendo alterado, uma vez que ela não está mais organizada apenas em torno da atividade da criação dos filhos. Os padrões familiares sofreram transformações devido à redução da natalidade, expectativa de vida mais longa, mudanças do papel feminino e ao crescente índice do divórcio e recasamento. Como contribuição a esses rearranjos na família, surge a globalização que interfere nas relações afetivas, na competitividade do casal frente ao mercado de trabalho, como também contribui para o estresse e as tensões, responsáveis pelo rompimento do sistema e que afetam os modos de vida e as culturas tradicionais na maior parte das regiões do mundo. Dessa forma, a família sente o impacto das mudanças. No entanto, ao mesmo tempo em que sofre as interferências do

mundo, ela interfere nesse mundo, na medida em que os conceitos tradicionais passam por redefinições.

Embora trazendo uma discussão de autores que enfocam as questões da modernidade mais direcionada às famílias de classe média, é importante ressaltar que as famílias pobres também convivem com as mudanças consideradas conseqüências da modernidade. As famílias pobres também sofrem o impacto da globalização, sofre sua influência, por exemplo, através da mídia, da moda, que interferem na forma como os subsistemas se comportam e tentam da sua forma, se espelhar em modelos considerados de classe média.

2.2. Os Papéis Sociais

Ao longo do tempo, os papéis sociais relacionados à função específica a cada gênero foram bem delimitados na nossa sociedade. Esses papéis são determinados de acordo com o momento histórico, político, cultural e social. Mesmo sem se perceber, desenvolvem-se relações e desempenham-se papéis na família, na escola e na sociedade.

Zaniratti (1997) lembra que em cada etapa da vida são desenvolvidos papéis diferentes, necessários para que os indivíduos possam se relacionar corretamente com cada pessoa do cotidiano. A vida moderna impõe e cobra modos de vida diferentes. Na infância, por exemplo, o papel fundamental é o de filho(a) e de neto(a). Ocorre o relacionamento com os pais e, ao mesmo tempo, estabelecem-se relações com os irmãos, com os primos(as), tios(as). Na adolescência, surge a necessidade de outras amizades, e a possibilidade de desempenhar papéis de namorado(a), depois de marido ou esposa, de pai ou mãe, de avó ou avô.

Os padrões vigentes, principalmente na América Latina, têm priorizado as funções da mulher no cuidado e guarda dos filhos como o seu papel social mais importante. A sociedade reforça essa postura, uma vez que pouco espera da atuação do pai na educação dos filhos. Para mudar essa forma de pensar da sociedade, faz-se

necessário que o pai se conscientize da importância da sua participação no cuidado com as crianças, tornando essa experiência algo gratificante e prazeroso; dessa forma ele estará contribuindo para evitar o pensamento machista que a sociedade incute (Lyra da Fonseca, 1997; Fundação Bernard Van Leer, 1987; Elster, 1986).

Por sua vez, observa-se que a participação dos pais é também uma questão cultural, fato patente nas dificuldades que apresentam algumas comunidades, mais resistentes do que outras, na aceitação e participação masculina no processo educacional da criança. Pode-se notar também que o fator sócio-econômico interfere no exercício da paternidade. Quando o pai se encontra numa situação de fracasso profissional, a sua auto-estima é afetada e este passa a se ausentar de suas responsabilidades e função de pai (Fundação Bernard Van Leer, 1987).

Dentro de uma abordagem antropológica, a literatura aponta que os papéis sociais nem sempre se apresentam de forma igual em todas as culturas. Mead (1969), estudando três diferentes culturas da Melanésia - Nova Guiné: os Arapesch, os Mundugumor e os Tchambuli, identificaram que não existiam atribuições naturais ligadas ao sexo biológico e sim atribuições sociais. Na sociedade dos Arapesch – o homem se apresentava dócil e suscetível, casado com uma mulher dócil e suscetível. Com relação aos Mundugumor, tanto o homem quanto a mulher eram violentos, competitivos, agressivos e ciumentos. Entre os Tchambuli, existia uma inversão de papéis, enquanto os homens eram pacíficos, caseiros; as mulheres eram agressivas e atuavam no espaço público. Eram elas que detinham a verdadeira posição de poder na sociedade, dominando a importante função social da pesca.

Após a apresentação de como a família pode ser compreendida por diferentes estudiosos, daremos em seguida uma visão de como as famílias pobres vivenciam e lidam com as suas dificuldades.

2.3. Um Olhar na Literatura sobre as Famílias Pobres.

Neste subcapítulo, apresenta-se uma visão de alguns estudiosos sobre famílias pobres, por ter relação com a população estudada nesta pesquisa.

Falceto (1996, p. 167) aponta fatores negativos que interferem nessas famílias: a diminuição do nível de educação, à desnutrição infantil e baixa escolaridade materna, o desemprego e, mais especialmente, o do pai, e a desorganização familiar. A mesma autora cita que filhos de famílias de baixa renda, segundo estudos epidemiológicos, têm “maiores chances de apresentar doenças mentais como esquizofrenia e depressão”. O desemprego do pai provoca uma inversão de papéis. A mulher busca subemprego, em geral em atividades domésticas (casas de família) deixando os filhos aos cuidados da família. O pai, por sua vez, sem apoio, na maioria dos casos, volta-se ao alcoolismo e desenvolve comportamentos anti-sociais.

Não se pode generalizar as afirmações de Falceto (1996) como conseqüências apenas de famílias de baixa renda, esses dados devem ser mais bem investigados e confrontados com famílias de classe social mais favorecida. Embora algumas dessas características possam ser vistas nas famílias pobres, elas não lhes são específicas, os problemas de alcoolismo, comportamentos anti-sociais, doenças mentais, também fazem parte do universo das famílias de classe média e alta. Por outro lado, as famílias citadas por essa autora convivem com essa realidade não porque seja inerente a elas, mas porque são submetidas, seja através da desigualdade social conseqüência do sistema político-econômico o qual vivemos. Contrapondo as opiniões de Falceto (1996), esta experiência de campo sugere que nem sempre podem-se ver essas famílias como problemas. Apesar da dificuldade em manter as condições básicas de sobrevivência, essas famílias apresentam dignidade, vontade de trabalhar e manter seu lar. O nascimento de uma criança, apesar de em algumas vezes se passar como motivo de preocupação, logo é revertido em alegria e satisfação. A ajuda mútua da família se faz presente nos momentos difíceis e são solidários entre si.

No que se refere aos relacionamentos entre os casais, as dificuldades financeiras aparecem como maiores implicadores desta relação. Na visão de Scott (1990), a primeira relação a ser comprometida diante as dificuldades financeiras enfrentadas por essas famílias pobres urbanas é entre o marido e a mulher. Ainda na visão do autor, a pobreza, a incerteza do ganho e o desemprego favorecem a ocorrência de famílias matrifocais. Desse modo, uma grande porcentagem dos adolescentes dessas famílias passam a ser criados só pela mãe. Ela assume o papel

de chefe da família, investe na área financeira e educativa dos filhos de acordo com a sua condição de vida.

Apesar de, no mundo moderno, a concepção de pobreza ser definida, na maioria das vezes, por um critério político e econômico, Sarti (1994), ao estudar famílias pobres, lembra que é no plano moral que se observa a diferença entre os ricos e os pobres. Sendo os pobres carentes de riqueza material e de poder, os valores morais lhes dão sustentação a fim de se igualarem ou, até mesmo, se tornarem superiores. Lembra ainda essa autora que:

É através de suas virtudes morais que os pobres tornam-se ricos, e os ricos pelo critério econômico e político – podem ser privados de riqueza moral, portanto de virtude, concepção que se relaciona com a profunda religiosidade popular (Sarti, 1994, p.18).

Continuando sua discussão sobre a questão da moralidade relacionada à pobreza, Sarti (1994) aponta que, nas sociedades medievais, além da pobreza ser lembrada através de sua moralidade, repercutindo de forma positiva e negativa, esta “sempre foi signo de virtude”, quando associada à renúncia de algo material em troca de algum valor moral. Nesse valor moral estão incluídos a generosidade, a modéstia e a bondade (Montes, citado por Sarti, 1994, p.17-18).

Minuchin e cols. (1999) ao estudarem as famílias pobres, concordam que estas apresentam carência, não só financeira, mas também afetiva, o que faz com que seus membros sejam solidários a fim de se protegerem, defenderem e apoiarem uns aos outros quando necessário. Percebe-se que, sendo os conflitos e as tensões inevitáveis na família; ao mesmo tempo em que ela apóia os seus membros, limita e os desafia.

Ainda dando continuidade aos estudos sobre famílias pobres, Minuchin e cols. (1999) apontam que, por as famílias terem as suas fronteiras abertas, há uma maior facilidade de sofrerem influência, devido à falta de informação, e à dependência a que são submetidas. Nesse sentido, os profissionais têm um maior poder de penetração, vindo a influenciar os membros da família, quer seja de forma positiva, quer negativa. Quando um profissional se envolve de forma disfuncional gera crises que ameaçam os padrões do poder da própria família. Para os mesmos autores, a idéia de “proteção ao

fraco” se passa, na maioria das vezes, como uma “intrusão na família” repercutindo de forma desrespeitosa, e, como conseqüência, prejudica os vínculos e fragmenta estruturas já estabelecidas (Minuchin e cols. 1999, p.30-31).

Estudos sobre a população do Recife-PE apontam que esta capital tem grandes extensões ocupadas por populações pobres, havendo uma predominância da matrifocalidade¹ nas residências pobres (Scott 1990). Ao realizar um levantamento sobre a organização econômica da população pobre do Recife, constatou-se que 21,5% têm sua renda básica fornecida por mulheres. Das mulheres provedoras, 75% não têm marido, mais de 105 delas têm maridos em casa e o restante é filha ou agregada (Motta e Scott 1983; Scott 1990).

Dados mais recentes, IBGE (2002); em 1991, em cada cem lares brasileiros, 18,1% eram chefiados por mulheres. No censo 2000, esse número teve um aumento significativo, chegando a 24,9%. Nas áreas urbanas da região Nordeste, aproximadamente 2,4 milhões de mulheres chefiam os domicílios em que vivem. Um outro dado importante, IBGE (2002), Censo 2000, enfoca o rendimento médio das mulheres responsáveis pelos domicílios nordestinos, considerado o mais baixo entre as regiões do país, ou seja, metade dessas mulheres recebe um salário mínimo. O que se pode concluir, de acordo com os indicadores do IBGE (2002), é que, quanto menor a renda da família, maior é a sua interferência na saúde e nutrição dos membros familiares, o que pode levar a um comprometimento emocional e intelectual das crianças dessas famílias. Embora uma renda familiar adequada seja imprescindível ao crescimento físico, emocional e intelectual dos filhos, principalmente nos primeiros anos de vida, os membros familiares também buscam, em suas famílias, seja de qualquer classe social, encontrar um ambiente de acolhimento e afeto, durante o seu crescimento, em benefício da sua saúde mental.

Em estudos na população do bairro dos Coelhos (zona pobre do Recife) foi encontrada uma forte evidência da matrifocalidade, com destaque para a importância

¹ De acordo com Smith citado por Scott (1990, p.39) **Matrifocalidade** identifica uma complexa teia de relações montadas a partir do grupo doméstico onde, mesmo na presença do homem na casa, é favorecido o lado feminino do grupo. Isto se traduz em relações mãe-filho mais solidárias que relações pai-filho, escolha de residência, identificação de parentes conhecidos, trocas de favores e bens, visitas etc., todos mais fortes pelo lado feminino; e também na provável existência de manifestações culturais e religiosas que destacam o papel feminino.

econômica da mulher nesse contexto. Houve, também, como em outras populações pobres, uma rotatividade enorme no emprego, o que dificulta qualquer tentativa de diferenciação entre “assalariados”, “autônomos” e “biscateiros” (Scott, 1990, p.42). Portanto, faz-se necessário associar mais de um trabalho, quer seja eventual, ou fixo, a fim de estabelecer uma melhor renda para a sobrevivência da família. Esse fato já é comum em outras populações mais favorecidas.

Segundo Motta e Scott (1983), a ajuda mútua da família e de parentesco é fortalecida quando os membros da família moram próximos uns dos outros. A vizinhança serve de apoio às famílias, que se solidarizam nos momentos difíceis através de trocas, favores, empréstimos de utensílios domésticos ou através da indicação de algum companheiro da rede de vizinhança para algum trabalho ou biscate. Constatou-se, ainda, nos estudos desses autores, a ajuda mútua encarada como estratégia de sobrevivência que ocorre entre os iguais, ou seja, entre os que apresentam homogeneidade de padrões de renda e de consumo.

A população de famílias pobres (Recife-PE) estudadas por Motta e Scott (1983 p.138-146) apresenta problemas relacionados a carências, como subnutrição e falta de higiene, aparecendo, com muita frequência, a fraqueza, vermes e doenças dos nervos. Na visão desses autores, “a doença de nervos, comuns em todas as comunidades, mantém relação ainda mais forte com as áreas de maior pobreza”. A alimentação é a principal fonte de preocupação das famílias, que se preocupam com a sobrevivência dos seus membros. A impossibilidade de essas famílias gozarem, mesmo relativamente, de um bem estar físico e social, a falta de trabalho e a insatisfação social e psicológica geram no indivíduo um sentimento de incapacidade e de fracasso.

Apesar de os programas assistenciais terem o objetivo de amenizar a dura realidade da população de baixo poder aquisitivo, de acordo com Motta e Scott (1983), eles não modificam os padrões dominantes de concentração da renda. No entanto, para Vicente (1994, p.55), a falta de solidariedade e de sensibilidade para com os problemas sociais agrava muito mais a situação dessa população que, associada a outras necessidades básicas como moradia, trabalho e perspectiva de uma vida melhor dificultam a relação com o outro e consigo mesmo, interferindo em seus “vínculos e subjetividades”.

Ainda na visão de Vicente (1994), as famílias pobres, além de conviverem com carências de várias formas, convivem, também, com o estigma de não ser capaz, pela sociedade, de manter sua família e assim delegar a sua função de pais a outra família de melhor poder aquisitivo. Tais representações sociais (símbolos, idéias e imagens compartilhadas pelo coletivo) contribuem para que a pobreza seja colocada à margem da sociedade e coloca os pais pobres como desqualificados, que não amam e são incapazes de estabelecer vínculos com seus filhos. Esta visão interfere nas ações e programas de políticas públicas e na eficácia dos programas. Em função desse comportamento social, observa-se como premente a participação da família e da comunidade em discussões e planejamento de ações que envolvam o interesse de ambas as partes.

Após a visão de como essas famílias se apresentam, segue-se uma visão da família de acordo com a compreensão da Teoria dos Sistemas Gerais, cujas teses orientarão este trabalho.

2.4. Uma Compreensão da Família através da Teoria Geral dos Sistemas.

A Abordagem Sistêmica como fonte de orientação deste trabalho, justifica-se por estar adequada à compreensão das interações específicas que ocorrem na organização familiar, envolvendo as gerações num contexto biológico, psicológico e social.

De acordo com Gonzalez (1993), as diversas maneiras tradicionais de entender e tratar a família vêm adicionando-se, nos últimos anos, a um novo enfoque, que se origina a partir das investigações derivadas da Teoria Geral dos Sistemas. Essa teoria aplica-se à família como guia e permite uma nova concepção do que ocorre no seu interior. Ela parte do princípio de que a família é algo mais que a soma de suas partes. Esta teoria (TSG) constitui uma ampla abordagem multidisciplinar do conhecimento baseada no conceito de sistemas, concebida no início da década de 20, e expandida após a Segunda Guerra mundial. Teve seus fundamentos iniciais pelo biólogo Bertalanffy, (1975), seguida por vários outros estudiosos, especialmente Norbert

Wiener, que desenvolveu a Cibernética e Shannon e Weaver que desenvolveram a Teoria da Informação (Norbert Wiener; Shannon e Weaver citados por Gonzáles,1993).

A partir dos anos noventa, a Teoria Sistêmica passou por várias reformulações, permitindo a entrada de novas concepções, dando importância ao fator cultural e social como influenciadores do sistema observado (Souza e Nunes 1998).

Baseado nos estudos de Bertalanffy (1975, p.193), a Teoria Sistêmica é constituída de sistemas aberto, fechado e semi-aberto. Um sistema aberto pode ser definido como “um sistema em troca de matéria com seu ambiente, apresentando importação e exportação, construção e demolição dos materiais que o compõem”. Esse sistema troca energia e informação com o meio (biológicos, psicológicos e sociais), enquanto que o sistema fechado não se comunica com outros sistemas, ele está orientado para a desintegração e a morte. Um sistema semi-aberto realiza trocas seletivas com outros sistemas.

De acordo com Foley (1990), no sistema aberto, ocorrem três propriedades: 1º) Inteiraça – o comportamento dos membros da família é interdependente do comportamento dos outros; 2º) Relacionamento – baseia-se em conexões que ocorrem entre as partes e como interagem; 3º) Equifinalidade – o mesmo estado final pode ser alcançado de muitas maneiras e desde vários pontos de partida diferente.

Em Bertalanffy (1975); Souza (1997) encontram-se conceitos da Teoria Geral dos Sistemas, mas nem sempre se percebe a sua ocorrência nos grupos familiares como requisitos necessários a um processo de mudança. Entre eles se destacam:

Totalidade: o sistema não é visto como uma soma das partes e sim uma organização interdependente, na qual o comportamento e a expressão de cada uma das partes influenciam e são influenciados pelas outras partes.

Auto-organização: esse princípio possui um grau de determinação na sua organização familiar e uma interação entre o sistema e o meio.

Homeostase: é considerado um mecanismo regulador que garante a estabilidade do sistema. É muito usado nos processos de mudanças no sistema familiar.

Causalidade: ocorre sempre de forma circular. Destaca o aqui e agora, no entanto, existe uma relação entre o presente e o passado.

Finalidade: a família persiste em preservar os seus princípios. Mesmo que esteja ocorrendo-lhe uma disfunção, existe uma tendência natural em lutar a fim de permanecer no que é, continuar existindo e não se desintegrar.

Comunicação: a troca de informações é fundamental nas relações intrafamiliares. De acordo com Souza (1997), é através do estudo de como as partes do sistema interagem (comunicação) que se poderá perceber as inter-relações entre os subsistemas, os sistemas e os supra-sistemas. Existe uma circularidade nos sistemas interpessoais, no qual o comportamento de cada pessoa afeta e é afetado pelo do outro. A teoria da retroalimentação (feedback) é fundamental nos sistemas interpessoais. O feedback pode ser considerado positivo, quando a informação denota uma mudança, há perda da estabilidade pela ruptura da homeostase; ou negativo, quando a informação é usada para estimular os mecanismos homeostáticos.

Metacomunicação: nessa teoria, ocorre a repetição da informação por vários membros da família. Implica uma dificuldade de se comunicar, é muito comum ocorrer nas discussões familiares.

Equifinalidade: diferentes condições iniciais podem levar a um mesmo estado final ou vice-versa.

Tendo situado como a Teoria Sistêmica se apresenta, dar-se-á a seguir uma visão da família funcionando como um sistema e sua relação com os seus subsistemas e outros sistemas.

2.4.1. A Família como Sistema

Na visão sistêmica, (Minuchin, 1990); Minuchin e cols. (1999) apontam que a família é vista como uma estrutura composta de padrões interacionais que constituem a estrutura familiar. Portanto, cabe a ela interferir no comportamento dos subsistemas e colaborar na sua interação. Sendo assim, a família é considerada um sistema,

constituído por subsistemas, que representam a maneira em que suas partes influenciam uma na outra e é onde ocorre a interação das partes com suas determinadas funções. No entanto, cada subsistema se relaciona em níveis emocionais e relação de poder com papéis e funções diferentes, que se inter-relacionam. Minuchin e cols. (1999, p.21) observam que:

Nenhum sistema permanece estático. É inevitável que passe por ciclos de estabilidade e mudança. Durante um período de estabilidade, um sistema funciona através de padrões familiares e, na maioria dos casos, a repetição é adaptável. Assim, todos os sistemas que envolvem criaturas vivas são dinâmicos. Novos acontecimentos ocorrem eventualmente e, em consequência disso, os padrões estáveis são perturbados.

Minuchin e cols.(1999) acreditam que, para entender e descrever uma família, deve ser dada importância à história de vida dessa família, seu ciclo evolutivo e o modo pelo qual seus membros acreditam um no outro e se relacionam com o meio. Dessa forma, nenhum sistema permanece estático, é inevitável que passe por ciclos de estabilidade e mudança. Ainda na visão desses autores, cada família tem uma história própria, na qual faz ligação do que ocorre no sistema familiar com a estrutura de cada um dos membros, vindo a contribuir para a formação da identidade familiar.

Carter e Mc Goldrick (1995); González (1993) também corroboram a idéia de outros autores citados anteriormente, de que a família é considerada um sistema dinâmico uma vez que pode alternar estágios numa maior abertura ou fechamento para outros sistemas nos quais está inserida. Por sua vez, Souza e Nunes (1998) enfatizam que a família se comporta como um sistema aberto quando realiza trocas com o sistema maior do qual participa. No entanto, em alguns momentos, sente necessidade de se fechar para o meio e, em outros, seleciona o que deve entrar e sair caracterizando um sistema semi-aberto.

A família, por ser um sistema vivo, possui um ciclo vital que é dinâmico. Ela nasce, cresce, amadurece, reproduz em novas famílias, terminando seu ciclo com a morte dos membros que a originaram e a dispersão dos descendentes para constituírem novos núcleos familiares. Este ciclo vital está relacionado aos eventos

“nodais” que representam as idas e vindas dos membros da família, como: casamento, nascimento e a educação dos filhos, a saída dos filhos do lar, aposentadoria e morte. Esses eventos nodais interferem no subsistema e, conseqüentemente, no sistema como um todo provocando alterações (Carter e Mc Goldrick ,1995; Osório, 1996).

Por sua vez, Carter e Mc Goldrick (1995) acreditam que a família, por ser um sistema que se move através dos tempos, possui propriedades basicamente diferentes de todos os outros sistemas, porque incorporam novos membros apenas pelo nascimento, adoção ou casamento, podendo ir embora somente pela morte.

Sendo a família considerada um sistema em permanente transformação, segundo Minuchin (1999, p.23): “(...) ela é perpassada por uma hierarquia de poder que define os caminhos que a família utiliza para tomar decisões e controlar o comportamento de seus membros”.

No entanto, os padrões que lhe dão sustentação podem ser direcionados para a harmonia e/ou para o conflito. Dessa forma, podem ser desafiados à medida que os membros da família crescem e se modificam (Minuchin,1999).

Diante das transformações vivenciadas pela família, faz-se necessário que ela se adapte internamente às mudanças evolutivas como as pressões externas sofridas pelos seus membros à medida que a sociedade muda. Assim, as mudanças que a pós-modernidade nos apresenta requerem que a maioria dos pais adolescentes revise seus padrões e atitudes em relação a papéis sexuais e, possivelmente, faça mudanças que se ajustem melhor às normas sociais cada vez mais liberadas (Carter e Mc Goldrick 1995).

Na visão de Gonzalez (1993), a análise de um grupo familiar a partir de uma visão sistêmica se concentra na observação sistêmica das relações estabelecidas entre os membros da família, sendo necessário verificar as interrelações de cada elemento da família e o lugar de cada uma deles; a estrutura interna e as regras de todo o sistema que regulam o funcionamento particular dos possíveis subsistemas; os subsistemas engendrados como conseqüência de uma dinâmica peculiar de cada família e as modificações que têm lugar na estrutura de comunicação, estabelecidas como mais típicas (Gonzalez, 1993 p.54)

De acordo com Souza (1997); Féres-Carneiro (1996), além de o sistema ser considerado uma estrutura composta por um conjunto de elementos ou subsistemas, que interatuam em busca de um resultado final, ele permite a troca de matéria, energia ou informação com o meio. Assim sendo, a família, ao se comportar como um sistema aberto, faz interação com os seus membros e com o meio ambiente. No entanto, dentro do grupo familiar, cada elemento que o compõe é um subsistema, assim como as díades marido-mulher, pai-filho, mãe-filho, irmão-irmã. Continuando suas discussões, essas autoras apontam que, apesar dos sistemas vivos estarem contidos uns dentro dos outros, eles possuem a sua existência em separado, com seus limites para preservar a sua identidade. As fronteiras estão presentes no sistema, nos subsistemas e no supra-sistema que é a comunidade. Elas funcionam como regras delimitando quem participa de cada subsistema e, como participa, protege o seu interior de ações do meio ambiente e estabelece trocas entre o sistema e o meio ambiente. O grau de uma maior abertura ou fechamento das fronteiras pode gerar conflitos ou patologias de acordo com a intensidade e repetição do que ocorre entre os membros familiares.

Após a apresentação do processo dinâmico de como a família se relaciona e inter-relaciona com os seus subsistemas e outros sistemas, discute-se a adolescência como fase do ciclo vital, fase esta considerada de real importância do desenvolvimento bio-psico-social do(a) adolescente. Aborda-se também, neste capítulo, as implicações psicossociais e familiares da paternidade na adolescência e mais especificamente a paternidade na adolescência de família pobre.

3. A ADOLESCÊNCIA COMO FASE DO CICLO VITAL

“O perfume anseia e palpita dentro do botão exclamando: Ai de mim! As horas passam e todavia não sei onde vou, nem sei o que é que procuro!”

Tagore, in: Buoncompagno e Sarmento.

Considerando que a adolescência se trata de um tema vasto e controvertido, não se tem a pretensão de esgotar, nem de tomar o exposto como uma única verdade, por se acreditar que os indivíduos sofrem transformações na sua maneira de pensar e se comportar, uma vez que recebem influência do momento histórico, político, social e cultural em que vivem.

A adolescência nem sempre foi compreendida da forma como é vista atualmente. O conceito de adolescência só passou a ser assunto de interesse recentemente na cultura brasileira. De acordo com Ariès (1981), na Idade Média a adolescência era confundida com a infância, situação que perdurou até o início do século XVIII; quando veio realmente a ser denominada não como uma fase, mas como representante de uma força viril. Na verdade, a palavra adolescência se referia tanto a um rapaz como a uma criança. Somente no século XX, esse conceito adquiriu uma relevância tal que o marcou como o século da adolescência.

3.1. O Período da Adolescência

O período de início e término da adolescência sempre foi questionado por diversos autores, bem como a sua conceituação. Vitiello (1997 p.1) aponta que:

Se já é difícil a conceituação de adolescência, mas ainda é a fixação de seus limites, uma vez que quaisquer parâmetros que se queira estabelecer como marcos sofrem variações. Tanto para seu início, como para seu término, a tentativa de fixar limites cronológicos apresenta evidentes falhas, na dependência dos fatores socioculturais, familiares e pessoais.

Como uma necessidade de estabelecer uma padronização para essa faixa etária, a Organização Mundial de Saúde estabelece os limites de idade da adolescência, entre 10 a 20 anos de idade (Vitiello, 1997). Como se observa, delimitar o espaço cronológico da adolescência tem sido difícil, principalmente em nossos dias. Sendo assim, apesar de existirem vários registros de idade da adolescência, decidiu-se tomar por base o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei 8.069, de 13.7.1990 em seu artigo 2º, que considera ser adolescente aquela pessoa que tem entre 12 e 18 anos de idade.

Montemayor (1986), em sua discussão sobre o que é adolescência concorda que, embora a idade cronológica, o desenvolvimento biológico, o desenvolvimento cognitivo e o psicológico, o jurídico e o sociológico, em conjunto, favoreçam um conceito mais amplo da adolescência, estes, quando são vistos isolados, não definem o que é a adolescência porque eles não são fixos e requerem que sejam vistos na dinâmica do contexto histórico-social em que se configuram. Da mesma forma, Medrado e Lyra (1999, p.232), citam que:

essa aparente imprecisão dos parâmetros que definem a adolescência pode ser entendida, também, como uma quebra da suposta linearidade da passagem entre as fases do desenvolvimento humano e ressalta a historicidade das categorias etárias.

Na opinião de Zagury (1999, p.59), “o que define um adulto é a capacidade de prescindir da ajuda de pai e mãe em todos os aspectos de sua vida: emocional / afetivo, intelectual / cognitivo, profissional e financeiro”. Essa visão é questionada, principalmente quando se refere ao fator financeiro, em virtude das dificuldades que encontramos em relação ao sistema político e social que vivenciamos em nossos dias. Por outro lado, considerar que o jovem esteja saindo da adolescência quando demonstra maturidade física, emocional e psicológica, também é uma visão questionada, uma vez que estamos sempre em processo de amadurecimento.

Zagury (1999, p.59-60) ainda lembra que nas camadas pobres, de uma maneira geral, a adolescência termina mais cedo, porque, entre outros fatores, o jovem

necessita trabalhar para ajudar a família. Entretanto, não podemos pensar nesse fato como uma regra geral, muito embora saibamos que a partir do momento em que o jovem se sente preparado para assumir responsabilidade, o amadurecimento vem como uma conseqüência. No entanto, alguns cuidados devem ser tomados ao se fazer comparações com adolescentes de classe econômica mais favorecida. Em seu questionamento, essa autora afirma que nem sempre o fato de estudar, ou não trabalhar levaria a um amadurecimento mais lento. A forma pela qual os pais tratam esse jovem, determinando funções, delimitando espaços, regras, disciplina, acreditando no filho e na sua capacidade permite que ele adquira maturidade mais cedo. Por outro lado, aqueles que não têm suas opiniões respeitadas pelos pais, que nunca são chamados a participar, sentem-se inúteis e incapazes de receberem tais funções. Agindo dessa forma, esses pais estão cada vez mais estimulando a dependência dos filhos.

A adolescência corresponde a um período de transição, que se relaciona à passagem da dependência (marca da infância), para autonomia (característica do mundo adulto). Nessa fase, ocorrem tanto sentimentos de perdas como de aquisições (particularmente no que se refere à sexualidade) assim como a substituição da linguagem infantil pela linguagem do adulto. O adolescente dos dias atuais vive, com mais intensidade, a busca da identidade e da autonomia. Apesar de ainda trazer identificações dos valores da família tenta desconstruir modelos internalizados dos pais, padrões e regras estabelecidas (Osório, 1992; Erickson 1976).

Dando continuidade aos estudos de Osório (1992), esse autor destaca que, nas últimas décadas, a adolescência vem sendo considerada não só a transição entre a infância e a fase adulta, mas também um momento crucial no desenvolvimento do indivíduo que marca a aquisição da imagem corporal definitiva e a estruturação da personalidade. Nessa idade, as transformações alteram não apenas características biológicas, mas também as psicológicas e a inserção social. Sendo assim, não se pode compreender a adolescência estudando separadamente os aspectos biológicos, psicológicos, sociais e culturais.

Para Falceto (1996), a adolescência é um período propício ao confronto com a

família, assim como um período de questionamentos filosóficos, religiosos, sociais e éticos. É comum o jovem apresentar comportamentos inesperados e, às vezes, de risco. Por ter a necessidade de se individualizar, o adolescente tem de ver, nos adultos, pessoas diferentes dele, a quem também possa tomar como referência.

De acordo com Aberastury e Knobel (1992), o adolescente sente-se pressionado tanto pelos seus conflitos internos, quanto pela pressão externa, que se traduzem, entre o permitido e o proibido, no desejar e no não poder desejar. Enfim, esses, entre outros sentimentos não elaborados, geram uma insatisfação que se traduz muitas vezes em desprezo e revolta contra as figuras parentais, a escola e a sociedade como um todo.

No entanto, ao mesmo tempo em que o jovem deseja ser livre para satisfazer os seus desejos, sente necessidade do olhar dos pais, do que eles pensam, muitas vezes por uma necessidade de comprovação. Por sua vez, o adulto não percebe a fragilidade do adolescente, na maioria das vezes, vê-lo como ser capaz, amadurecido e passa a delegar funções que cabem ao adulto. Na verdade, apesar da velocidade das informações às quais os jovens têm acesso nos dias atuais, da mudança de mentalidade alcançada por alguns, sabe-se que, em qualquer época, o adolescente será sempre adolescente, com seus conflitos e questionamentos, pois, segundo Erickson (1976), a fase da adolescência remete a uma fase do seu desenvolvimento ainda em processo, em transição, fase de descobertas do desconhecido, do saber quem sou.

Com relação à sexualidade, cresce no pré-adolescente e no adolescente a curiosidade e a necessidade do saber. Zagury (1999) comenta que as crianças devem ser preparadas e informadas logo que se iniciam as modificações corporais. Provavelmente, até já saberão sobre o assunto, mas talvez ainda não tenham a compreensão do acontecido, da sua essência e do significado real dos fatos. Ainda na visão de Zagury (1999, p.169-171), é necessário “criar e manter um espaço de troca entre pais e filhos. É importante que os filhos saibam o que os pais pensam e quais as normas que valem naquele contexto. Conhecer o que os pais pensam ajuda os filhos a tomar decisões e agir sobre bases mais realistas.” Cabe aos pais, também mostrarem a sua visão fundamentada sobre o assunto discutido e os princípios acreditados, muito

embora não deixem de apresentar e questionar outros pontos de vista que não sejam os adotados pela família.

Por sua vez, os pais além de vivenciarem com dificuldades as próprias questões da adolescência dos filhos, sentem os valores da família ameaçados com as mudanças da modernidade, principalmente quando se referem à sexualidade dos filhos. O que se pode perceber no final do século XX e início do século XXI, apesar de uma maior liberdade sexual, é a dificuldade de os pais dialogarem com os filhos sobre sexualidade, ou da possibilidade de virem a ser pais. Esse fenômeno requer uma postura diferente dos pais diante da necessidade de um ajustamento aos novos valores vividos pelo adolescente (Preto, 1995). Esse autor sugere que:

A maioria dos pais de adolescentes terá de revisar seus padrões e atitudes em relação aos papéis sexuais. Para muitos pais, essa pode ser uma tarefa muito difícil, especialmente se seus valores estão de acordo com o duplo padrão mais tradicional (Preto, 1995 p.227).

Culturalmente, originadas das nossas raízes patriarcais, as preocupações dos pais em relação à sexualidade dos jovens estão mais voltadas para uma possível gravidez da filha. Embora exista o medo de uma gravidez acontecer, não existe uma conversa aberta, na forma de esclarecimento de uma vida sexual com responsabilidade. Com os rapazes, a conversa se passa num alerta, de ter cuidado (Bruns e Trindade 2001). De acordo com essas autoras, é comum encontrar no discurso de rapazes, e muitas vezes reforçado por pais e adultos que “filho é coisa de mulher”, ou “é a mulher quem deve se preocupar, afinal é ela quem fica grávida”. Na visão das autoras, esse posicionamento pode fazer com que o rapaz não se sinta responsável por sua vida sexual e afetiva, não se preocupando com a garota com quem fica ou que namora (Bruns e Trindade 2001, p.15).

Arilha e Calazans (1998) comentam que as possíveis mudanças na forma de o adulto lidar com a sexualidade repercutiram nas relações dos adolescentes. No entanto, a percepção dos jovens em relação aos valores e práticas sexuais se diferencia de acordo com o contexto que ocorrem e da região, uma vez que sofre influência de

gênero, raça, idade e classe social. As outras questões que atingem os jovens relacionadas a drogas e a álcool independem de classe social e da região. Ainda dando continuidade aos estudos desses autores, eles nos trazem que AIDS, drogas e o homossexualismo são fontes de maior preocupação para as famílias e os professores. A gravidez, por estar diretamente associada à prática da sexualidade, faz parte de uma construção de “um campo simbólico da cultura adolescente em que se desenha o acesso à vida jovem e livre”(Arihla e Calazans, 1998, p. 3).

Vários questionamentos são feitos em relação aos adolescentes iniciarem sua vida afetivo-sexual numa idade cada vez mais tenra. Para Buzzi (1997, p.2), o comportamento sexual dos jovens está associado às transgressões das normas morais e legais da sociedade, “sendo que, o enfraquecimento progressivo das normas e dos vínculos sociais ligados à esfera da sexualidade, parece cada vez mais pertencer ao livre arbítrio do indivíduo singular, e cada vez menos objeto do controle social”.

Por outro lado, as expectativas dos pais em relação aos projetos de vida dos filhos parecem se diferenciarem, tanto com relação aos gêneros, quanto em relação ao tipo de família, por exemplo, da mais tradicional à mais moderna. O olhar da família tradicional reforça padrões de comportamento ao encorajar os filhos do sexo masculino a viverem, com independência, a se dedicarem aos estudos e às atividades profissionais. Ao mesmo tempo, as meninas não são estimuladas, o que as leva a lutar cada vez mais pela independência e a desafiar valores mantidos pelas gerações anteriores (Preto, 1995).

O ciclo de vida familiar sente-se afetado com as possíveis mudanças e transições às quais passam os membros da família. As perdas na fase de transição do adolescente são inevitáveis, tanto para o adolescente, com a perda do eu infantil e da família considerada sua primeira fonte de amor e de afeição, como para os pais em não saber lidar e aceitar a independência dos filhos. De acordo com Preto (1995), os pais, às vezes, incapazes de lidar com a perda do filho dependente, passam por séria depressão, assim como para o adolescente a perda de um primeiro vínculo romântico também pode desencadear um estado depressivo.

Esta dificuldade dos pais em aceitarem a independência dos filhos interfere

negativamente na vida do jovem, pois o impede de crescer como pessoa e como profissional, diferenciando-se desses pais. De acordo com a experiência clínica, percebe-se que o conflito pelo qual os jovens passam é revertido aos pais através de agressão, culpa, mágoas, sentem-se temerosos, inseguros e despreparado para enfrentar a vida. Os jovens de famílias pobres vivem sem muitos transtornos os conflitos com os pais em relação a sua independência. De acordo com Olavarría e Parrini, (1999) os jovens de famílias pobres, à medida que crescem, começam a assumir responsabilidade de provedores com suas famílias, seja por uma decisão sua, ou porque os pais os lembram de que devem trabalhar para colaborar com a manutenção da família, portanto conciliar estudo e trabalho significam para esses jovens uma dupla jornada que os impede de ter um lazer.

Tendo situado o adolescente nessa fase específica do seu desenvolvimento, abordar-se-á, com mais especificidade, os aspectos psicossociais e familiares da paternidade na adolescência.

3.2. A Paternidade na Adolescência – Aspectos Psicossociais e Familiares.

As reflexões que permeiam a temática da paternidade adolescente não remetem somente à sexualidade isolada dos jovens, mas a um conjunto simbólico de concepções internalizadas e relacionadas a valores, crenças, desejos, relações de poder, que constituem o entrelaçamento de uma herança histórica, social e cultural de uma determinada época, além de estar associada aos fatores internos e externos os quais fazem parte da vida desse indivíduo (Ariès, 1981; Foucault, 1985).

Com base no pensamento de Áries (1981); Foucault (1985), é possível entender o comportamento do pai adolescente como refletindo um movimento dinâmico na família. Leva a também refletir sobre a necessidade de contribuir com os nossos pensamentos e ações a fim de desmistificar estereótipos do pai adolescente, relações de poder determinadas a cada gênero, preconceitos e conceitos incorporados pela família principalmente relacionados aos padrões familiares, papéis sociais e sexuais. Enfim, como ajudar a família a con(viver) com as mudanças que a afetam impostas pela

sociedade e pelo momento histórico vivido?

O estereótipo do pai e, principalmente do pai adolescente como omissor tem perdurado no imaginário da nossa população, embora, de acordo com Reis (1997), a partir dos anos 80, esta visão tenha sido modificada. A reprodução adolescente começou a ser tratada numa perspectiva nova, pela inclusão da participação do adolescente masculino no processo reprodutivo, primada pela condição de existir de cada gênero.

Robinson (1988) acredita que o estereótipo da paternidade na adolescência cria uma imagem desse pai e tem como característica a irresponsabilidade. Segundo esse autor, de acordo com as pesquisas, a partir dos finais dos anos 80, essas representações desfavoráveis a respeito da paternidade na adolescência, começaram a se diferenciar. Ao concluir, esse autor aponta que a participação dos pais adolescentes em programas de saúde específicos favorece para que estes se tornem mais atuantes, junto as suas parceiras, no processo da gravidez e após a chegada do filho.

Lyra da Fonseca (2001), ao refletir sobre o estereótipo que a população traz de omissão do pai e mais precisamente do pai adolescente, enfatiza que esse comportamento da população tem sido baseado numa construção social da masculinidade. A fim de mudar essa maneira de pensar, busca-se portanto, a construção de um lugar social para a paternidade adolescente. Essa busca originou-se a partir do incentivo das políticas públicas do tema abordado na literatura, de ações sobre a nova paternidade e da inclusão dos homens, pais e familiares como participantes nas discussões do seu papel no processo reprodutivo.

Como se pode observar na literatura, busca-se um espaço para esse pai adolescente como sujeito social, no qual sua voz seja acolhida, seu desejo e anseios sejam respeitados e ouvidos. Na nossa sociedade, o pai adolescente sempre foi visto como incapaz de cuidar do filho e de ter uma família, por outro lado, a mãe adolescente foi sempre responsabilizada e culpada por ter se deixado engravidar. Embora se saiba que ambos são responsáveis pelo processo da maternidade/paternidade, a imagem recebida e introjetada pelo adolescente de ausente, omissor e não responsável pelo processo da paternidade pode ter contribuído para alguns jovens se comportarem como o esperado pelas instituições e pela sociedade (Lyra da Fonseca, 2001). Esse autor

aponta que:

O silêncio sobre a paternidade adolescente decorre basicamente de dois fatores: o filho é percebido, em nossa sociedade, como “sendo da mãe”, e o (a) adolescente é principalmente reconhecido(a) como filho(a) (p.186-187).

Em nossa sociedade, especialmente na classe média e alta, o pai adolescente, na maioria das vezes, não é encorajado a assumir o seu papel de pai. Muitas vezes, não porque queira, mas pelo próprio posicionamento dos seus pais, das instituições e da sociedade como um todo, que posterga essa responsabilidade para uma idade adulta. Esse posicionamento tanto pode servir a um pensamento de uma idealização profissional, como, por outro lado, pode significar um controle do exercício da sexualidade dos jovens (Lyra da Fonseca 1997; Trindade e Bruns 1999).

Por sua vez, as idealizações que os pais têm em relação aos projetos de vida dos filhos podem ter por finalidade satisfazer um desejo não realizado e que, quando não cumprido pelos filhos, projeta nesses sentimentos negativos. Sendo assim, esse acontecimento, por não fazer parte dos projetos de vida familiar, pode trazer maiores implicações à vida da família, repercutindo de forma negativa.

Essa percepção parece ser reforçada por uma pesquisa realizada em Ribeirão Preto-SP, no ano (1996 a 1997). Sete pais adolescentes foram entrevistados sobre suas vivências como pais. Através de seus discursos, foi percebido que a paternidade parece mais um acontecimento inesperado, do que propriamente indesejado. A vontade de ser pai não deixa de existir, ocorrendo mais tarde, após estudar e trabalhar. Essa concepção parece revelar o que encontramos no discurso do senso comum. Percebeu-se também existir um sentimento de ambigüidade fazendo parte do cotidiano desses jovens, ou seja, momentos em que se deseja o filho e outros não. Essa ambivalência nos sentimentos denota que as ações realizadas se baseiam numa reprodução da aprendizagem vivenciada por outros, sem argumento crítico. Dessa forma, esses jovens não se percebem co-responsáveis pelo ato de conceber esse filho (Trindade e Bruns, 1999).

Autores como Loewenstein e Barker (1998), detalharam ainda mais essa questão ao relacionar a educação que recebemos quando criança. Acreditam que a educação

recebida na infância vai sendo incorporada e serve de determinante para o tipo de pai ou mãe que o adulto venha a ser, repercutindo na adolescência ou na fase adulta de forma negativa ou positiva, de acordo como as mensagens que foram transmitidas.

É observado também que o comportamento do pai sofre alteração de acordo com a classe social e a cultura a que está inserido. Numa pesquisa realizada no Rio de Janeiro (1994-1995) com jovens de classe baixa sobre questões relacionadas a gênero, sexualidade e a paternidade, foi encontrado que adolescentes do sexo masculino percebem a figura do pai como irrelevante para a criação e educação dos filhos. Eles têm a figura do pai voltada para um modelo paterno como normalmente frágil ou negativo, e a figura da mãe como a mais importante referência educacional. Os dados dessa pesquisa divergem quando confrontados com pesquisas em outras classes sociais, como, por exemplo: a classe média, intelectual e urbana, na qual o exercício da paternidade aparece com mais frequência (Loewenstein e Barker, 1998).

Ainda dando continuidade aos estudos de Loewenstein e Barker (1998), esses autores fazem uma reflexão sobre resultados encontrados numa pesquisa com adolescentes e jovens adultos do sexo masculino de baixa renda no Rio de Janeiro, no ano de 1996. Um certo número de homens apresentou discursos diferenciados e progressistas, enquanto outros permanecem com a postura de um cenário patriarcal/machista. O que torna, então, esses jovens homens diferentes dos demais? Por que alguns se apresentam desejosos de assumirem compromissos paternos e outros não atingiram esse nível de compreensão? Essas questões levam a acreditar que este homem novo e progressista que está sendo criado parece ser fruto de uma educação que paulatinamente vem sendo construída. Como resultado as suas reflexões, o autor conclui que:

Se partirmos do princípio de que o pai descompromissado e emocionalmente distante dos filhos é uma figura socialmente construída e não biologicamente predeterminada, então a figura do pai compromissado e que cuida dos filhos é também uma realidade socialmente construída (Loewenstein e Barker, 1998, p. 151-152).

Por outro lado, ainda de acordo com a reflexão de Loewenstein e Barker (1998), nota-se que as questões de gênero também influenciam o jovem no seu papel de pai quando o seu grupo de iguais em vez de o apoiar, discrimina-o, considera-o afeminado

quando ele se dedica às atividades domésticas, ou o rejeita quando o jovem demonstra suas dúvidas, sentimentos e emoções. Esses jovens, ao mesmo tempo em que são socialmente impedidos de exercer o que gostariam de ser, (um pai cuidadoso, dedicado e comprometido), não se sentem satisfeitos com a percepção que têm do papel dos seus próprios pais, pelo comportamento baseado numa sociedade patriarcal/machista.

As considerações de Loewenstein e Barker (1998), no que se referem ao comportamento do jovem em relação ao gênero e ao espaço social para estes colocarem suas dúvidas e emoções, são verificadas no exercício de uma experiência profissional em grupos educativos com jovens. Eles relatam que, na maioria das vezes, não encontram espaço para verbalizarem e expressarem seus sentimentos. Por sua vez, em relação à sexualidade, na família, a dificuldade de verbalizar se torna difícil, esses adolescentes vêem a mãe como figura mais próxima a seus questionamentos. As escolas, apesar dos avanços conquistados, ainda requerem uma maior abertura, principalmente nas tradicionais onde o espaço é dado de forma muito simplificada, sem explorar, com naturalidade, essas questões. O que se pode observar, de acordo com a citada experiência clínica e com grupos educativos de adolescentes, é que existe uma diferenciação na fala dos participantes nos encontros individuais e em grupo. O medo de não ser aceito pelo grupo gera a omissão dos sentimentos disfarçando através de gestos e risos. Essas reflexões corroboram com o pensamento de Loewenstein e Barker (1998) quando afirmam que o homem, ainda para ser considerado e aceito por seu grupo de iguais, precisa dar continuidade às características próprias do mundo masculino. Esse autor acredita que “a construção social da sexualidade masculina na nossa sociedade quase que impede o menino e, sobretudo, o homem de demonstrar uma curiosidade, um carinho ou um amor não sexuado.” (Loewenstein e Barker, 1998, p. 159).

Diante dos fatos relatados sobre as transformações ocorridas na família e nos modelos da paternidade do indivíduo, mudanças lentas e silenciosas têm se mostrado presentes num âmbito cultural. As diferentes formas de modelos de família impulsionam o indivíduo a conviver e adaptar-se a novos modelos familiares, ou, por outro lado, a se inquietar, ou a não aceitar determinadas posturas de seus pais de

origem ou instituições que têm o propósito de controlar e individualizá-lo. Autores como Loewenstein e Barker (1998, p.162) acreditam “nesses homens novos progressistas” e mostram que dados de sua pesquisa já trazem a preocupação e questionamento de alguns jovens quanto “às regras machistas definidas e praticadas pela educação tradicional e pela educação de rua.”

Montgomery (1998) faz uma reflexão sobre os direitos e poderes que as mulheres adquiriram sobre os filhos, seja através das Leis Judiciais, seja quanto ao poder que perpassa no interior dessa mulher, excluindo o pai das atribuições da educação, do direito à licença do trabalho (para ficar mais afetivamente em contato com a criança após o parto), da presença e participação na hora do parto, pois o acesso se restringe a alguns, dependendo da situação financeira. Surge o questionamento: será que por ser a mulher a mãe biológica, teria mais direitos que o pai sobre a criança? Na visão desse autor, o novo pai encontra dificuldade em ser esse novo pai, mesmo ele se mostrando capaz de partilhar as tarefas do dia-a-dia. Como elemento de formação do núcleo familiar, a paternidade ainda encontra dificuldade de conquistar esse espaço.

Os estudos de Amazonas (1999) apontam que as próprias adolescentes da fase contemporânea, quando engravidam, esperam do pai da criança o papel de provedor, quando relata:

De um modo general, las adolescentes presentan la creencia de que la pareja debe compartir responsabilidades, pero simultaneamente presentan también la creencia de que la mujer debe asumir la mayor parte de las responsabilidades en el âmbito doméstico y el hombre la mayor cota de responsabilidades en la manutención de la familia (p.458-459).

Esse pensamento das jovens interfere no comportamento do pai da criança, dificultando o desempenho do papel de pai, fazendo-o perceber-se apenas como provedor e responsável pela manutenção da família. Sendo assim, dá-se continuidade a um comportamento que tem o predomínio de uma tradição originada do patriarcalismo. Por sua vez, esse pai, carente de trabalho, comporta-se e percebe-se como omissor, irresponsável no papel de pai. Esse fato é sentido como uma profunda perda de valor que irá refletir numa baixa-estima. De acordo com Olavarría (2000), quando os jovens são pressionados a corresponder às expectativas de sua

companheira ou da sociedade, mas não correspondidos, sentem um certo incômodo, frustração e dor, omitem seus sentimentos e reprimem a demonstração de seus afetos por sua companheira e filhos, comportando-se de forma diferente dos seus sentimentos. Por outro lado, Lyra da Fonseca (2001, p.208) aponta que “homens que não rejeitam a paternidade psicológica encontram, muitas vezes, barreiras para expressá-las, colocadas pelas instituições, por outros homens, por mulheres e por suas próprias limitações”.

Olavarría e Parrini (1999), comentam que alguns questionamentos têm sido colocados em relação ao acontecimento da paternidade na adolescência, por exemplo: Por que isto acontece? O que significa, em sua vida, essa experiência? Em que circunstância se produz? Que efeitos têm em suas vidas. O que se observa na literatura é que as opiniões dos autores são diversificadas. De acordo com Bruns e Santos (2001), muito se tem discutido sobre a causa que levam os jovens a tão cedo serem pais, contudo não temos uma causa que leve a esse comportamento e sim várias, por ter relação com um conjunto de vivência dos jovens. Ainda de acordo com essas autoras, os adolescentes vivenciam seus relacionamentos afetivo-sexuais cada vez mais cedo, sem considerar a importância do uso dos métodos contraceptivos.

De acordo com uma pesquisa realizada em FLACSO (Faculdade Latinoamericana de Ciências Sociais – Chile/1999), com pais de classes pobres e com pais de nível sócio econômico e médio, foi concluído que um grande percentual dos jovens adolescentes são sexualmente ativos e que a paternidade na adolescência tem relação com o envolvimento e relacionamento anterior do rapaz com a garota. Quando existe o desconhecimento, ou o não uso dos métodos contraceptivos, a gravidez se transforma numa surpresa. No entanto, quando a gravidez ocorre numa relação de pouca convivência, ela é considerada um descuido na sexualidade. A falta de conscientização do ato desencadeia conflitos e desafios e a relação com a parceira, na maioria das vezes, agrava-se tomando outro rumo (Olavarría e Parrini, 1999).

Ainda tendo por base o estudo de Olavarría e Parrini (1999), o grau de aceitação ou rejeição do pai pelo seu filho tem a ver com o tipo de relação que ele tem com a sua parceira dos projetos e planos a que aspira.

A gravidez pode ser vivida pelo jovem adolescente como algo que transtorna

seus projetos e quebra seu curso biográfico. Surge como um impedimento a uma realização pessoal ou às aspirações de ascensão social. Implica pensar em outros aspectos que não havia considerado. É sentido como um erro, um equívoco, de custo alto (Olavarría e Parrini 1999, p.14).

A notícia da gravidez provoca geralmente uma forte crise e desperta sentimentos acerca do futuro pessoal e das conseqüências do acontecido, Olavarría e Parrini (1999, p.14). As reações iniciais podem ser diversas, desde intensa frustração ou raiva, uma vez que compromete o futuro e seus planos. Por outro lado, quando a notícia é recebida com alegria e felicidade, pode fortalecer a relação com a parceira.

3.3. A Paternidade Adolescente de Famílias Pobres

Após a reflexão dos efeitos que a paternidade na adolescência suscitam, discutir-se-á a paternidade na adolescência de famílias pobres, levando em consideração as repercussões ocorridas com a paternidade nos seus projetos de vida, papéis sociais, relacionamentos, vida conjugal e familiar.

Muito se tem discutido sobre as implicações da paternidade na adolescência de forma desfavorável, principalmente quando ocorre com os pais adolescentes de famílias pobres (Olavarría e Parrini 1999). Não resta dúvida de que a questão financeira tem o seu peso, principalmente quando associada aos conflitos da fase da adolescência. Os familiares também interferem com mais intensidade na dinâmica da família e a menos favorecida é a mais atingida. Na verdade não se pode negar, restringir ou desvincular esse indivíduo do seu contexto sócio-econômico.

Longhi (2001, p.32-34), em sua dissertação sobre pais pobres, reflete as implicações que esse pai enfrenta no exercício da paternidade, essa autora aponta que “o pai-pobre como provedor que não consegue cumprir seu papel, já entra na história como o lado problemático da mesma”. Longhi, (2001); Sarti, (1996) compactuam o mesmo pensamento quando lembram que o termo, família-pobreza está relacionado ao fator econômico – carência material, esta tem predominância sobre a carência simbólica, a qual enfraquece o homem pobre e faz com que este se perceba e seja considerado incapaz de compreender e dar conta de sua própria história.

Olavarría e Parrini (1999), ao fazerem uma comparação da situação de vida do

pai adolescente pobre com o pai adolescente de nível sócio-econômico médio e alto, concluíram que as dificuldades a serem enfrentadas pelo jovem de situação econômica menos favorecida são bem maiores, quando se encontram na condição da paternidade, isto porque traz implicações tanto de ordem financeira, quanto emocional. Esses autores lembram ainda que os jovens de classe popular são carentes de informações que os preparem para a vida adulta, pela própria falta de condição da família. Nesse contexto de vida, eles iniciam sua adolescência sem muitas perspectivas de futuro e sem ter claro um projeto de vida. Mesmo que exista nessa família o clima de harmonia e afeto, ou o desejo dos pais que os filhos tenham um futuro melhor que o seu não é suficiente para esse jovem pensar em termos de futuro, uma vez que faltam elementos que os orientem e os apoiem pela falta de recursos da família (Olavarría e Parrini, 1999).

Por outro lado, o jovem que convive no seu próprio lar com a violência, alcoolismo ou ausência do pai enfrenta dificuldades que o desafiam a todo o momento. Até que ponto essa família e a sociedade atual proporcionam condições para o jovem enfrentar o seu ritual de passagem? (Olavarría e Parrini, 1999). Ainda de acordo com a visão desses autores, a ausência do pai provedor aumenta a necessidade de o jovem muito cedo entrar no mercado de trabalho, passando desde cedo a incorporar a responsabilidade de cooperar com a manutenção da família, ou ter a sua própria independência financeira. Esse fator é considerado um ponto positivo da paternidade na adolescência de família popular, uma vez que esses jovens quando são acometidos de serem pais na adolescência vivenciam essa fase com mais facilidade por já ter incorporado o senso de responsabilidade e desafios. No entanto, a dificuldade aumenta quando o jovem tenta associar o trabalho ao estudo. Contudo, o desejo de construir um projeto de vida com a sua parceira casar-se, trabalhar cria expectativas e estimula-o, estruturando-o e dando sentido à vida.

Kiernan (1997) aponta que pais e mães adolescentes são mais prováveis a virem de famílias economicamente em desvantagem e ter um baixo nível educacional que irá dificultar sua carreira ocupacional e a remuneração financeira. Conseqüentemente, o fato de serem pais jovens de situação econômica desfavorável significa que são mais prováveis a terem menos recursos para investirem em si

próprios e em seus filhos, gerando, assim, um problema social tais como: precárias condições de moradia, desemprego, menores chances de vida, baixa-estima e dependência social. Concluindo, esse autor sugere a necessidade desses dados serem mais bem avaliados .

Repercussões na maternidade e paternidade na adolescência em famílias pobres como baixa condição de moradia e baixo rendimento escolar aparecem freqüentemente na literatura como supostos fatores negativos no futuro, embora esses dados requeiram maior atenção. Além disso, os pais adolescentes comparados com os não pais parecem trabalhar mais horas para obter mais dinheiro principalmente no primeiro ano de vida da criança. Dessa forma, esses pais obtêm um baixo nível educacional, contribuindo para que esses jovens tenham atividades instáveis e não especializadas no mercado de trabalho (Brien e Willis; Marsiglio, citados por Coley e Chase-Lansdale 1998).

Fagot et al (1998); Marsiglio (1986) verificaram que adolescentes originados de família de baixa renda e de baixa instrução acadêmica têm maiores chances de se tornarem pais. Esses autores também relatam que a maioria dos pais adolescentes tinham saído da escola e apresentavam um baixo nível de aspiração profissional, isto é, esses autores apontam uma alta probabilidade de evasão escolar nos adolescentes que se tornaram pais.

Por outro lado, outros autores estudaram as implicações da paternidade na adolescência de pais pobres sob um aspecto favorável. De acordo com Fagot e cols. (1998), os jovens que têm baixa condição financeira e poucas chances de exercer o seu papel na sociedade parecem sentir que a paternidade lhes oferece um papel positivo, estimulando-os a dar continuidade ao seu papel de pai. Ainda na visão desses autores, embora a paternidade não tenha sido planejada pelos pais adolescentes, muitos pareceram aceitar como algo que poderia melhorar suas vidas e fazer deles adultos plenos (Fagot e cols. 1998).

Elster (1986) comenta que a gravidez na adolescência nem sempre é vista de forma negativa como apresentam alguns pesquisadores e clínicos. Esse autor tem observado que há casais adolescentes que têm mostrado um bom desempenho na escola, vida familiar e cuidado com a criança. Considera ainda que a gravidez e a

paternidade podem propiciar a alguns pais adolescentes benefícios emocionais substanciais.

Após o que foi exposto sobre o que ocorre na adolescência, durante a fase do seu ciclo vital e das repercussões da paternidade na adolescência, segue-se a metodologia.

4. METODOLOGIA

“O rio sente prazer em nos levar apenas quando ousamos soltar-nos. Nossa verdadeira tarefa é esta viagem, esta aventura”.

Richard Bach

4.1. A Escolha Metodológica

Buscamos compreender as repercussões da paternidade na adolescência de famílias pobres, através da fala dos jovens e de seus familiares. A escuta dos participantes favoreceu para que se sentissem acolhidos e respeitados enquanto retratava a sua história de vida. Minayo (1999, p.109 -110), quando se refere ao significado da fala, comenta que esta tem a possibilidade de ser “reveladora de condições estruturais, de sistemas de valores, normas e símbolos e, ao mesmo tempo, ter a magia de transmitir através de um porta voz, as representações de grupos dominantes em condições históricas, sócio-econômicas e culturais específicas.”

O procedimento utilizado possibilitou também para que existisse um clima de confiança, que veio facilitar a penetração no mundo privado de cada sujeito, de forma que, juntos, pesquisador e participantes fossem favorecidos. Em alguns participantes, observou-se a dificuldade de expressar os seus sentimentos, em outros, a fala propiciou a diminuição da tensão e ansiedade diante da revelação de algo ainda não discutido na família.

A entrevista semi-estruturada foi usada como instrumento metodológico e objetivou colher informações mais espontâneas possíveis, acerca da experiência de vida dos sujeitos, além de “possibilitar uma investigação mais ampla, e profunda da personalidade do entrevistado” (Bleger, 1980 p.10). Esta entrevista permitiu ao entrevistador, de uma forma dinâmica, acrescentar questionamentos que completassem os temas sugeridos no roteiro de acordo com os objetivos.

4.2. Objetivos:

Objetivo Geral:

Compreender as repercussões da paternidade na adolescência na organização das famílias pobres.

Objetivos Específicos:

Conhecer as mudanças que a paternidade trouxe para o adolescente e a família nos seus projetos de vida (estudo, trabalho e relações sociais).

Verificar as possíveis alterações da paternidade na adolescência na relação do adolescente com os seus pais, do ponto de vista dos papéis familiares.

4.3. Caracterização da Pesquisa

O assunto pesquisado prioriza a fala do pai adolescente, ainda pouco explorada na literatura científica. Por outro lado, ao fazer o levantamento da literatura, constatou-se também a ausência do tema, principalmente quando se refere às representações, sinais e símbolos que denotam a subjetividade do indivíduo, bem como do olhar da família nesse processo, uma vez que altera os papéis e a organização familiar.

O estudo compreendeu um total de oito famílias pobres (o adolescente e seus pais). Dessas oito famílias, três foram utilizadas para o estudo piloto e cinco fizeram parte da pesquisa efetiva.

O estudo piloto foi realizado com o objetivo de avaliar o instrumento aplicado e reajustá-lo de acordo com a necessidade. Foi aplicada uma entrevista individual, semi-dirigida a cada um dos participantes adolescentes e seus pais e/ou tios, avós que

exercem a função de pais. Como critério de inclusão, foram privilegiados adolescentes primíparos, com idade variante de 16 a 19 anos de idade com um filho(a) na idade entre 3 meses a 01 ano de vida. Os participantes do estudo são originados de famílias pobres, residentes na periferia da cidade do Recife-PE. Após a avaliação das entrevistas, seguiu-se a segunda fase, com os mesmos procedimentos e critérios utilizados no estudo piloto. As entrevistas foram gravadas, transcritas e, posteriormente, analisadas de acordo com os objetivos propostos e a compreensão da Teoria Geral dos Sistemas.

Em relação à faixa etária do adolescente, adotou-se o critério do código civil do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, referendado anteriormente.

4.4. Procedimentos

Inicialmente, houve um contato da pesquisadora com os adolescentes, estes pais foram selecionados e contactados através do ambiente de trabalho e de indicação de profissionais. O contato com os participantes se dividiu em dois momentos. Inicialmente foram realizadas as entrevistas com os pais adolescentes, individualmente. Dois dos pais adolescentes foram entrevistados no curso que os mesmos frequentam, com a permissão da direção do curso e os três restantes foram entrevistados nas suas residências. O primeiro contato da pesquisadora com os pais dos pais adolescentes foi realizado através do telefone público (comunitário - nas proximidades de onde reside o adolescente) a fim de saber da possibilidade da realização da entrevista em sua residência, bem como dia e horário mais convenientes para eles. No segundo contato (na residência), foi colocado o objetivo do estudo e o vínculo da pesquisadora com o Mestrado em Psicologia Clínica na UNICAP. Foi enfatizado o sigilo e a importância da participação de todos, bem como a possibilidade de a entrevista ser gravada. Solicitamos um espaço da residência que desse uma maior privacidade ao entrevistado e entrevistador, evitando a interferência de terceiros durante a entrevista que aconteceu de forma individual. O tempo de

aplicação da entrevista foi em torno de uma hora e trinta minutos permitindo que os entrevistados falassem livremente.

Nas entrevistas, todos se mostraram muito receptivos e disponíveis, fornecendo as informações necessárias. Algumas vezes, percebeu-se uma certa ansiedade dos familiares em falar de seus sentimentos, iniciando a fala antes que fosse dado início à gravação da entrevista. Ao acolhermos a fala dos participantes, esta foi sentida como desabafo, com sussurros, em algumas vezes, por se tratar de uma intimidade ainda não revelada à própria família. Observamos que não existia o cuidado na escolha das palavras e nem na forma de passar as informações. As experiências do passado eram vivências fortes de teor emocional e dificultava a clareza da fala.

4.5. Perfil Sócio-Econômico e Cultural dos Participantes

Os fatores sócio-econômicos da população em estudo aparecem com bastante evidência, tendo em vista os conflitos existentes na organização das famílias serem principalmente provenientes da situação financeira das famílias, pela preocupação em manter um membro recém-chegado.

Neste estudo, todos os participantes exercem atividade informal, sobrevivem de biscates², considerados por eles de bicos. Os pais dos adolescentes não possuem vínculo empregatício, sobrevivem de atividades profissionais informais: como auxiliar de pedreiro, vendedor ambulante ou serviços gerais. Os avós e tios que os criaram, sobrevivem da aposentadoria e também de biscates, conforme o demonstrado no quadro 1:

De acordo com a classificação da Fundação SEADE (1994), considera-se que na escala socioeconômica as famílias estão subdivididas em quatro escalas. Grupo A, B, C, e D. O grupo C é considerado uma faixa intermediária, são carentes em moradia (tamanho menor e construção com material inadequado), mas estão bem inseridos no mercado de trabalho. O Grupo D – são carentes em moradia, instrução, emprego e renda. O nosso estudo se refere ao grupo caracterizado como D e será chamado de família pobre.

² Biscate: Serviço simples e rápido de pouca importância. **Dicionário eletrônico da língua portuguesa, versão 1.0.** Houaiss, A (2001).

Quadro 1

SITUAÇÃO DA FAMÍLIA DE ORIGEM DOS PAIS ADOLESCENTES		
PAIS DOS ADOLESCENTES	ESCOLARIDADE	PROFISSÃO
01 – mãe pai tios	Primário incompleto ausente primário incompleto	Doméstica/assalariada Biscateiro Aposentados
02 – mãe (ausente) pai (ausente) avós	primário incompleto desconhecida primário incompleto	Faxineira Biscateiro Aposentada/falecido
03 – mãe pai	primário incompleto primário incompleto	Faxineira Biscateiro
04 – mãe pai avós	primário incompleto primário incompleto primário incompleto	Aux.Serv.Gerais Biscateiro Aposentado/falecida
05 – mãe pai (ausente)	primário incompleto primário incompleto	Aux.Serv.Gerais Pedreiro

Essas famílias são consideradas pobres (ex-favela) e/ou muito pobres (moradores de favela). Os pais não possuem vínculo empregatício, não concluíram o ensino fundamental e vivem em condições precárias de moradia, como: falta de saneamento básico, esgotos, divisões na casa que dê uma maior privacidade aos membros da família, poucos utensílios domésticos e em pior estado de conservação. As condições de infra-estrutura de moradia se diferenciam entre os moradores do bairro e as famílias dos participantes. A maior parte mora em casa alugada ou em barraco, como chamam. Foi observado que é comum às filhas (mãe e tias e irmãos) dos pais adolescentes mesmo já tendo um novo parceiro se aglomerarem com seus filhos na residência dos seus pais de origem, passando a viverem numa mesma residência (pais, filhos, netos, tios, tias). Esse fato foi explicado pela dificuldade financeira dos filhos. Na falta de emprego, as filhas e os netos passam a depender dos pais de origem, que sobrevivem de uma aposentadoria (INSS).

Todas as mães e pais dos adolescentes tiveram mais de um relacionamento, das cinco famílias que fazem parte desta pesquisa, só uma das mães permanece com o pai dos seus filhos. Três mães desses adolescentes possuem vínculo empregatício, ganhando em torno de um salário mínimo. Esse fato parece justificar a impossibilidade de cada família ter a sua independência pela ausência de condição financeira.

As mulheres das famílias em estudo pela pesquisadora são consideradas chefes de família. Estas apresentam, em sua maior parte, o domínio e o direcionamento pela busca de sobrevivência. Buscam, através de atividades domésticas, alternativas de sobrevivência, devido à ausência do companheiro, para contribuir com a renda familiar. Dados do IBGE (2002) revelam mudanças nas famílias brasileiras, sendo a principal delas o crescimento das famílias chefiadas por mulheres. Observa-se que essa mudança de comportamento nas famílias tem relação principalmente com o sistema sócio-econômico.

Na realização da pesquisa de campo, houve a impossibilidade de entrevistar três pais, dos cinco adolescentes, por vários motivos, por exemplo: ter abandonado a parceira, antes ou após o nascimento da criança, ou por ter ido morar em outro estado, constituindo uma nova família. As próprias mães alegaram não saber onde eles poderiam se encontrar. Foi observado através das falas de algumas das mães dos pais adolescentes, ressentimento, mágoas pela omissão e afastamento dos pais do adolescente. Esse afastamento, na maioria das vezes, ocorreu durante a gestação do filho. A falta dos pais biológicos é sentida pelos pais adolescentes como omissão, indiferença e falta de compromisso. Os mesmos, ao tomar o comportamento dos seus pais, como exemplo, almejam ser um pai diferente do que teve, se dedicando ao filho, e desejando manter a sua família.

Se, do ponto de vista sociológico, a ausência de vínculo na relação mãe-filho ou pai-filho pode ser vista como um comportamento habitual, psicologicamente a figura do pai é básica, tanto quanto a figura da mãe. Na adolescência, é imprescindível o apoio dos pais aos filhos de ambos os sexos para conseguir a identidade genital, no entanto, a figura do pai na relação com o filho é fundamental (Aberastury e Salas, 1984).

Dessa forma, observou-se que as vivências dos participantes representam o seu mundo particular que, em alguns momentos, pode ser sentido como sofrimento, abandono, revolta e em outros momentos pode ser sentido como algo que o motiva, que o estimula a diferenciar-se da sua realidade.

Os pais adolescentes não possuem vínculo empregatício, sobrevivem de “bicos”, que, para eles, significa uma alternativa de trabalho e serve como estratégias de sobrevivência. Constatou-se, nesta pesquisa, que os jovens, buscando situações alternativas de sobrevivência, continuam, alguns deles, dependendo da ajuda dos avós, que sobrevivem de uma aposentadoria (INSS). Alguns avós assumiram guarda dos netos desde o nascimento, pelo fato de a mãe (sua filha) ter sido mãe adolescente sem condição financeira e amadurecimento psicológico para criar o filho, principalmente por não ter o apoio do companheiro. Um dos adolescentes foi criado pelos tios (tia materna), pela impossibilidade de a mãe criá-lo por trabalhar em casa de família.

Esse comportamento parece fazer parte de um contexto mais amplo da população pobre. Motta e Scott (1983),³ em seus estudos com famílias pobres do bairro dos Coelhos, Recife-PE, encontraram um alto número de filhos casados residindo com as mães idosas (88%) com os pais idosos (12%), principalmente incluindo agregados (filhos, filhas) membros de outras gerações.

Em relação ao aproveitamento escolar, todos os pais adolescentes se encontram com os estudos defasados, fora de faixa escolar de acordo com o quadro abaixo:

³ Motta e Scott (1983) citam estudo com a população pobre do bairro dos Coelhos com dados estatísticos fornecidos pela URB – Empresa de Urbanização do Recife (1981) – Tabela nº 3- **Média das Idades de Chefe de Unidades Domésticas Segundo a Renda e Sexo** – Bairro dos Coelhos, 1981. Ver **Caderno Pesquisa**. São Paulo (73): 38-4, maio 1990.

Quadro 2

ESCOLARIDADE / PROFISSÃO DOS PAIS ADOLESCENTES			
PAIS ADOLESCENTES	IDADE	ESCOLARIDADE	PROFISSÃO
01 – Nilton	18 anos	7ª série / parou de estudar	Biscateiro
02 - Carlos	19 anos	Intensivo – 1º grau	Biscateiro
03 - Walter	17 anos	4ª série - Ens. Fundamental.	Educador de trânsito
04 - Ricardo	16 anos	4ª série - Ens. Fundamental.	Biscateiro
05 - Marcos	18 anos	1ºano/2ºgrau/parou de estudar	Pedreiro

Obs.: Os nomes expostos são fictícios a fim de preservar a identidade dos entrevistados.

Todos os pais adolescentes associaram o baixo desempenho escolar a brincadeiras, falta de compromisso e de responsabilidade. O fato de ser pai demonstrou um maior interesse em estudar pela necessidade em conseguir uma qualificação e um espaço no mercado de trabalho. Dos adolescentes que estudam, dois freqüentam as aulas à noite para conciliar alguma atividade que apareça durante o dia, e um adolescente estuda à tarde. Conforme se observou, o que estuda à tarde (Carlos – 1º ano intensivo) tem pouca freqüência às aulas. Segundo o adolescente, o trabalho está em primeiro plano. Conciliar estudo e trabalho, os problemas com o filho e a companheira como: doença e falta de alimentação requerem desses jovens pais pobres muita determinação para dar continuidade a sua condição de pai.

5. RESULTADOS

“Se tu queres um amigo, cativa-me!

... e nós teremos necessidade um do outro.

Existe uma flor... eu creio que ela me cativou”.

Exupéry

5.1. Análise dos Dados

Os dados obtidos nesta pesquisa serão analisados e fundamentados na teoria e nos objetivos propostos, ressaltando as mudanças ocorridas após a paternidade na adolescência e suas repercussões no processo de vida (social, psicológica e financeira); alterações de papéis na família e conflitos familiares. Foi realizado um recorte de partes do texto, relacionando-os à compreensão da Teoria Geral dos Sistemas. Essa teoria tem a proposta de identificar os movimentos circulares existentes na organização familiar e orienta de forma planejada a fim de produzir mudanças. Concentra-se “na resolução de problemas através da interação, sem se preocupar com as vidas intrapsíquicas dos membros individuais da família” (Nichols e Schwartz, 1998, p.341).

5.2. Compreendendo o Cenário de Vida dos Participantes

Caracterizar-se-ão, neste item, dados relativos à biografia dos entrevistados que descreve tanto o cenário de vida da família de origem dos pais adolescentes, quanto à família de procriação dos adolescentes entrevistados. A primeira parte refere-se à caracterização da vida dos jovens após terem sido pais adolescentes. Constam, também, neste item, recortes das falas dos jovens que mais se relacionam com os objetivos pesquisados. Em seguida, será focalizado o cenário de vida das famílias de

origem, bem como recortes de suas falas que serviram aos objetivos iniciais propostos. Ressalte-se que os participantes terão nomes fictícios com a finalidade de preservar a identidade dos mesmos.

Nilton e Sua Família.

Nilton tem 18 anos, foi pai aos dezessete e parou de estudar quando cursava a sétima série do ensino fundamental. Houve várias repetências durante a sua vida escolar. Tem um filho com um ano de idade, mora com a tia, irmã de sua mãe. O casal (tios), tem Nilton como filho desde que este nasceu. Apesar do casal ter um filho homem mais velho, a tia de Nilton relata que cuidou do sobrinho desde que nasceu, pois sabia que a sua irmã o daria para outra pessoa (relatado pela própria mãe de Nilton). “Logo que ele nasceu eu não pude cuidar dele porque trabalhava em casa de família e dei para minha irmã criá-lo. Eu já ia mesmo pedir a uma outra pessoa para tomar conta dele, aí minha irmã disse que tomava conta.” Minuchin e cols (1999, p.104-105), ao se posicionarem sobre a criança cuidada por parentes, diante da impossibilidade dos pais apontam “que o cuidado prestado por parentes é em geral a forma preferida de colocação, com claras vantagens psicológicas para a criança. Reduz o trauma da separação e não requer adaptação a um mundo completamente novo de pessoas e lugares.” Um outro ponto positivo da criança cuidada por parentes é o fato de aumentar a possibilidade dessa família continuar a fazer parte da vida da criança. No entanto, sabe-se que nesses casos também existem conflitos e tensões, quando se trata do envolvimento em regras e disciplina da outra família e do comportamento individual de cada pessoa. Dessa forma, faz-se necessário que “as confusões de papel, os padrões destrutivos e as questões de limites precisam ser identificados e resolvidos “(Minuchin e cols.1999, p.104-105).

Relata a literatura que em outras culturas, por exemplo, na África, é comum as mulheres da mesma família (tia, ou irmã de uma cunhada) exercer o papel de mãe. Esse fato é considerado por esta sociedade de “multimães” ou seja, todas as mulheres da família da mãe são “mães” e, às vezes, os laços afetivos da criança com uma nova mãe são mais profundos do que com a primeira” (Parseval, 1986, p.43-44).

A mãe de Nilton é empregada doméstica numa residência localizada num bairro de classe privilegiada da cidade do Recife-PE, só retorna à casa da irmã (tia de Nilton), de quinze em quinze dias, colabora financeiramente no que pode. O pai de Nilton já tinha outra família no interior de Pernambuco, antes de conhecer a mãe dele. Foi pai adolescente aos 17 anos do primeiro filho. A mãe de Nilton não sentiu o interesse do pai em ajudar o filho, mas também não o procurou. Nilton viu o seu pai, quando tinha três anos de idade e depois aos dez anos, no entanto, quando feita a pergunta se sentia vontade de vê-lo novamente, ele respondeu:

Gostaria (pausa), para recuperar o que ele deixou de me dar (Nilton).

O seu tom de voz parece denunciar raiva. A expressão, “o que ele deixou de me dar,” representava muito mais do que a presença física e financeira. Nessa fala, foi percebida também a ausência do carinho, da atenção, do olhar do pai acompanhando-o no seu dia-a-dia, aconselhando-o e orientando-o nos momentos necessários. Quando Nilton se refere ao relacionamento entre seu pai e sua mãe, ele relata:

Antes de eu nascer, se não me engano, quando ela estava grávida de mim eles já tinham se separado (Nilton).

Sua mãe complementa:

Conheci o pai dele aqui, só moramos quatro meses, aí engravidei e ele se mandou (...) depois de um mês ele conheceu e deixou pra lá (...) depois de um certo tempo ele ainda viu a criança (mãe).

Na história de vida afetiva de Nilton e sua parceira, observa-se uma certa semelhança entre a história de vida afetiva dos seus pais. Da mesma forma que aconteceu com os pais de Nilton, separando-se quando sua mãe ainda estava grávida, aconteceu também, com Nilton e sua parceira. Quando Nilton soube da gravidez da sua parceira, houve uma mudança no seu comportamento que trouxe um distanciamento no relacionamento de ambos, levando-o à separação. Pode-se

observar a Causalidade nos fatos acontecidos, que na Teoria Geral dos Sistemas é tida como circular: destaca o “aqui e agora” em que o presente reedita o passado (Souza, 1997). Cabe refletir sobre o comportamento de Nilton com a parceira e da relação do fato acontecido com os seus pais. Será que se passa de algo já internalizado e pré-estabelecido pelo adolescente, uma vez que o próprio Nilton tinha conhecimento do comportamento do seu próprio pai? Notam-se mudanças no relacionamento com sua parceira, quando Nilton relata:

Havia briga, discussões, não se dava não, depois que ela ficou grávida, ela ficou muito chata (...) ⁴ mudou muito, quando ela não era, não, mas depois que ficou grávida, ela ficou sei lá (...), quando o menino nasceu eu pensava que ia unir, né, que ele junto podia ser que a gente se unisse, mas parece que separou mesmo, pensava que ele ia unir os dois, mas separou (Nilton).

A gravidez trouxe conflitos entre Nilton e a parceira, havendo mudança no relacionamento. A falta de maturidade dos jovens proveniente da fase da adolescência contribuiu para esse afastamento. Na visão de Lamb (1986), a experiência da gravidez e da paternidade pode afetar os pais jovens, diferentemente de outros pais mais velhos, pelo fato de esse acontecimento representar uma transição prematura de papéis. O casal adolescente geralmente é envolvido num relacionamento relativamente instável, além de existir a influência das forças sociais afetando o nível do relacionamento dos jovens.

Quanto à vida sexual de Nilton e sua parceira, anterior à gravidez, o próprio Nilton relatou que ele e a parceira não faziam uso de nenhum método contraceptivo, quando indagou-se se existia o medo de ocorrer uma gravidez ele relatou:

Tinha não, ela quis, eu também quis (Nilton).

⁴ OBS: As lacunas pontilhadas (...) nos recortes da fala de todos os participantes significam a continuidade da fala que foi cortada, por nós, por ser considerada, algumas vezes, repetitiva e, em outras, de pouca representatividade para a análise.

Nota-se que o filho foi desejado pelos jovens de acordo com o recorte da fala acima, não havendo portanto, uma prevenção na vida sexual de ambos. Mesmo o nascimento do filho sendo esperado, não correspondeu às expectativas de Nilton, no sentido de trazer união ao casal. Percebe-se que Nilton foi surpreendido com a notícia da gravidez, provocando um impacto quando soube:

Sentimentos de Nilton, quando soube que ia ser pai:

Não vou mentir, logo no começo eu pensei, eu pensei, que não era meu, dizia na cara dela que não era meu (Nilton).

Mesmo o adolescente desejando ter um filho, os seus sentimentos se traduziram em surpresa, estranheza e numa emoção muito grande, acompanhada de sentimento de desconfiança com relação à parceira. Essa sua desconfiança gerou um conflito entre o casal e, a partir daí, um maior distanciamento entre eles.

Por outro lado, percebe-se que este comportamento de Nilton foi se modificando. O filho fez o adolescente pensar em obrigações, responsabilidade e compromisso quando relata:

(...), quando ela disse a mim, eu decidi que já tinha alguma coisa para fazer, para me ocupar e (pausa) uma responsabilidade muito grande, que eu ia ter na minha vida a parti daquele momento que ela tinha me dado aquela resposta (Nilton).

A vida anterior que o adolescente levava de brincadeira, aventuras, não pensar em coisas sérias foi bruscamente interrompida, levando o adolescente a refletir sobre a sua condição de vida. Nesse momento, o sentimento do jovem era de estar vivendo um outro papel, o papel de pai com mais evidência naquele momento, do que o de filho.

A mãe da criança utilizou o seu poder de mãe, não permitindo que o filho fosse registrado pelo pai:

(...), eu pedi para registrar, ela com raiva não quis não (Nilton).

Depois que ele nasceu, eu tava indo bastante lá e a gente estava meio brigado e ela ficou mais (...) é, só vem aqui, porque ele nasceu, depois que ele nasceu (...) eu disse é claro depois que ele nasceu eu tenho que vir (...) tinha vez que eu via ele, dava as coisas e ia embora logo, não demorava muito para não ter o pé de ficar discutindo, ia embora (...) gostaria de dar a ele é o meu amor todo a ele. Queria que realmente ele viesse morar comigo, mas ... (Nilton).

O fato acontecido parece evidenciar o uso do poder da mãe pela sua capacidade biológica. Esse comportamento da mãe de impedir o pai reconhecer o filho legítima e, psicologicamente, pode favorecer uma percepção distorcida da criança em relação ao pai, além, também, de anular o pai do processo da paternidade.

Unbehaum (2001), ao posicionar-se sobre as atribuições maternas e paternas, lembra que culturalmente a mulher tem, como atribuição, a responsabilidade do cuidar da criança como exclusiva da mãe, partindo de uma “principal referência a mãe, a partir do princípio biológico, de que é no corpo dela que o bebê é concebido” (Unbehaum, 2001, p. 169-170). Concluindo o seu pensamento, essa autora acredita que a tradição patriarcal reforçada pela religião contribuiu para que houvesse uma delimitação nas atribuições de tarefas em relação aos gêneros nas relações familiares.

Nilton tem a percepção de que o filho trouxe mudanças a sua vida, quando cita:

Depois do menino fiquei mais caseiro, quer dizer, sair eu saio, mas não como antes dele ter nascido (Nilton).

No relacionamento social:

É, mudou em tudo né, os amigos (...) antes eu saia chegava certas horas, mas a partir do momento que ele nasceu já é uma responsabilidade muito grande. Se eu tiver dinheiro pra sair eu não vou sair, vou ter que dar a ele (...) a gente sai, não como antes (...) meus amigos, todos ficaram alegres, só me mandaram botar a cabeça no lugar, agora é criar teu filho e orientar, somente isso (Nilton).

A percepção da família após Nilton ser pai:

Continua a mesma coisa (...) só dá muito trabalho (...) só vive no meio do mundo (...) se tivesse com a companheira acho que ele ia pensar no filho e não ia aperrear, não ia sair nem nada (tia).

A mesma coisa, parece que ele não tem dezoito não, parece que ele tem doze anos (mãe).

Apesar da observação no relato de Nilton, que este acredita que houve mudança no seu comportamento após ser pai, verifica-se que a família dele não partilha dessa sua percepção de mudança. Há um impasse da família em relação ao comportamento de Nilton, principalmente relacionado a sua vida afetiva. Mesmo a família tendo um referencial da parceira de Nilton e de seu filho como uma possibilidade para trazer equilíbrio ao sistema familiar, essa família não apoiou o filho no processo da paternidade, considerando um problema, verificado no relato dos familiares a seguir:

A tia que o criou comenta:

Meu marido disse, daqui a pouco ele vai trazer ele para cá. Ai disse: Não quero mais menino mais aqui não, abasta o aperreio que Nilton já deu (tia).
A mãe dele (de origem), ficou meia (pausa), disse que não ia sustentar ele nem o filho dele não (tia).

A sua mãe complementa:

Filho é bom quando tem trabalho, quando não trabalha não (...) até aqui não sei nem quem é. Tenho curiosidade em vê porque toda a vó tem, vê ele lá e tudo bem (mãe).

Considerando o que a literatura traz quando destaca o apoio e a união da família para que o jovem possa exercer o seu papel de pai, Levandowski, (2001), não se constatou ocorrer nesta família o apoio, a ajuda mútua e reconhecimento de mais um membro na família de Nilton. Percebe-se ocorrer nessa família o processo da retroalimentação – feedback, como um dos princípios da teoria da Comunicação, na qual as trocas são circulares, ou seja, nos sistemas interpessoais o comportamento de cada pessoa afeta e é afetado pelo de cada um dos outros, havendo o que se

denomina de circuito de retroalimentação. A ausência da homeostase se faz presente nessa família.

Quanto aos projetos de vida, Nilton relata:

Em termos de futuro espero trabalhar (pausa) trabalhar e...estagiar... ir pro exército (Nilton)

A família complementa:

O meu desejo é que ele vá pro quartel, assim ele vai ter mais responsabilidade (mãe).

Tinha planos de ser serralheiro, eu disse, vá estude para ser alguma coisa na vida, mas (pausa) desistiu. Ele começa uma coisa (...) tá tudo bem, depois desiste, uma cabecinha meio dura (...) eu estou orientando para ele fazer o teste para ir pro quartel (tia).

Em relação aos projetos de vida, parece que o adolescente não tem clareza sobre o que quer, ou não apresenta aspirações que o motivem a ir mais além. A família tenta estimular Nilton a criar alternativas de vida, no entanto tais dificuldades não estão relacionadas exclusivamente ao indivíduo isolado, uma vez que ele está envolvido num sistema maior como a família e a sociedade. Souza (1997), ao se referir a uma relação de troca, ela acredita que as fronteiras são necessárias ao equilíbrio do sistema dos subsistemas e o supra-sistema que é a sociedade. Assim, essa autora relata que sendo as trocas necessárias para os sistemas vivos se manterem íntegros, eles necessitam de se reabastecer, repor os elementos gastos. Ao mesmo tempo em que os sistemas vivos necessitam ser alimentado, pelo ambiente, ele sente necessidade de expelir o que não foi absorvido.

A forma como Nilton se comporta incomoda a família, que não sabe lidar com o desinteresse do adolescente. É relevante enfatizar o desejo da família em querer que Nilton entre no Exército. O Exército, além de representar uma esperança financeira para essa família, representa também o poder, a autonomia necessária à vida do jovem. Apesar de a família o amar e fornecer princípios de valores, como honestidade,

compromisso e estímulo para que ele seja introduzido num trabalho digno, esta família sente os seus valores ameaçados.

Mesmo não apresentando clareza sobre os seus projetos de vida, de acordo com o recorte acima, Nilton deseja ter o seu próprio espaço e domínio sobre ele. O desejo de ter a sua própria casa, quando ele fala:

É, penso em trabalhar fazer minha própria casa e botar meu filho para morar dentro, morar com ele (...) tudo o que eu não pude ter quando era da idade dele dar a ele, tudo de bom (Nilton).

Quanto aos estudos, a família comenta:

Acho que é de muito tempo, desde os 10 anos (...) ele disse que vai se matricular, não sei se vai não (...) acho que ele é muito devagar (tio).

Acho que foi a partir dos 13 anos até agora (...) parece que ele não tem dezoito não, parece que tem 12 anos (...) nos estudos agora ele enganchou (...) acho que foi por causa do amigo (mãe).

Preguiça de estudar, já era para ter terminado o segundo grau (...) não liga para estudo não, tá estudando daqui a pouco ele desiste aí pronto, aí vai de novo, já vai umas quatro vezes tentando a sétima série e não sai (tia).

Em relação aos estudos, a família vê Nilton como desinteressado, sem motivação para dar continuidade aos estudos alegando que esse comportamento já se apresentava há bastante tempo. É pertinente a colocação de Minuchini e cols. (1999), quando se posicionam em relação à criança cuidada por parentes, na impossibilidade de ser cuidada pelos pais. Esses autores lembram que, embora apresente vantagens para criança, à família substituta sofre interferência da família de origem, no que se refere a regras e disciplina da outra família e do comportamento individual de cada pessoa. Embora seja uma visão plausível sabe-se que os filhos educados por uma só família também são envolvidos por conflitos familiares e divergência de opinião dos pais, que são inerentes em qualquer família.

Considerando que a educação e o incentivo aos estudos dos filhos sofrem interferência de um sistema maior, não se pode negar que a falta de instrução formal das famílias de origem interfere no desenvolvimento psicossocial dos jovens desde a

sua infância. Olavarría e Parrini (1999), lembram que a carência de informações da família de origem perante os filhos dificulta que o jovem se prepare para a vida adulta. Nesse contexto de vida, os jovens iniciam sua adolescência sem muitas perspectivas de futuro e sem ter claro um projeto de vida. Mesmo que exista nessa família o clima de harmonia e afeto, ou o desejo dos pais que os filhos tenham um futuro melhor que o seu, não é suficiente para esse jovem pensar em termos de futuro.

Carlos e Sua Família

Carlos, 19 anos, tem uma filha com 10 meses, foi pai aos 18 anos. Mora com a companheira. Parou de estudar por alguns anos. Atualmente, inseriu-se novamente no sistema de ensino, sente-se prejudicado pelo tempo que permaneceu afastado. Frequenta o curso de primeiro grau intensivo (Tele-sala – Cruzada de Ação Social – Governo do Estado de Pernambuco). Carlos sobrevive esporadicamente de trabalho sem vínculo empregatício. Filho de mãe solteira, que o teve aos 19 anos, Carlos foi o seu primeiro filho. Logo que nasceu passou a morar com os avós. Mesmo morando na casa dos seus pais com o filho, esta senhora não assumiu o papel de mãe. Carlos passou a ser criado pelos avós, que o consideram como filho, e Carlos os considera como pais. Atualmente a sua relação com a mãe, mesmo morando próximo à casa dos seus pais, é muito difícil, praticamente não se falam. Carlos sente muita mágoa por ela tê-lo deixado para ir morar com um outro parceiro e fazer uso do álcool. A entrevista, mesmo sem ter esse objetivo, serviu para que a mãe (biológica) tivesse algum conhecimento da vida do seu filho, como, por exemplo, a volta aos estudos, além também de oportunizar a colocação de mágoas e sentimentos diminuindo a sua ansiedade.

Quando indagada sobre o relacionamento com o seu filho, a mãe de Carlos respondeu:

(...) de vez em quando como gato e rato. Eu não tenho paciência de tanto que já levei (...) e mesmo eu só vivia trabalhando (...) aí pronto minha vida é assim

gostar de brincar e beber cachaça (...) o tempo está passando e eu ficando velha ... (mãe).

O fato de não ter conhecido o pai não desperta o interesse de Carlos em conhecê-lo. No entanto, através da sua fala, percebe-se a falta que este pai representou e representa na sua vida.

(...) acho que o meu pai é o que me criou, o que me fez, só fez o favor de fazer (...) não tenho nenhum sentimento por ele não, não sei nem como ele é, nem por onde anda (...) a educação que eu tive foi do meu pai que me criou, (avó) do meu pai legítimo mesmo, eu nunca tive a educação dele, ele nunca chegou pra me dizer, meu filho não é assim, não é desse jeito, não faça isso (Carlos).

Carlos expressa os seus sentimentos pela mãe, ao relatar.

(...) minha mãe é um tipo de pessoa assim que só liga pra ela. Ela me desprezou e desprezou meu irmão que é irmão de sangue meu, aí eu não tive o apoio dela, só tive do meu avô e da minha avó (...) eu não tive muito contato com ela não (...) era ela lá e eu cá, porque ela nunca gostou de mim, não (Carlos).

A ausência dos pais biológicos é justificada e explicada com base em carência de ordem psicológica (Olavarría e Parrini, 1999). A semelhança da história de vida entre Carlos, Nilton e Ricardo está no fato de terem sido criados como filhos por seus familiares (tios e avós). Olavarría e Parrini (1999) falam das repercussões da ausência do pai, interferindo nos projetos de vida do indivíduo, mesmo existindo na família que o criou um clima de harmonia e afeto.

Meu pai (avô) era um tipo de pai que ele nunca me deixou faltar nada, ele sempre me ajudou, me deu as coisas, ele sempre estava comigo onde ele ia , ele me levava e sempre estava comigo em todas as horas. Na escola, ele sempre me levava na escola, ele pagava escola particular pra mim, ele nunca me deixou faltar nada (Carlos).

No entanto, a fala de Carlos revela que a figura do avô substituiu satisfatoriamente a ausência do pai biológico, isso não corresponde ao que o autor

expõe. O fato de ter sido criado pelos avós lhe deu suporte para fortalecer a sua identidade de pai. Ao se referir ao avô, já falecido, nota-se uma grande gratidão. Carlos tenta se espelhar nos valores recebidos dos avós, tais como a preocupação em manter a família, a responsabilidade, honestidade e os cuidados que o filho; como se pode observar no seu relato, ao comentar a fala de sua avó:

A minha avó, ela pensa assim, ela pensa que eu estou assim (pausa), no pleno domínio do meu pai, (avô) pelo mesmo caminho do meu pai (avô). Meu pai ele sempre falava que eu sempre fosse feito ele assim, tivesse sempre a responsabilidade pelos atos que faz (Carlos).

O modelo de pai, em que Carlos se espelhou, refere-se ao modelo do avô que o criou. Berenstein (1988, p.61) sinaliza que os modelos familiares podem nos “permitir pensar sua aproximação ou afastamento do funcionamento real, e se dá conta ou obstrui as contradições na relação entre os membros”. Dessa forma, “ele pode ser colocado à prova, refutado e reformulado.”

Na indagação sobre os sentimentos ao receber a notícia que ia ser pai, Carlos respondeu:

Eu fiquei alegre, né, primeira vez que eu tive uma filha, aí eu fiquei alegre (...) eu já esperava já, foi combinado. Assim, ela quis ter uma filha comigo, aí eu disse que tava muito cedo, logo no começo, tava muito cedo porque eu era novo, estava com 18 anos, aí ela disse assim: então tá bom, mais a gente vai ter um filho. Aí foi acontecendo (...) aí a menina nasceu (Carlos).

Quando a minha filha nasceu foi um momento de muita alegria (...) uma alegria assim de ter sido pai pela primeira vez, que eu nunca tinha sido pai, tive a sensação que eu estava sendo pai naquele momento (Carlos).

Apesar de o casal já ter uma experiência de convivência de dois anos antes da gravidez, foi percebido através das palavras de Carlos que o desejo de ter um filho não existia para o momento desejado da companheira, e sim para um momento mais oportuno da sua vida, que lhe desse maior segurança física e emocional. No entanto, houve uma pressão da companheira em engravidar. Arilha (2001 p. 60) cita que “filhos e contracepção fazem parte de um universo que, ao longo do tempo, cristalizou-se no imaginário social como sendo do campo das mulheres.” Em relação à reprodução, mesmo o homem expondo o seu desejo, parece que ainda prevalece nesse campo o

domínio feminino. Comenta ainda Arilha (2001, p. 60) que parece haver diferenças entre homens e mulheres sobre o que pensam em relação aos processos reprodutivos, quando cita que: “mulheres desejam o filho, homens desejam a família. A idéia/desejo/vontade/aspiração de ser pai viria com a maturidade e com o casamento, ao contrário do que parece ocorrer com muitas mulheres, que ainda necessitam do filho para determinar sua feminilidade.”

Quanto aos projetos de vida, Carlos relata:

Tenho em mente é de chegar mais ou menos perto de 60, 70 anos e eu estar trabalhando pra ter condições de sustentar minha família, que o que mais quero é ter minha família (...) porque eu tive família, mas é mesmo que não ter, aí eu não quero passar pro meu filho, aquilo que passei, aí eu quero pra minha família educar do jeito que eu não pude ser educado, porque na minha família só tive apoio mesmo dos meus avós somente (...) aí eu não quero ter na minha casa o que eu passei quando era pequeno. Aí eu quero sempre ter filho, ter a minha esposa dentro de casa e morar junto com ela para chegar na idade dos 70 anos e ter a minha família dentro de casa com saúde (Carlos).

Sua avó complementa:

(...) ele trabalhar, andar direitinho, andar feito uma pessoa direita, aí ele chegou e disse: é vó, eu vou trabalhar pra andar direito, comprar minhas coisas, mais foi o tempo que foi arranjar namorada (sorri), agora tem que trabalhar pra dar de comer a mulher e tomar conta do filho (...)é, eu pensava em ele trabalhar, andar direitinho, arranjar uma moça e casar (avó).

Através de suas palavras, Carlos deixa claro que os projetos e planos para a sua vida se baseiam na manutenção da família. Por se tratar de um adolescente de precária condição sócio-econômica, ter um trabalho para manter a sua família torna-se prioridade, a fim de conquistar o seu projeto de vida e ser um homem de bem. Ao internalizar os valores recebidos na sua convivência com os avós, Carlos apresenta o desejo de ser um pai diferente dos seus pais biológicos. Leal, citada por Arilha (2001, p.61-62), aponta “que é condição do exercício da masculinidade o rompimento com a família (ascendente) e com o próprio “peer group” que significa diferenciar-se, romper com todas as lembranças e fatos desagradáveis”. Essa autora considera como

requisitos a diferenciação, os valores como: responsabilidade, o manter e assumir uma nova família, valores que revelam a maturidade e a capacidade do homem

Vários indicativos que norteiam a condição de ser pai surgem nesse momento, quer seja em relação à situação financeira do adolescente em discussão, para dar suporte e continuidade a seu projeto de vida, quer seja em relação à carência afetiva, apoio e incentivo dos pais. Como seria, então, esse pai adolescente sem esses referenciais para seguir adiante? Arilha (2001 p.60-61) registra que “a busca da família parece ser o que movimenta o homem, mais do que a busca do filho, embora seja sua concretude, isto é, a paternidade, o que determinaria a passagem da adolescência para a vida adulta.”

Percepção do adolescente após ser pai:

Sobre as mudanças ocorridas após a chegada da criança, a literatura aponta que as dificuldades vivenciadas pelos adolescentes de baixo poder aquisitivo na situação da paternidade são bem maiores em relação aos dos jovens de nível sócio-econômico mais favorecido, isso porque as conseqüências trazem implicações tanto de ordem financeira, quanto emocional. No presente estudo, há, no relato de Carlos, indicativos que apontam as mudanças ocorridas no trabalho, estudo e relacionamento social.

No relacionamento social e no trabalho:

Os amigos normalmente eles me davam maior força, eles diziam: tá certo vá trabalhar porque vida assim parada em casa, ou então no meio da rua não vale a pena não, vale a pena ralar, ter o seu tranco e vá ser alguém na vida (Carlos).

Mudou, porque antigamente (pausa), vida de solteiro é o seguinte, que no tempo que eu não tinha filho a responsabilidade era pouca né, agora aprendi a ser mais (pausa) ter mais responsabilidade. A vida de antigamente de farra, de tá saindo direto não é tão importante como agora . Agora tenho que pensar mais na menina (...) não empata de sair de sair não, pra tudo tem seu tempo (...), mas a pessoa fica mais caseiro, pensando no trabalho (...) a pessoa tem que fazer o que pode (...), a pessoa tem que dar mais valor é ao trabalho da pessoa, não é tá saindo direto não. Não me incomodo porque a pessoa se

diverte do jeito que gosta, quer dizer eu mesmo gosto de trabalhar (...) é assim mesmo primeiro lugar é o trabalho (Carlos).

O relato de Carlos dá a entender que ele conhece de forma clara o seu papel de pai. Parece apresentar um nível de consciência e ter atingido o amadurecimento quando, na sua fala, deixa bem claro o seu comportamento antes e após o nascimento do filho, ou seja, a vida de brincadeira, de “farrá” sem pensar muito nas conseqüências. Arilha (2001) cita que:

O que parece configurar a passagem da fase da adolescência para a vida adulta é a incorporação da responsabilidade (...) o nascimento do filho e todas as implicações desse fato é que parecem determinar para o jovem do sexo masculino essa passagem (p. 62-63).

No entanto, a incorporação desse fato se diferencia entre os sujeitos de acordo como ele absorve, e vai depender de como foi estabelecido o vínculo afetivo e amoroso. Em sua discussão, a autora aponta o amor e a sexualidade como fatores determinantes ao comportamento ético e moral vinculados à vida reprodutiva dos jovens, sendo a partir daí que os jovens irão se perceber como “irresponsáveis e descompromissados”, quando não fazem uso de contraceptivos, ou, se são adultos, “responsáveis e compromissados com o filho e a parceira” (Fuller citada por Arilha, 2001, p.62- 63).

Quanto ao relacionamento com a companheira:

Tendo como referência a importância do vínculo afetivo e amoroso do adolescente com a parceira, como pré-requisito para um maior compromisso com a vida reprodutiva dos jovens, Fuller, citada por Arilha (2001), pode-se verificar que existem evidências desse vínculo afetivo na história de vida de Carlos e sua companheira, fato este acontecido bem antes da gravidez.

Quando se refere às mudanças entre ele e a companheira, após o nascimento da criança, Carlos relata que:

(...) teve pouca né, porque, nós sempre foi um casal unido, a gente nunca teve nenhum problema não. Aí foi que juntou a gente mais ainda (Carlos).

Quanto aos estudos:

Em relação aos estudos, Carlos se sente prejudicado, tem consciência de que a condição financeira o levou fazer uma opção pelo trabalho em detrimento do estudo, quando relata:

Sempre estudei, só que tinha parado uns tempos porque tava arrumando trabalho (...) aí eu não tinha condições de estudar, aí eu tinha que escolher o trabalho ou o estudo. Se eu estudasse não ia ter dinheiro para botar no bolso, se eu trabalhasse não ia ter tempo pra estudar (Carlos).

Sua avó complementa:

Ele estudava, depois saiu (...) deixou de ir pra escola (...) agora tá de novo, agora ele diz que não deixa mais não (pausa), pra ver se arranja outra coisa melhor (avó).

Cabe citar Olavarría e Parrini, (1999) quando trazem a dificuldade dos jovens de famílias pobres em associar o estudo ao trabalho, desde cedo, ou fazer uma opção pelo trabalho devido à necessidade da manutenção das suas necessidades básicas, ou da sua família.

A visão de Carlos de como os seus familiares o percebiam antes e após ser pai:

Eles me tratavam como um menino. Como um adolescente que não tinha muita responsabilidade (...), só vivia no meio da rua fazendo molecagem por aí. Mais depois que eu comecei a morar com a minha mulher e ter um filho (...) eles me olharam assim (pausa) com mais respeito, com mais respeito. Eles mesmos começaram a dizer assim, devia ter mais responsabilidade, deixasse de sair mais, que desse mais atenção à menina (Carlos).

Como a família de origem percebe Carlos como pai.

A percepção da mãe:

Pra vista de muitos que tem, eu acho melhor (...) legal, pra muitos que é pai e não liga, não chega nem junto...(mãe)

Agora tá melhor mais antigamente não gostava não das amizades dele (...) depois que a pessoa arruma mulher e filho tem que se ajeitar, tem que mudar ... (mãe)

A percepção da avó:

Ele é agarrado com a menina, cheira a menina (...), tudo o que ele tem é logo pra levar pra menina, comprar leite, massa, ele diz: não vou deixar a menina com fome não. Quando faz um biscate diz, vou levar pra menina, não vou deixar a pirraia passar fome não (avó).

Depois que ele arranjou a mulher dele, ele parou mais de andar com os camaradas. Depois que ele foi pai houve algumas mudança (...) mudou (sorri) nunca mais ele saiu pra andar com os meninos e quando está aqui sai e volta, quietou-se (avó).

A percepção da família pelo adolescente, antes e após ser pai está relacionada a sua anterior falta de compromisso, irresponsabilidade e brincadeira. A chegada do seu filho trouxe mudanças na relação do adolescente com a sua família de origem, que passou a vê-lo mais como pai do que propriamente como filho, havendo uma mudança de papéis. Existe aí a homeostase no sistema familiar, considerado mecanismo regulador que garante a estabilidade do sistema e implica a possibilidade de mudança no sistema familiar (Souza, 1997). No entanto, não se pode afirmar que a homeostase

existe na família do primeiro entrevistado (Nilton), uma vez que a sua família não o apoiou no processo da paternidade.

A percepção que Carlos tem de si como pai:

Eu sou um pai que eu sempre procuro estar mais junto dela. Quando eu arrumo um trabalho por aí que saio pra trabalhar, eu só fico pensando nela pra quando chegar em casa ficar junto com ela (...) antigamente eu não tinha o amor de pai como eu tenho hoje (...) eu sei o que é responsabilidade de ter um filho e eu sei como é que se sente pai (...) antigamente eu não sabia o que era ser pai (...) (Carlos).

O papel de pai que Carlos tinha em mente já havia sido internalizado bem antes do fato acontecer. A transição para a paternidade ocorreu naturalmente sem maiores conflitos, a chegada da filha para essa família não trouxe, danos à organização familiar, mesmo existindo dificuldades financeiras de manter a criança; a família não vê a sua chegada como um problema. Nota-se que a convergência da família trouxe um bem estar psíquico para ambos. Na visão de Nichols e Schwartz (1998), mesmo quando outros problemas na organização familiar são aparentes para quem está analisando, se a família não vê como problemas, eles não são considerados como tal.

Walter e sua família.

Walter tem 17 anos, é o primeiro filho dos seus pais. Está freqüentando a 4ª série do ensino fundamental. Atualmente faz parte do Programa Jovem Educador de Trânsito – DETRAN com parceria da Cruzada de Ação Social – Governo do Estado de Pernambuco - Recife-PE⁵, e recebe uma bolsa auxílio que varia de sessenta a cem reais, dependendo do estágio em que o adolescente se encontre no curso. Além dessa

⁵ Curso Jovem Educador de Trânsito, oferecido pelo DETRAN – PE em parceria com a Cruzada de Ação Social – Governo do Estado de Pernambuco. Instituição Pública que oferece cursos educativos aos adolescentes (meninos de rua) que vivem nos semáforos (trânsito do Recife-PE) com o objetivo de dar o mínimo de chance para que o jovem venha competir no mercado de trabalho e exerça o papel de cidadão para que não volte para as ruas.

bolsa auxílio, o adolescente recebe vale transporte, lanche e almoço, assistência psicológica e dentária.

A família nuclear de Walter é composta da mãe, pai e os cinco filhos. Todos apresentam na sua história de vida alguns comprometimentos, tanto em relação à saúde, quanto ao social. A filha (14 anos) apresenta problemas neurológicos, o outro filho (10 anos) já está se envolvendo com meninos de rua. Apesar de existirem na família vários outros problemas mais comprometedores, a mãe vê o filho que é homossexual (15 anos) como aquele que “não deu para prestar.” Observa-se que os valores da família em relação à sexualidade masculina são preconceituosos. Esse filho, ao qual a mãe se refere, mora em outro estado e ajuda financeiramente a família. A família mora num barraco, as condições de moradia são muito precárias. Atualmente o pai de Walter não tem vínculo empregatício, trabalha em serviços gerais (biscates). O pai de Walter (62 anos) estudou até a quarta-série, foi motorista de táxi e teve outra família antes de conhecer a mãe de Walter. Este senhor foi pai adolescente ao ter o seu primeiro relacionamento com uma idade entre 18 a 19 anos. Walter é o primeiro filho do seu segundo relacionamento. O pai de Walter demonstrou satisfação, quando falou do neto: “fiquei muito alegre e satisfeito (...) quando nasceu esse netinho, é mesmo que ser meu filho (...) vê os meninos crescendo, bença vô, é bom demais, é diferente de ser pai, porque a gente se sente mais honrado.”

A mãe de Walter é doméstica, trabalha quando aparece um serviço, em casa de família (faxina, lavar roupa). Foi mãe aos 17 anos, confessa que teve uma vida muito sofrida: foi menina de rua, fazia uso de drogas e se envolveu com homem, que vivia na marginalidade, até conhecer o pai do seu primeiro filho (Walter), que a tem como companheira até o presente.

Walter nasceu com vários problemas de saúde, provenientes das conseqüências das drogas de que a mãe fazia uso quando estava grávida. Na sua infância, ainda recebeu alguma influência da vida que a mãe levava. De acordo com o relato de sua mãe, Walter foi citado como menino de rua, que se envolvia com maus elementos, vivia nos sinais de trânsito, passava dias desaparecido. Os seus pais relatam que há pouco tempo Walter apresentou mudança em sua vida. Acreditam que o filho de Walter

contribuiu para que ele enfrentasse a vida de outra forma, bem como o vínculo com o trabalho, que apesar de lhe render uma quantia pequena (em torno de sessenta a cem reais), o faz muito feliz, porque pode contribuir com a alimentação do filho e o estimula a viver uma vida mais digna e a ser respeitado.

Walter tem um filho com três meses de idade. Logo que o filho nasceu, o registrou como seu filho. Walter passa a imagem de um jovem bastante amadurecido para a sua idade. Posiciona-se com bastante firmeza, poucas vezes passou emoção através de sua fala durante a entrevista. Um dos momentos em que se mostrou afetado emocionalmente foi na visita à casa dos seus pais a fim de proceder a entrevista. Ao concluir a entrevista, os pais de Walter solicitaram que ele fosse pegar o seu filho na casa dos avós maternos, para que a entrevistadora o conhecesse. Ao chegar, Walter falou para a sua mãe que o filho estava doente, o mesmo estava muito sensibilizado. A constatação desse fato e o conhecimento da história de vida de Walter obtida através dos seus pais favoreceram o entendimento do comportamento daquele menino que aparentava ser um homem. Ser forte para ele parece ser necessário para sobreviver no seu mundo.

Atualmente Walter não está morando com a mãe do seu filho, já houve uma tentativa e não deu certo. Conheceu-a quando tinha dez anos e a partir daí passaram a se encontrar. Ele relata que a tentativa de morarem juntos não deu certo porque a mãe do filho não queria compromisso.

(...) preguiçosa (...), acho que ela não queria compromisso, apesar de querer um filho (...) a pessoa que tem compromisso e gosta de um homem, ela faz tudo pra ficar com o homem (...), me senti mal porque eu gostava dela muito e de repente deu esse negócio (...) agora eu não gosto mais dela e tô tranquilo (pausa), penso no meu filho só (Walter).

A falta de compromisso da mãe do filho de Walter pode estar relacionada a própria fase da adolescência (16 anos), ou seja, ela ainda não estava preparada para assumir a responsabilidade de uma dona de casa. Os conflitos inerentes à fase da adolescência, a transição prematura dos papéis associada às dificuldades financeiras podem ter implicado a separação do casal. Há, no relacionamento dos jovens, a

ausência da homeostase. Esta é fundamental nos processos de mudanças e adaptação dos subsistemas em qualquer situação. Assim, a paternidade e maternidade implicam mudança, e os subsistemas que envolvem o todo devem adaptar-se para melhor funcionarem.

Nota-se que Walter ainda está muito ligado afetivamente à mãe do seu filho. Apesar de falar que ambos são livres, continuam ainda se encontrando, e desconhece se a parceira tenha uma outra pessoa. Gonzalez (1993) comenta sobre as dificuldades no relacionamento a dois, quando o casal decide morar no mesmo teto. Para este autor, este momento requer um processo de adaptação a uma realidade, quer seja interna, do indivíduo consigo mesmo, quer seja externa, do indivíduo com o outro, com o ambiente, com as exigências, pressões e valores, não sendo fácil adaptar-se a hábitos, costumes, valores, aspirações da outra pessoa com quem convive.

Quanto aos projetos de vida, Walter relata:

Meus planos é arrumar um emprego, carteira assinada, para eu poder me manter, manter meu filho, manter minha mulher, ter minha casa, gosto muito de ver uma casa arrumada, acho tão bonito e se Deus quiser, vou conseguir um emprego decente, trabalhar (Walter).

Os seus pais complementam:

(...) que ele estudasse, aproveitasse agora essa oportunidade que o governo está dando desses cursos, que esses cursos não é um curso duradouro (...) e vai do empenho dele também. Se ele se empenhar pela repartição, ele fica como educador. Se o pessoal do DETRAN, ver que é um menino interessado mesmo, ele é aproveitado. Se ele for interessado, cuidadoso das suas obrigações, chegar cedo no trabalho, atender bem o pessoal de lá, não faltar, ser um menino respeitador, pode ser aproveitado (...) até a Assistente Social disse: aqui tudo depende de você. Se você for um cara respondão, viver a vida que vivia você vai ser preso, e depois que for preso, aí acabou-se (pai).

É igual ao pai dele, uma coisa boa pra ele, né? Como o pai dele falou: estude, amanhã ou depois você tem um emprego (mãe).

Em relação aos projetos de vida, Walter apresenta características semelhantes ao segundo entrevistado (Carlos), que tem os seus baseados num trabalho digno, com vínculo empregatício, bem como dar continuidade aos estudos e em ter uma família. Esse desejo também é sentido pelos pais de Walter. O relato dos seus pais demonstra princípios de valores morais que servem como indicativos para o pai adolescente conquistar uma vida melhor, respeitar as pessoas e ser respeitado.

Por outro lado, com relação à vida profissional, Walter demonstra o seu interesse em ter um trabalho digno, para ter condições de se manter e manter a sua família, e possibilita esse pai adolescente a corresponder com o seu papel de pai, ou até, quem sabe, mudar a sua história de vida. Walter e seus pais deixaram transparecer o medo de cair no mundo da marginalização, demonstrando uma certa esperança no curso que freqüenta, (DETRAN e Cruzada de Ação Social).

Motta e Scott (1983), baseados em estudos sobre a população pobre do Recife-PE, observaram que essa população recorre a muitas estratégias de complementação de renda, sobrevive, em grande parte, de doações e programas assistenciais efetuadas por instituições públicas e privadas. Essas instituições, por estarem a serviço do capitalismo, não modificam essencialmente as condições de vida da população uma vez que têm por finalidade amenizar (de maneira altamente precária) as condições de vida da população de baixa renda. Motta e Scott (1983, p.84), ao refletirem sobre o apoio das instituições públicas, estão de acordo que:

Se por um lado, podem contribuir marginalmente para as estratégias de sobrevivência de trabalhadores efetivos ou potenciais, têm também o efeito de reproduzir a subordinação do trabalho ao capital e estão longe de modificar os padrões dominantes de concentração da renda.

Quanto ao relacionamento com os pais:

Na indagação de como era o tratamento dos pais de Walter, antes e após ele ser pai, respondeu:

Ah, antes eu era mais (pausa) bajulado, agora não. Agora minha mãe diz assim: trabalha pra dar comida ao seu filho, tá pensando que eu vou dar de comida a ele é? (Walter).

Meu pai é excelente comigo também, mas parou mais agora não liga muito, mas (pausa), sempre que eu estou precisando dele ele podendo ajudar ele chega junto, dá conselhos, fala comigo, eu sei que estou entendendo (Walter).

Pode-se observar que os pais de Walter o vêem mais como pai do que como filho. Por sua vez, Walter também passou a entender mais os pais de forma mais amadurecida. A transição dos papéis é sentida por ambos (filho e pais).

Como os pais de Walter reagiram ao saberem que ele ia ser pai:

(...) a notícia pra gente foi uma surpresa, porque na idade dele, a vida que ele tava, na vida que ele levava, com essa notícia deixou a gente muito surpreendido (...) sem ter condições, sem estudar, sem saber de nada, sem ter como sobreviver, porque vivia no mundo e a gente tomou um susto, mas mesmo assim apoiamos ele, não fomos contra não (mãe).

(...) ele vivia na vida assim (pausa), do mundo do crime, dormia na rua, acostumado com o mundo do crime por aí (...) vivia numa vida desajustada. Depois que ele nos contou que ia nascer um bebezinho, pra mim foi uma surpresa, uma alegria (pai).

Como Walter se percebe pai:

A chegada do filho parece ter dado novo rumo à vida do adolescente, trazendo-lhe responsabilidade. Como se pode observar no seu relato:

Rapaz, acho que sou um pai excelente, porque eu não quero ver o mal dele, não quero vê ele na porta de ninguém pedindo pão, aquilo, eu quero sempre trabalhar para poder sustentar ele. Botar numa escola boa, ter um bom ensino, uma boa alimentação (...) dinheiro eu não tenho, muito amor, muito carinho, botar ele pra estudar, ter uma boa alimentação (...) sinto uma atração forte, nós três podia estar morando junto, morando numa mesma casa e estamos separados (...) espero trabalhar, morar com ele, meu filho (Walter).

De acordo com a história de vida de Walter, esse comportamento não se apresentava em momentos anteriores, somente com a chegada do filho. O desejo de ter um trabalho para dar uma vida digna ao seu filho, bem como ter a família unida, fazem parte dos planos desse jovem.

Como os pais percebem o filho adolescente, na condição de pai:

A imagem que os pais passaram a ter do filho após este ser pai parece ter sido modificada, provocando uma alteração na organização da família. O fato de Walter estar contribuindo financeiramente faz com que os seus pais o percebam cumprindo seu dever de pai e de homem. A literatura aponta que tornar-se pai faz o homem adulto, como os seus pais, e que assumir este papel independe da idade cronológica (Parseval 1986). Isso pode ser observado no relato dos pais de Walter:

Está mais calmo, depois desse menino ele ficou mais consciente. Esse curso que ele ganha um trocado ele fica feito homem. Ele diz: mãe olha aqui o dinheiro da senhora. Ele fica mais responsável, feito um dono de casa. Desse modo, até que gosto mais dele. Dou conselho a ele pra nesse meio do mundo ter muito cuidado (...) ele é amoroso, ele gosta muito do filho dele, não quer que falte nada (pai).

É, ele é a mesma coisa que o pai dele diz (...) ele se preocupa com o menino, ele disse: mãe eu tenho que arranjar um emprego fixo porque esse dinheiro tá pouco e eu tô precisando tanto comprar as coisas pra esse menino(...). Ele já não saiu por causa do menino dele, acho que tiveram pena dele, botaram um bocado pra fora, e deixaram ele no curso. Acho que olharam pra essa criança e ele. Ele disse que se não tivesse nada, ia roubar, mas não deixava o filho dele com fome. (...) ter juízo, porque ele pode graças a esse menino e a ele ter um emprego melhor pra dar de comer ao filho dele, e a mulher, vendo ele com um emprego fixo, quem sabe, se eles dois vão crescer com o menino junto, o tempo é quem vai dizer (mãe).

Percebe-se, com o discurso dos pais de Walter, que a chegada do neto dirigiu a atenção da família a um novo propósito, descentrando a sua visão dos problemas existentes e motivou o adolescente a pensar em mudar de vida. Passou a haver uma maior negociação e interação entre os membros da família. Percebe-se nessa família que o aconselhamento, a confiança e as trocas de informações são reflexos de uma negociação intrafamiliar, que direciona a interdependência entre o sujeito e o seu meio. Souza (1997, p. 75) lembra que “considerando que as trocas são circulares, pode-se dizer que nos sistemas interpessoais o comportamento de cada pessoa afeta e é afetado pelo de cada um dos outros. Os sistemas interpessoais podem ser considerados, então, como circuito de retroalimentação”. Por sua vez, o filho do adolescente trouxe satisfação à família e ao próprio Walter, principalmente por ser o seu primeiro filho. Isso foi verificado nas palavras do pai de Walter:

Ontem mesmo brincando com ele eu disse assim, meu filho deixe Belinho aqui pra gente criar, ele disse; dou nada pai, dou nada, oxente, meu primeiro menino dou nada, esse menino não dou por milhões, milhões, não dou nunca, ele disse a mim (pai).

Vários questionamentos são feitos em relação ao que se passa na mente de um homem ao ser pai pela primeira vez. No entanto, Parseval (1986 p.136-137) acredita que “tudo se passa como se o acesso a uma primipaternidade significasse, no nível inconsciente, uma certa abolição do tempo, mais exatamente uma inversão ou “mistura” da ordem das gerações.” Ainda em Parseval (1986, p.141), constata-se que a chegada de uma criança e, principalmente, do primeiro filho traz modificações a toda a família, que permeia o “estatuto real e fantasmático,” passa a haver uma modificação de papéis, nos quais os pais dos genitores tornam-se avós e os genitores tornam-se pais.

Em relação aos seus sentimentos ao saber que ia ser pai, Walter não demonstrou nenhuma reação desfavorável ou de surpresa, ao contrário do que aconteceu com o primeiro dos entrevistados (Nilton). Walter relata que já namoravam há três anos e mantinham relações sexuais. Neste caso, está claro que este filho fazia parte dos seus planos, o que se comprova com a seguinte passagem:

Me senti muito bem, uma coisa alegre(...), eu fiquei assim (pausa), uma coisa que eu queria logo era ter um filho e logo um homem (pausa), aí eu fiquei mais alegre ainda (Walter).

Parece existir uma semelhança entre Carlos e Walter, quando falam do compromisso, preocupação com o filho e a vontade de ter condições para manter a família. Na história de vida de ambos os adolescentes houve um relacionamento estável de dois a três anos com a parceira antes da gravidez. Diante da existência de semelhanças entre os dois pais adolescentes, convém citar Arilha (2001, p.62-63), quando associa a passagem da adolescência à vida adulta de acordo com a incorporação da responsabilidade que o sujeito adquire com o nascimento do filho, que tem relação com “a vinculação afetiva e amorosa”, que foi estabelecida durante o relacionamento.

Com relação à vida sexual dos jovens, de acordo com o relato de Walter, era regular e já se mantinha há alguns anos. Apesar de não morarem juntos, Walter e a

mãe do seu filho se sentiam casados. No entanto, quando indagado sobre a utilização de algum método contraceptivo, Walter falou:

Usava, depois a gente parou (...), parou pra ter um menino (Walter).

A gente planejou, (...) apesar de não ter condições financeira, mais planejou e (pausa) era isso que a gente queria mesmo (...) não tive dúvida que eu era o pai não, porque eu já estava planejando, e sabia muito bem o que eu queria (...) (Walter).

O desejo de ter um filho está bem claro na fala de Walter. O filho fazia parte dos planos dos jovens, que já tinham um relacionamento de alguns anos.

Em relação às mudanças, após a chegada do filho:

Rapaz mudou porque tem que ter responsabilidade, com as coisas e agora que o menino veio ao mundo ele não sabe de nada então nós dois tem que se unir pra fazer o que poder pelo menino (Walter).

Com relação ao trabalho:

Eu tava pedindo a Deus pra arrumar um tranco para poder sustentar eu, o menino e ela, aí agora já que a Cruzada deu esse curso pra mim, eu estou agradecendo (...) e estou nesse curso e quero fazer esse curso e continuar nele pra poder receber uma bolsa pra poder dar pro meu filho, alimentar ele, o que faltar (Walter).

Seus pais complementam:

(...) tá dormindo cedo, tá tendo responsabilidade, ele sabe que a rua não tem o que dar mesmo. Toma banho, almoça, vai pro curso (mãe).

A melhor coisa é a pessoa está empregada (...), a pessoa sem fazer nada no mundo, sem trabalhar, sem nada, sai de casa e fica vagando, aí só vem pensamento pro mal (pai).

O filho parece fazer pensar em obrigações, responsabilidade, compromisso. De acordo com Arilha (2001) “assumir um filho pode determinar a passagem de uma vida de ‘zoeira’ e irresponsabilidade, aprendizagem, molecagem para uma vida de

compromissos, perda de amizades, perda ou limitação da vivência da sexualidade como uma sexualidade do prazer, sem limites”(p.65).

Com relação aos estudos:

Estudo eu tô atrasado, porque eu brincava muito, também, passei uns três anos sem ir pra escola por (...) problemas familiares em casa. Estou muito arrependido porque com 17 anos na quarta série (Walter).

Sua mãe complementa:

Ele não queria nada com os estudos não. Eu nem sabia nem onde ele andava, que dirá os estudos (...), uns diziam que ele estava aqui, outros no sinal a gente não dormia não, todo dia ouvia a bandeira dois, vendo a hora sair o nome dele... (mãe).

De acordo com o relato de Walter e da sua mãe, a vida anterior deste adolescente era preocupante, por ser voltada para brincadeiras, andar nas ruas sem pensar em nada sério, o que, associados aos problemas familiares não detalhados, contribuiu para que ele não valorizasse os estudos, só tomando consciência desta necessidade mais tarde.

Relacionamento social:

É, é, mudou em algumas coisas, por outra, os meu amigos falam brincando. Tu já é pai, já, na idade que estás, dezessete anos, todo mundo diz. Chamam pra sair, diz: vamos dar uma volta, eu digo, não, vou ficar em casa. Eles dizem: oxente! o que tá pegando é o menino é, deixa o menino com a tua esposa. Eu digo: não, deixa pro outro dia, que agente sai, bebe, brinca, pronto (Walter).

Os seus pais complementam:

Os amigos dele se dar com ele, não tenho o que dizer não. Os amigos que tinha, deixou pra lá. Um, acho que ele é preso, outro já morreu. Outros tomaram outro rumo. Aí ele ficou aqui com novas amizades (mãe).

Eu mesmo disse a ele, se você voltar a mesma vida que era, você perdeu o seu pai, seu pai não quer mais nada (...) você já sofreu muito. Já apanhou muito na sua vida, já está com 17 anos, já sabe o que é o mundo. Se você voltar a descaminhar na sua vida, não me procure mais porque já sabe que a gente não

pode dar a mão (...). Na minha vida não tinha esse negócio de curso, que o governo tá dando agora (pai):

É importante sinalizar que esta família passa pelo princípio da auto-organização no qual a estrutura e a função do organismo vivo são estabelecidas pelo próprio sistema. Conseqüentemente, o sistema se auto-renova diante da capacidade de reciclar continuamente seus componentes sem perder a estrutura global. Na visão de Souza (1997), embora o ciclo de desequilíbrio e estabilidade façam parte do sistema familiar, a família tende a dar continuidade à mesma estrutura global em relação às mudanças ocorridas com os membros da família. Sendo assim, as fases de vida pelos quais cada filho passa envolvem os processos de aprendizagem, desenvolvimento e evolução, no entanto, isso não significa que deixem de ser filho e nem que a família perca o controle sobre eles.

A família de Walter relata:

O governo paga pro menino estudar. É muito difícil criar filho (...), já pisei de pé já dei na cara dele (...), mais bato se precisar (mãe).

Eu nunca bati nele não e ele me obedecia (pai).

Depois que ele foi pai ele não apanhou ainda não, mais também não tem dia nem hora, se ele gritar comigo e levantar a mão, ele morre (mãe).

É notório que, ao mesmo tempo em que o neto trouxe novas esperanças para a família e perspectivas de uma vida melhor para Walter, aumentaram as preocupações pela questão da sobrevivência. Na visão de Minuchin e cols. (1999, p.28) “as pessoas de uma família têm uma sensação especial de conexão uma com a outra: uma ligação, um vínculo familiar. Isso é, ao mesmo tempo uma percepção e um sentimento”. No entanto, ao mesmo tempo em que os membros da família se protegem, defendem e apóiam, o conflito, a tensão e a raiva são inevitáveis, assim, tem-se como certo que “a família limita e desafia seus membros, mesmo enquanto os apóia”.

Por outro lado, a mudança de papéis que a família vivencia com a chegada do filho/neto parece fortalecer mais ainda os vínculos familiares e o respeito pelo filho. De

acordo com Minuchin e cols. (1999, p.100), é inevitável que o indivíduo e o ciclo de vida familiar passem por períodos de transições, que podem ser consideradas “normais e esperadas, com o nascimento de um bebê, ou inesperadas e traumáticas, com o repentino desemprego de um chefe de família”. Verifica-se a alteração de papéis nessa família, com a chegada da criança, a afetividade mais presente, o apoio e a união da família ao pai adolescente de acordo com o relato dos pais de Walter:

Ah! Ficaram tudo alegre (pai).

Há! A avó dele que ganhou um bisneto ficou contente, os tios (...) os irmãos ficou feliz, tudo contente (...) é uma confusão por causa do menino (...) todos quer pegar no menino, a menina quer pegar (filha), a mãe do menino tem muito cuidado (mãe).

Ah! Eu disse a ele (...), criar filho, meu filho precisa muito (pausa), não é um bicho que a gente bota o comezinho ali e ele come não. Você vai ter muita dor de cabeça (..) a semana passada a mulher mandou dizer de noite que o menino estava chorando com fome e não tinha leite (...) eu não tenho condições de comprar, nem de pagar(...) a mãe do menino acha que, o que ele pedir tem que dar (...), sabe o que ela vai fazer com ele, é botar ele pra roubar. Só é Deus que tem que iluminar a mente dele (mãe).

Minuchin e cols. (1999, p.27) ao se reportarem ao período de transição da vivência da família ao chegar um filho, estão de acordo que “quando uma criança nasce, o desamparo do bebê, requer um novo comportamento de cuidados, que altera os relacionamentos entre adultos da família. À medida que a criança cresce, há exigências crescentes de privacidade, autonomia e responsabilidade que perturbam o sistema e requerem novos padrões”.

Pelo fato de os membros desta família estudada não serem assalariados, o medo de comprar e não poder pagar persegue-os e provoca o dilema entre o querer e o não poder, deixando, muitas vezes, de se alimentar para não se comprometer com dívidas. Algumas vezes estas famílias optam por comprar em barracas destinadas àqueles que possuem o crédito de confiança, ficando sujeitos a preços mais elevados resultando, segundo (Motta e Scott 1983, p.104-109), “no paradoxo de que, para viver pobre, tem que pagar mais.” Ainda segundo estes autores, a alimentação, para essa

população, “é o núcleo para onde convergem todos os esforços da unidade família”. Dessa forma, a família vive constantemente preocupada com a sobrevivência dos seus membros e só uma minoria considerada privilegiada com carteira assinada tem acesso a compras em estabelecimentos comerciais.

Ricardo e sua Família.

Ricardo tem 16 anos, cursa a quarta-série numa escola pública, e é pai de um bebê com 10 meses. Não tem emprego fixo, atualmente está ajudando o tio em vendas (confeções). É o primeiro filho da sua família nuclear. Tem mais dois irmãos. Uma irmã adolescente que está com quatro meses de gravidez (15 anos) e um irmão, 12 anos. A mãe de Ricardo relata que não criou nenhum dos três filhos, quem os criou foram os seus pais (avós). “Quando eles foram para mim eles já estavam grandes, porque eu precisava trabalhar.” Esta senhora foi mãe adolescente (14 anos), por esse motivo, quando indaguei sobre o que se passou quando soube que Ricardo ia ser pai ela falou:

(...) normal, eu também fui mãe com 14 anos (mãe)

Há dez anos, a mãe de Ricardo e o pai dos seus filhos estão separados. Ambos estão com outros relacionamentos. O pai de Ricardo comenta que, antes de se separarem, moravam todos na mesma casa (avós, filhos e netos).

Ricardo, desde que nasceu, ficou sob os cuidados dos avós, foi registrado por eles como filho natural. O pai biológico relata que, quando a criança nasceu, ele e a mãe do seu filho eram adolescentes e não tinham como manter o filho. O avô, como tinha vínculo empregatício, colocou o neto como seu dependente, para receber alguns benefícios como abono e outros. O avô descreve o momento em que o neto nasceu. “Eu criei ele como filho mesmo, botei até o meu nome nele (...) quando nasceu o bebê, vi o galeguinho bonitinho, disse: não, eu crio ele, não vai dar ele a ninguém não, aí

ficou tudo em casa mesmo.” A mãe comenta que, após o falecimento da avó, Ricardo foi morar com ela, por ter se desentendido com o avô.

Atualmente, a mãe de Ricardo trabalha na limpeza de uma escola pública. O pai está desempregado, tem mais três filhos do seu casamento atual. O avô, aposentado (INSS), sente em não poder ajudar muito o neto, quando relata: “eu ganho pouco, eu ganho o salário, já tenho uma filha aqui comigo, ela tem 3 filhos, eu ajudo ela, aí já sabe como é que é (...), Ricardo às vezes vem aqui, o irmão dele e a irmã moram comigo aqui.”

Ricardo aparenta ser ainda um menino brincando com coisas de gente grande, ainda não preparado para tais encargos financeiro e emocional. Demonstra ser uma pessoa dócil e afetuosa com o filho. Registrou o filho logo que este nasceu. Antes da gravidez, morou com a mãe do seu filho por um determinado tempo, na casa dos pais dela. Após o nascimento da criança, ainda permaneceu morando na casa dos pais de sua parceira, no entanto, não deu certo; relata que houve desentendimento com a mãe da parceira: “eu acho que ela quer o menino (...) porque é vó, quer o menino só pra ela. Às vezes, diz que não dou nada.”

Atualmente Ricardo mora com a sua mãe, enquanto a mãe do seu filho continua na casa da mãe dela, que a ajuda nas despesas com a criança. Ricardo comenta que vê sempre a criança e mantém o relacionamento amoroso com a parceira, mesmo estando cada um morando com os respectivos pais.

Reação dos pais e avô de Ricardo ao saber que ele ia ser pai, de acordo com o relato de Ricardo:

Ficaram tudo alegre, tudinho alegre, aí meu avô dizia: paíinho novo, pai novo, tudo abusando comigo, com dezesseis anos, agora tu vai ver o que é ser homem, trabalhar pra dar de comer ao teu filho, como eu fazia com tu (Ricardo).

Seus familiares comentam:

Eu me senti feliz (...), eu me senti feliz em ele ser pai (...) normal, eu também fui mãe com 14 anos (...) quem falou foi ela que estava grávida. Eu disse a ela: tu tão nova desse jeito com nenê novo pra trabalhar (...), ela disse que tem a mãe dela pra ajudar ela (mãe).

Fiquei feliz, só que ele é muito novo, não tá trabalhando, era para ele ter pensado mais (...), eu mesmo se tivesse a idade dele agora, eu não queria mais não (...), se ele trabalhasse a minha preocupação era mais pouca, porque trabalhava para assumir o filho ... (pai).

Seu avô complementa:

Eu mesmo fiquei contente e ao mesmo tempo fiquei triste (...), não trabalha, não tem nada, não pode assumir o comando, aí fica chato pra nós né, a gente fica com vergonha que não pode ajudar, aí fica sem ajudar, porque não pode também (avô).

O sentimento dos pais em saber que seu filho ia ser pai foi de alegria e, ao mesmo tempo, de preocupação. A falta de trabalho, a falta de uma qualificação profissional do jovem, traz conflitos à família. No discurso do avô que o criou, a falta de trabalho tem uma representação de perda de poder, de comando na família. Percebe-se na fala do avô que este se ressentia em não poder ajudar financeiramente o neto a manter o filho, fato este considerado e incorporado por este senhor numa obrigação da figura masculina. Arilha (1998) afirma que a idéia do homem que comanda, que tem autoridade sobre a vida familiar, parece se manter nos dias atuais.

Por outro lado, verifica-se que a família passa pelo conceito da Teoria Geral dos Sistemas chamado de Finalidade: todos os sistemas orgânicos e sociais se direcionam sempre a um objetivo e com o mesmo propósito, estes, segundo essa teoria, embora mudem no decorrer do seu ciclo vital, não vão deixar de existir (Souza, 1997). A relação dessa família com a teoria da Finalidade é que todos os membros da família do adolescente têm como preocupação o trabalho que dê sustentação para o adolescente alimentar o filho. Os valores do sistema familiar como responsabilidade, compromisso e honestidade são repassados aos subsistemas.

O que pensa Ricardo quanto aos projetos de vida:

Meus planos é no futuro arrumar um emprego, um emprego fixo e depois ter um negócio pra mim mesmo, trabalhar para mim mesmo (Ricardo).

O pai de Ricardo traz um desabafo:

(...) às vezes eu fico quase doido, às vezes chego em casa dá vontade de sair, me jogar na frente de um carro sabe, (...) eu não tive estudo, hoje em dia tá me fazendo falta (...) por isso é que eu fico dando em cima deles, estude, estude que vão precisar desse estudo (...) se vocês não estudar, não vão ser ninguém (...) de pequeno eu não tive tempo de estudar porque meu pai deixou minha mãe com sete filhos e eu era o mais velho, tinha que trabalhar, trabalhava de dia numa lanchonete e de noite em outra (pai).

De acordo com o relato do pai de Ricardo percebemos que ele se encontra emocionalmente muito afetado, uma vez que sofre interferência do fator social e financeiro. De acordo com Minuchin e cols. (1999) a falta de estrutura familiar, a falta de vínculo empregatício, a chegada de um novo membro na família, a mudança de papéis na organização familiar, produz ansiedade, gera angústia e esse pai sente o seu futuro e dos seus descendentes ameaçado.

Ainda em relação aos projetos de vida, o avô e a mãe de Ricardo completam:

O que eu quero é que eles estudem e vão pra frente (...) meus pais me educaram muito, minha família (...) meu pai era canoieiro, eu estava com 15 anos era escoteiro naval (...) ele dizia não quero que siga esse meu trabalho, esse meu trabalho não presta ... (avô).

Pensava em ele terminar os estudos, ir pro exército né, mais nada disso chegou, aconteceu (mãe).

Nos valores que a família repassa a seus descendentes, perpassa a existência da responsabilidade, força, que refletem na união dos laços familiares e numa ajuda

mútua nos momentos difíceis presentes na dinâmica familiar. Os familiares também expressam o desejo que os projetos de vida de Ricardo sejam baseados nos estudos, a fim de ter uma vida melhor que a deles próprios.

Quando Ricardo comentou sobre o sentimento ao saber que ia ser pai não revelou nenhuma surpresa, parece que já esperava por esse momento:

Foi eu que quis fazer o menino, ela não sabia não (...) ela não sabia que eu tinha intenção de fazer um filho nela não (...) e eu queria ter um filho (...) fiquei muito alegre quando vi que era um menino aí... fiquei muito alegre, fiquei emocionado quando vi o menino. Eu olhava assim e dizia não, não é meu filho não, nem acredito no que eu tou vendo. Eu pedia muito a Deus que eu queria um menino e terminou sendo um menino (Ricardo).

No relato de Ricardo, percebe-se que o desejo de ter um filho está muito evidente. A preferência do pai adolescente em querer um filho homem não se apresenta como um comportamento novo, tem suas origens em um comportamento patriarcal. Esse desejo também se faz presente na fala de Nilton e Walter. Convém uma reflexão nesse desejo dos pais adolescentes em ter um filho e qual a sua relação com a reprodução de um discurso masculino dominante de se tornar um adulto e ser reconhecido como tal. Olavarria e Parrini (1999) e Olavarría (2000), relatam que um filho é uma representação para ser um homem, portanto, nessa concepção, a partir do filho, o homem se reconhecerá e será reconhecido como homem pleno, e se sentirá completamente homem.

Por outro lado, estudos sobre mães adolescentes vêm sinalizando que adolescentes nem sempre engravidam por descuido, irresponsabilidade, ou desconhecimento dos métodos contraceptivos e sim porque querem ser mães, por fazer parte de um desejo, baseado num projeto de autonomia, de ser responsável pelo seu corpo. O estereótipo que se tem da gravidez na adolescência como negativo impede que seja vista como capaz de proporcionar crescimento e amadurecimento a uma boa parte das jovens (Amazonas, 1999; Paiva, 1999; Paula citada por Lyra da Fonseca, 1997).

O fato de o filho de Ricardo ter sido homem parece ter trazido ao jovem pai uma maior gratificação, quando ele comenta:

(...) menino é diferente de menina. O menino quando ele tiver maior, vai trabalhar com o pai e tudo, ajudar. A menina fica mais em casa e o pai quebra muito a cabeça com menina fêmea (sorri), é ruim por causa disso (Ricardo).

Esse posicionamento também foi observado na fala de Walter, (terceiro entrevistado), que demonstrou satisfação por o seu filho ter sido homem. A semelhança entre esses dois casos pode ter sido originada de uma postura machista, resquício de uma sociedade patriarcal e que foi culturalmente incorporado e reproduzido socialmente.

Um outro ponto observado em relação ao desejo do adolescente em querer um filho, mesmo não sendo no momento desejado pela parceira (recorte anterior) parece representar um comportamento novo do adolescente em relação aos gêneros. A motivação desse desejo, teria relação com o comportamento do novo pai que está sendo construído? Veja-se o comentário de Ricardo sobre a vontade de ser pai:

Pensava em ser pai, ser pai como qualquer um pai, aí terminei fazendo um filho (...) me lembrava quando eu era criança, saía pros cantos com meu pai, (avô) ia pras feiras, pra todo canto com ele (Ricardo).

Pode-se observar, de acordo com a citação de Ricardo que o modelo de pai no qual ele se espelhou, (avó) pode ter despertado o seu desejo de ser pai dando-lhe base a uma identificação paterna. As informações sobre a paternidade, em relação a valores, comportamento e papéis do pai foram sendo processadas pelo adolescente, fornecendo indicativos a ser pai. Esse comportamento vem confirmar os estudos de Bertalanffy (1975) em relação à teoria da equifinalidade: o resultado final de uma ação pode ser realizado de muitas maneiras e de diferentes pontos iniciais e pode ser alcançado em condições ambientais diversas.

Como Ricardo percebia os seus pais, antes de se tornar pai:

Minha mãe, tudinho, ninguém não acreditava que eu ia ser pai, ficava direto, mandando eu usar camisinha pra não ser pai, mandava ela tomar remédio, mais só que a gente não queria saber disso, aí terminou eu querendo mesmo, eu fui e fiz o filho (Ricardo).

Em relação às mudanças ocorridas após ser pai, Ricardo comenta que aumentaram as cobranças dos pais :

Só muda alguma coisa, né, só muda porque às vezes eu tou parado, eles dizem mais rapaz (...) vai trabalhar o resto da semana, que é para dar de comer ao teu filho (...) minha família, a mulher, vá arrumar um emprego pra dar as coisas ao menino, você agora tem um filho, ficava logo dando em cima de mim (Ricardo).

Percebe-se, na fala de Ricardo, uma certa ansiedade por não poder assumir a função de provedor na sua família. Os conflitos entre o adolescente e a sua família aparecem com mais frequência por o mesmo não ter trabalho. A família lembra-o, a todo momento, a manter o seu papel de provedor na família. De acordo com Barsted (1998), nos dias atuais, torna-se cada vez mais difícil o homem assumir a função de provedor, (originado do patriarcado) principalmente pela falta de emprego.

Como a família de Ricardo o via antes e após ser pai:

Antes de ser pai, eu reclamei muito a ele que ele só queria andar com esses cabras safados, eu tirei ele desse negócio, ele gostava de fumar, esse negócio todo, cheirar maconha, cheirar cola, aí ele mudou, porque dei em cima dele (...) por isso eu digo eu só trago ele para o bem, eu e a minha família (...) eu digo a ele mesmo, cuide, cuide em trabalhar para sustentar a família (...) se está chegando família ele tem que trabalhar pra sustentar a família (avô).

Ele andava muito com os amigos por aí, pai tirou tudinho, andava muito solto, mais não tá mais não, solto mais não, só sai com a gente (...) o pai dele deu muito conselho, mas agora ele tá quieto, mudou muito depois do filho dele ele mudou. (mãe).

Ele está direitinho agora, esta trabalhando agora, é um biscatezinho ... (pai).

A percepção da família de Ricardo pela vida anterior que ele levava está relacionada a amizades indesejáveis, ao envolvimento com vícios, que sofreu alteração, a partir do momento que teve o apoio dos familiares. O avô que o criou teve o papel fundamental no processo de mudança, bem como o nascimento do filho do adolescente, de acordo com o relato da sua mãe no recorte acima. Diante do processo de transição que o mundo vivencia, Minuchin (1990), lembra que a família, mais do que nunca, tem como principal tarefa apoiar os seus membros numa visão psicossocial. Mesmo acompanhando o mundo nesse processo de transição, a família dá continuidade aos seus valores para que o subsistema cresça e se adapte às circunstâncias do sistema maior que é a sociedade.

Quanto ao relacionamento social, Ricardo relata:

(...) eu ando com meus colegas, (...) de vez em quando eu bebo, brinco, mais só que, acho que muda alguma coisa, a pessoa não pode tá saindo como saia, tem que procurar emprego. Vai ter que mudar alguma coisa aí (Ricardo).

Em relação aos estudos, Ricardo comenta:

Estou muito atrasado. Eu estudava mais gazeava aula pra tá no meio da rua, não ligava pros estudos, agora estou ligando. Ia pra escola mais pra ficar do lado de fora conversando com os amigos, mais agora não, agora estou indo pra ficar na aula (Ricardo).

Seus pais completam:

Está atrasado nos estudos porque parou, porque quis parar... (pai).

Na escola Ricardo é muito frouxo, não é muito estudioso não. Agora no trabalho ele é trabalhador. Quando ele tem dinheiro dá alguma coisa ao filho dele (...) no que eu puder ajudar ele, eu ajudo, dou também ao menino, eu também ajudei, comprei as coisas pro menino (mãe).

O estudo para Ricardo não era valorizado, havendo evasão escolar pela falta de compromisso. Esse acontecimento pode ter relação com a sua vida anterior, citada anteriormente. O estudo só passando a ser percebido como necessário após a chegada do filho.

A percepção de mudanças que o adolescente observa ter ocorrido em sua vida após ser pai:

Mudou algumas coisas assim, a pessoa tem que lutar, trabalhar mais e deixar a vida de criança para trás, deixar de todo tipo de brincadeira, o negócio agora é trabalhar e correr atrás (...) é responsabilidade agora (Ricardo).

Agora tenho de trabalhar mais pra ele do que pra mim, só pra ele (Ricardo).

(...) também ele é um pai relaxado, porque o pai que é pai e tem família procura trabalhar e dar o sustento do filho, porque o filho não pediu, não pediu pra vir ao mundo não (avô).

Ricardo é cobrado, pela família, a ter um emprego. O fato de não trabalhar o faz ser visto como irresponsável, omisso como pai e sem autonomia para exigir os seus direitos de pai, que é ver, o seu próprio filho. A literatura aponta, as conseqüências que o homem vivencia pela falta de trabalho. Olavarría (2000, p.13) relata que:

trabajar significa ser responsable digno y capaz, atributos que caracterizarían a la hombría em su fase adulta plena. El trabajo les da a los varones autonomia y les permite constituir un hogar, ser provedores, cumplir con su deber hacia la familia, ser jefes de hogar y autoridad em su familia.

Lembra ainda esse autor que esse mandato é percebido como uma grande pressão sobre os homens, principalmente para aqueles que têm um trabalho precário e menores condições financeiras. A perda do trabalho, em geral, é vivida como uma profunda perda de valor, que provoca crises na auto-estima, afetando outras situações da vida (Olavarría, 2000).

Em relação aos sentimentos pelo filho:Ricardo comenta

Eu brinco com ele, tudo, tá nascendo os dentes dele, ele diz papá, papá. Eu fico brincando com ele, chamando ele de painho sabe, (...), eu gosto muito dele (Ricardo).

Ele mora com a mãe. Eu via ele todo dia, agora vejo ele de vez em quando. Eu não falo com a mãe dela não, teve uma discussão com a mãe dela, aí eu não falo com ela não ...eu acho que ela quer o menino, penso assim porque é vó, quer o menino só pra ela. Às vezes diz que eu não dou nada (Ricardo).

Como a família percebe Ricardo após ter sido pai:

Quando ele está com ele (filho) acho bonito, porque ele é pai, bota ele no braço, trata bem e tudo. A mãe também trata muito dele, eu digo a ela mesmo (avô).

Ele gosta do filho dele, oxente! Ele pega o menino, ele é gamado no filho dele, porque ele não tem pra dar, ajudar ... eles agora estão separados, cada um numa casa, mais ele vai lá (...) tem vez que ela deixa ele ver o menino, tem vez que não, mais ele vai lá ver o filho dele, mesmo que ela não queira, ele vai assim mesmo (...) ela diz que ele não tem trabalho, não dá nada a ele, eu disse a ela, o menino não vai roubar não, quando ele tiver trabalho ele dá as coisas ao menino. A mãe dela bota ele pra trás. Ele disse, eu vou que ele é meu filho (...) ele pega no menino, mas ela tava implicando sem querer deixar, agora ela deixa (mãe).

Lewis e Dessen (1999, p.11) apontam “que o envolvimento paternal está relacionado tanto a fatores psicológicos quanto a processos sociais” que por sua vez interferem na organização familiar”. No entanto, a família, por ser um sistema vivo, sofre influência dos outros membros, por sua vez, os membros são influenciados pelo sistema havendo alteração na organização familiar. Com a chegada de um novo membro, passa a haver uma mudança nos papéis e interferência de valores que envolvem os padrões sociais e culturais dos pais e avós.

De acordo com o relato da mãe de Ricardo (recorte acima), percebe-se que o relacionamento do pai adolescente com o seu filho está sendo prejudicado por não poder manter o papel de provedor na família. Nota-se, na fala de Ricardo e da sua mãe,

que existe uma situação conflitante entre vivenciar o seu afeto e a necessidade de corresponder ao papel de provedor. Na visão de Barsted (1998, p.70), torna-se “cada vez mais difícil os homens assumirem solitariamente o papel de provedores. Da mesma forma, cada vez fica mais difícil para as mulheres compatibilizarem a dupla jornada”. As repercussões denotam insegurança no homem pela destituição do seu papel e poder na família, e a mulher é envolvida pela angústia e medo de não dar conta da alimentação e encargos sociais necessários à família.

A percepção que Ricardo tem de si mesmo como pai:

Me vejo como um pai bom, agora eu tenho que lutar pelo meu filho (...) ele parece comigo, todo mundo achou, até eu mesmo achei parecido comigo (Ricardo).

A identificação do pai adolescente com o filho parece que se dá tanto em relação ao gênero (masculino), recorte anterior, quanto a se achar parecido com o filho. A semelhança física com o pai culturalmente na nossa sociedade ainda dá continuidade como uma identificação do pai com o filho e uma comprovação de que é seu filho.

Marcos e sua família

Marcos, dezoito anos, é o primeiro filho do segundo casamento de sua mãe. Tem uma filha com cinco meses, foi pai aos dezessete anos. Não hesitou em registrar a criança.

A mãe de Marcos concebeu aos 11 anos de idade, e o pai da criança tinha dezessete. Atualmente, os pais de Marcos estão separados; após a separação, a mãe de Marcos teve dois relacionamentos. O pai de Marcos é pedreiro, mora no Rio de Janeiro e tem uma outra família. Dos três relacionamentos que a mãe de Marcos teve, gerou 13 filhos. Três de suas filhas foram mães adolescentes (16, 17 e 15 anos). Esta senhora comenta que seu pai (avó de Marcos) abandonou sua mãe (avó) por sua culpa ao engravidar com 11 anos, e o rapaz 22. Assim, ela relata: “A minha mãe foi quem criou o menino, porque eu era muito nova, eu não sabia nada, minha mãe me apoiou e

meu pai deixou a casa, por isso me condenava e condenava minha mãe”. Através de suas palavras percebe-se que, mesmo sua vida tendo sido sofrida na fase da adolescência e adulta, sente-se gratificada pela experiência de ser mãe e avó, ao relatar: “sofri demais (...) agora é bom ser mãe sabe (...), chega o dia das mães é tanto menino, é neto, é presente, é alegria (...), a minha vida com eles foi sempre assim, tudo conhecendo já a vida de sexo, de filho, de gravidez, de tudo (...), agora sempre estudando, aquele estudo fraco e pouco.”

A mãe de Marcos atualmente trabalha como Auxiliar de Serviços Gerais numa firma. Tem um companheiro (terceiro), diz que ele se considera “inutilizado”, (obesidade), por isso não trabalha.

Marcos relata que quase não conviveu com o pai. No seu relato, deixa transparecer mágoas quanto à omissão do pai, quando diz:

Eu acho que na realidade eu não tenho pai não. Pai tem, tem o nome dele lá no meu registro, eu sei que foi ele que me fez que realmente a gente parece muito...mas pai não tem não... um cara que faz... fazer é bom, registrar, mas não conviver, não ligar, nunca apoiar em nada ... pelo contrário só ver os defeitos... morei com ele dois anos (com 16 anos, no Rio), teve uns probleminhas aqui ...voltei, a gente não se dá muito bem não. Quando pequeno eu nunca morei com ele não (Marcos).

(...) eu só penso em ser muito diferente do que meu pai foi para mim, porque foi um cara que morou vários anos em frente, eu morando de um lado da rua e ele do outro e nunca ligou pra mim...(Marcos).

Percebe-se que a ausência do pai, a falta de afetividade trouxe uma representação negativa do modelo de pai que Marcos gostaria de ter, que o afeta emocionalmente, causando sofrimento. Esses sentimentos fazem com que ele deseje ser um pai diferente do que tem. A mãe, como chefe de família, procura compensar a ausência do pai o que se observa, no relato de Marcos, o respeito pela mãe:

Minha mãe, é minha mãe. Minha mãe é dez (...), ela sempre me deu as coisas, o que eu precisar ela tá sempre (...), é assim, eu fazendo certo, ou fazendo

errado ela não tem aquela (...), ela não fica contra mim (...), o negócio é esse, ela conversa (Marcos).

A mãe de Marcos diz que seu filho é muito parecido com o pai, teme que ele repita as mesmas atitudes de seu pai, casando-se com uma pessoa mais velha, como aconteceu com ela, e depois abandonando-a, assim ela relata:

Ele é parecido com o pai em tudo, em tudo mesmo. É igualzinho ao (...) gênio do pai (...) é daquela pessoa calma, mas quando se estoura é bem ignorante sabe, não é de violência, de matar, mais é violento assim, uma pessoa estressada (mãe).

Na visão de Preto (1995), quando acontece um conflito entre o adolescente e um dos pais, os antigos padrões de relacionamento da família de origem dos pais tendem a se repetir e, muitas vezes, a mudança na forma de educar os filhos, evitando os mesmos “erros” que seus pais cometeram é inevitável que ocorra. Na visão do autor, quando os filhos atingem a adolescência, eles muitas vezes ficam surpresos ao observar semelhanças de personalidade entre eles próprios e seus pais (Preto 1995, p.224).

Apesar de não querer repetir o que o pai fez e se tornar um pai diferente, Marcos julga estar acontecendo na sua vida com a parceira o mesmo que aconteceu com o seu pai e sua mãe.

Minha mãe quando me teve já tinha outros filhos do outro (...) relacionamento. Eu tenho um irmão com 30 anos do primeiro relacionamento da minha mãe. Eu fui o único filho do meu pai com minha mãe. Pelo que sei, ela não chegou a morar com o meu pai, a mesma coisa que aconteceu comigo, ela ficou um tempo, engravidou e tal (...) nasceu, a mesma coisa...(Marcos).

Através da fala de Marcos e da sua mãe, nota-se que a dinâmica da família é permeada por atos repetitivos principalmente em relação à sexualidade. Nessa família, filhos e filhas adolescentes procriaram precocemente, assim como aconteceu com o pai e com a mãe de origem. Nessa família, as fronteiras são muito abertas, os

relacionamentos são instáveis. De acordo Minuchin e cols (1999), a família pobre, por ter suas fronteiras muito abertas, são facilmente influenciadas e a autoridade da família desaparece. Desde cedo as crianças deixam de ver nos adultos de sua família a ausência do poder e passa a existir o desrespeito com a figura de autoridade.

A vida de Marcos, anterior ao nascimento da filha, era pautada em aventuras, “farra” e falta de responsabilidade com a vida sexual. O que se verifica no seu depoimento:

Era mais um negócio de gandaia, nunca tive nada sério, nunca gostei de ter nada sério com ninguém não. Era mais curtição, era mais no meio de bebida, dificilmente saía com uma menina consciente assim (...), às vezes transava sem camisinha (...) não pensava em nada não (...) agora Deus me livre, nem com ela mesmo (Marcos).

Marcos relata que antes da criança nascer, não tinha um bom relacionamento com a parceira nem com a família dela. Passou a ter um melhor relacionamento após o nascimento da criança. Atualmente dorme na casa dos pais da mãe da sua filha. Marcos relata que a idéia de ficarem juntos partiu da sua parceira, quando fala: “a gente não chegou a namorar mesmo não. Assim que a gente se conheceu, a gente já começou a ficar, aí ela já ficou grávida logo de cara”.

Reação do adolescente ao saber que ia ser pai:

Ao comentar sobre os sentimentos ao saber da notícia de que iria ser pai, Marcos demonstrou sentimento de estranheza, dúvida, surpresa, porque só veio saber após o nascimento da filha, mesmo tendo uma certa suspeita, pela vida sexual livre que tinham. Isso se comprova na fala de Marcos:

(...) ela ficou grávida, mas também não disse nada, depois de muito tempo já ela veio conversar comigo, eu já tinha as minhas suspeitas, mas ela não falou nada, eu não ia chegar pra ela e perguntar (...), eu acho que ela não falou porque se ela falasse eu não ia, não iria ter a consciência de querer, eu ia mandar ela tirar, alguma coisa, não ia querer assumir ... ela pensava isso, e realmente ia ser assim, sei lá (...) eu vivia de um jeito e um filho muda muito (...)

ela já sabia qual ia ser a minha reação e não era nada sério não, só ficou a ficar mais sério depois que a menina nasceu mesmo (Marcos).

A chegada da filha mudou os planos de Marcos, tirando-o da vida mundana, bem como houve uma mudança positiva no relacionamento com a mãe da sua filha. A transição para a paternidade se deu naturalmente. De acordo com Minuchin e cols. (1999), as transições, por não serem fixas, elas provocam confusões, mas também proporcionam oportunidades. Houve a aceitação de um novo membro na família. O sistema familiar foi beneficiado passando a haver um clima de harmonia. De acordo com o relato da mãe de Marcos, com o nascimento da criança, as suas preocupações diminuíram, no sentido de seu filho ter se afastado da vida de “farrá” que levava. Percebe-se que houve uma relação de troca na dinâmica familiar, quando sua mãe comenta:

(...) coitado, nem ele sabia que a menina era dele (...) só que ele estava tendo um caso com ela escondido, assim coisa de menino mesmo. Aí nasceu, quando nasceu diziam: olhe Marcos é tua cara, tua cor (...), aí ele foi ver, achou que era dele, sentiu que era dele, pegou amor e aí me obrigou a ir no cartório com ele (...) a menina não tinha nem um mês ainda. Eu mesmo fiquei espantada (...) eu disse, nem acredito que é de Marcos, nem ele né, ficou dizendo assim: é, estão dizendo que é, fazer o quê? Eu disse, mais isso é coisa séria, porque eu sei o que é ter filho sem pai, criar filho sem pai (...), aí quando eu vi a menina pela primeira vez, senti, eu senti dentro de mim que realmente a menina tem muita coisa a ver com ele, (...) até hoje ele dá assistência, tá vivendo mais com ela agora (mãe).

A relação afetiva anterior de Marcos com a parceira, associada a uma imagem negativa que tem do pai como omissor, e que não deseja repetir, contribuiu para Marcos se perceber pai. Por sua vez, o apoio da sua mãe, delimitando fronteiras, favoreceu para que a família se adaptasse a um novo acontecimento havendo aceitação por todos. Na visão de Minuchin (1990), para que a família tenha um funcionamento apropriado, as suas fronteiras, que funcionam como regras, devem ser nítidas, sem interferência, para que seus subsistemas se adaptem às novas circunstâncias. Sendo assim, as fronteiras dentro das famílias servem de parâmetros para a avaliação do funcionamento familiar.

Apesar de Marcos querer ser um pai diferente do que tem, e se comportar como tal, a sua mãe o lembra e teme que este repita a mesma coisa que o seu parceiro fez quando Marcos nasceu, abandonando a ambos (mãe e a criança). Marcos relata:

Quem falava mesmo era minha mãe, a única coisa que ela dizia era isso: vê se não faz a mesma coisa que o teu pai fez contigo...eu sei muito bem o que é, e dar pra ver o que ela quer dizer com isso. Ela diz, você é muito parecido com ele, até na aparência, o gênio (Marcos).

No recorte acima, vê-se que a família de Marcos recebe e envia “inputs” constantemente ao subsistema. De acordo com Minuchin (1990), como a família, num sentido genérico, muda e se adapta às circunstâncias históricas, a família individual se adapta constantemente recebendo e enviando “inputs” na relação familiar e extrafamiliar. Portanto, isto é possível por a família ser um sistema aberto e em transformação.

Em relação a mudanças após o nascimento da filha, Marcos parece se reconhecer como uma outra pessoa, quando fala:

Mudou, mudou muito, muita coisa. Mudou, mudou o modo como vivia para como vivo agora, tudo, tudo. Sei lá, só vivia na rua curtindo, passava noites e noites na rua, sei lá, depois que a menina nasceu, eu fiquei numa paz assim, sei lá porque, sei nem ... Não tem a coisa de tá na rua, curtindo. Eu me envolvia em muita confusão, por causa de amizades e tal...(Marcos).

Os estudos de Olavarría (2000, p.13), entre outros como, Valdés e Olavarría (1998); Olavarría e Parrini (1999) corroboram a idéia de que a transição da juventude à fase adulta se passa com a chegada de um filho; é a partir daí que ele “se reconhecerá y será reconhecido como varón pleno, se sentirá completamente hombre.” Para Olavarría (2000), essa concepção é pautada em um modelo de paternidade, não se trata de fazer filho por fazer, e sim, por fazer parte da natureza, como algo preestabelecido de ordem natural.

A visão da mãe de Marcos, após ele ter sido pai:

Mudou, mudou porque ele saía sábado de noite chegava no outro dia com colegas bêbados, brigava, vestia o calção e ia pra praia. Depois chegava, olhe eu me sentia tão agoniada, ficava logo com dor de cabeça ... (mãe).

As mudanças com relação à vida social e aos amigos parecem que tiveram influência no sentido de trazer mais tranqüilidade em relação à vida que levava. Por exemplo, quando Marcos relata:

Mudou tudo, tudo, porque eu só vivia saindo com amigos, mulher e tal. Quatro, cinco amigos pra sair, um bando de mulher, às vezes saía num dia, chegava no outro, passava final de semana tomando cachaça (...), mas depois que a menina nasceu eu parei disso, ainda convivo com o pessoal, ainda converso mas negócio de tá saindo como era antes não... (Marcos).

Os amigos ficaram tirando onda, só brincando, não tirava nada a sério não, diziam assim ... é, você agora é pai, tem que ir embora mesmo tá dominado mesmo agora (Marcos).

Quanto à vida social, a mãe de Marcos comenta:

De amigo ele tem as amizades dele mais é umas amizades que não devia ter, amizades de bebidas, um barzinho de noite. Ele bebe, mais bebe e vai dormir, não é de fazer barulho na rua... (mãe).

Em relação ao trabalho:

O trabalho para Marcos faz parte da rotina de sua vida. A ausência do pai contribuiu para que ele desse início a suas atividades profissionais cedo, a fim de ajudar na manutenção da família e na sua própria sobrevivência. O que o preocupa é a carência de trabalho, principalmente após ter sido pai, fato verificado no seu relato:

Com relação a trabalho, ficou o mesmo, porque eu sempre trabalhei. Comecei a trabalhar com 14 para 15 anos, eu já trabalhava. Fui pro Rio comecei a trabalhar, voltei e sempre trabalhei (Marcos).

A mãe de Marcos confirma as palavras do filho:

(...) agora assim pra trabalho é muito inteligente, ele gosta muito de trabalhar, gosta muito de ter o dele, ele é muito esforçado pra ter o que é dele. Quando ele trabalhava o que ele ganhava dividia comigo (mãe).

Tem vez que ele se desespera sem trabalho aí diz: Isso é vida (...), eu digo vá em frente, eu não venci com vocês todos, sofri tanto (...) e Deus me deu o dom de criar tudinho... (mãe).

A fala de Marcos, no recorte acima, vem corroborar com o pensamento de Olavarría e Parrini (1999) quando lembram que os jovens que incorporarem desde cedo o senso de responsabilidade e desafios e estes, quando são acometidos de serem pais na adolescência, vivenciam essa fase com mais facilidade. Motta e Scott (1983, p. 75) comentam sobre a existência da mão-de-obra familiar como fator de importância no contexto da pobreza do Recife. Isso ocorre pela necessidade: “da contribuição de mulheres e crianças para estratégias de complementação de renda das famílias”, visando a sua sobrevivência, fazendo com que os seus membros dêem prioridade ao trabalho. Mesmo sendo insignificante e se submetam a atividades de pouca remuneração, este fato vem interferir na organização interna das famílias. Na impossibilidade de manter trabalho e estudo, mesmo sendo um desejo dos pais, o trabalho é priorizado como fonte de sobrevivência.

Quanto aos estudos, Marcos relata:

Com os estudos eu nunca fui muito interessado não, estudo assim mais nunca fui muito interessado não (...) parei antes, da gravidez, foi mais por causa do trabalho e a viagem que fiz para o Rio de Janeiro (Marcos).

A sua mãe completa:

Estudava à noite, mais estar para resolver a situação dele no colégio (...) a viagem para o Rio atrapalhou os estudos dele, mas não parou porque quis não (mãe).

Em relação aos estudos, verifica-se que Marcos e os demais adolescentes não sofreram implicações nos estudos com a chegada da criança. As implicações como repetência e evasão escolar ocorreram bem antes de serem pais.

Quanto às mudanças no relacionamento com a mãe da criança, Marcos relata:

Trouxe, com certeza, eu não convivia com ela não (...) a gente tinha até certos atritos (...), quando a menina nasceu, não, a gente passou a conviver mais, conversar. É como o pessoal fala, um filho não junta um homem com uma mulher, e não juntou? (Marcos).

As mudanças na vida de Marcos após o nascimento do filho parece estarem bem evidentes, por exemplo, no relacionamento com a mãe da criança, quando ele percebe que passou a haver harmonia, favorecendo a união do casal. Mesmo não tendo anteriormente a pretensão de formar vínculos com a parceira, o fato de ser pai despertou em Marcos algumas questões internas conscientes ou inconscientes, até pela própria história dos pais. Olavarría (2000, p.13), quando se refere à paternidade como um mandato da masculinidade dominante, ele sinaliza que “los hombres deben ser padres para alcanzar así la dignidad de varón adulto. En este sentido es uno aspecto constitutivo de la masculinidad adulta que da sentido a su vida”.

Sobre os planos e projetos, Marcos comenta:

Eu nem sei nem dizer, no momento penso em arranjar um outro serviço, porque no momento estou parado (Marcos).

A sua mãe relata:

Eu mesmo queria muito que ele entre no exército e ele tem tudo para entrar no exército (...) por mim ou ele ia pro exército ou arrumava outro emprego... (mãe).

Parece que Marcos ainda não tem clareza sobre o que quer. O trabalho faz parte de uma realidade mais urgente, sem ele, fica impedido de pensar mais em termos de futuro.

Como o adolescente vivencia os sentimentos de ser pai:

Ao falar sobre os seus sentimentos pela filha, Marcos demonstrou uma certa dificuldade. De acordo com as suas palavras:

Ah!, não sei nem falar sobre isso não, falar sobre sentimentos não sei falar não ... é difícil eu não sou muito chegado não (...) quando estou com ela sei lá, é diferente, sei nem dizer não, sei que é diferente, me sinto bem, (...) não é do mesmo jeito que a pessoa gosta de uma mulher não, não é do mesmo jeito, mulher é hoje, não é amanhã, o filho você sabe que é coisa pra sempre (Marcos).

A sua mãe complementa:

(...) agora depois da menina, de uns meses pra cá, ele está mais envolvido com ela. Já sai com ela nos braços e tudo... (mãe).

A percepção que Marcos tem de si como pai:

Ah, não sei não. Aí eu não posso analisar não (...) acho que sou um pai normal, porque no momento ela é muito pequena, acho que não dá pra dizer não. Pra mim acho que é uma fase que é mais da mãe, novinha assim, quando crescer e tiver com um ano, dois anos (...) eu acho que a minha parte eu faço (...) sei lá tá presente quando precisar (...) ela já percebe quando me aproximo (...) se ela tiver quase dormindo e eu chegar falar, ela já esperta (Marcos).

A percepção que a mãe tem de Marcos, como pai:

Ele é preocupado, não quer que a menina adoça, fica preocupado quando não tem o dinheiro pra comprar uma coisa, aí vem a mim, vai ao cunhado dele, procura sempre uma pessoa pra arrumar aquele dinheiro, procura um biscate, uma coisa. Por exemplo, uma lata de leite (...) como ele não tá trabalhando, aí a gente que pode dá (mãe).

Tudinho apóia ele e dá maior apoio. O pai dele também tá sabendo, ele ligou pro pai. Todo mundo diz que parece com ele, só o que tem o que dizer mesmo, ver ele doidinho pela menina ... (mãe).

Percebe-se, nessa família, a união e a ajuda mútua dos membros familiares, ao pai adolescente favorecendo para que este possa desempenhar o seu papel de pai com mais facilidade. Há uma circularidade na organização familiar que, embora alguns fatores apareçam como problema, eles não são considerados problemas pela família.

5.3. Síntese dos Resultados

O quadro nº 3 demonstra como os adolescentes passaram a se perceber após a paternidade.

Quadro 3

AUTOPERCEÇÃO DO ADOLESCENTE APÓS A PATERNIDADE	
ADOLESCENTE	MUDANÇAS / REPERCUSSÕES
01 – Nilton	Acridita que sua vida mudou, ficou mais caseiro, poupa mais as suas economias para ajudar o filho.
02 – Carlos	Ficou mais caseiro, obteve mais respeito dos familiares e amigos, deixou a vida de “farra” e bebida, passou a ter mais responsabilidade e dar mais valor ao trabalho e ao estudo, valorizou mais ainda a relação com a companheira.
03 – Walter	Passou a ter mais responsabilidade e dar mais valor ao trabalho e ao estudo, ficou mais caseiro.
04 – Ricardo	Passou a encarar a vida com mais seriedade, passou a ter mais responsabilidade. Correr atrás de trabalho, valorizou mais os estudos.
05 – Marcos	Deixou a vida de “farra”, mulheres e bebida, ficou mais caseiro, melhorou o relacionamento com a companheira, passou a haver mais afetividade e harmonia na família.

Verifica-se no quadro nº 3 que, após o fenômeno da paternidade, os adolescentes passaram a se perceber como homens mais amadurecidos, mais conscientes da necessidade de trabalhar e estudar e da sua responsabilidade em manter a família.

O quadro nº 4 representa a percepção de mudança que os familiares apresentam por seus filhos, após o fenômeno da paternidade.

Quadro 4

PERCEPÇÃO / FAMILIARES DOS ADOLESCENTE APÓS SEREM PAIS		
FAMILIARES	PAI ADOLESC.	MUDANÇAS /REPERCUSSÕES
Mãe/Tia/Tio	Nilton	Continua o mesmo de antes. Acreditam que se tivesse com a mãe do seu filho seria diferente.
Mãe/Avó	Carlos	Ficou mais responsável, mais caseiro, preocupa-se com a alimentação do filho, afastou-se das amizades indesejáveis.
Pais	Walter	Afastou-se das amizades indesejáveis, passou a ser mais responsável, se preocupa com a alimentação do filho. Está mais consciente, quando pode, ajuda financeiramente em casa.
Pais/Avô	Ricardo	Ficou mais caseiro, mais responsável, deixou as amizades indesejáveis, deixou o vício de cheirar cola/maconha.
Mãe	Marcos	Ficou menos preocupada com o filho, pois o mesmo vivia na “farra”, bebidas, mulheres. Passou a se preocupar muito com a alimentação da criança, ficou mais caseiro.

Observa-se nos quadros nº3 e nº4 que, das cinco famílias entrevistadas, quatro delas apresentaram pontos em comum em relação à percepção dos seus filhos. No entanto, percebe-se que uma família apresenta uma percepção de mudança que não corresponde à do filho. No geral, as mudanças mais apontadas pelos familiares referem que o adolescente ficou mais responsável, consciente do seu dever de pai; aumentaram as preocupações de ambos os pais devido à falta de trabalho, houve uma maior motivação dos filhos no sentido de dar continuidade aos estudos e recuperar o tempo perdido, a fim de conquistar uma posição melhor no mercado de trabalho; ficou mais caseiro e se distanciou dos amigos indesejáveis, abandonando os vícios e conseqüentemente diminuíram as preocupações em relação à vida de “farra”, que os filhos viviam.

Será discutido no quadro nº 5, o que pensam os pais adolescentes em relação aos projetos de vida.

Quadro 5

EXPECTATIVAS DO PAI ADOLESCENTE EM RELAÇÃO AOS PROJETOS DE VIDA	
ADOLESCENTE	EXPECTATIVAS EM RELAÇÃO A PLANOS FUTUROS
01 – Nilton	Desejo de ter sua própria casa, estágio, ir para o exército.
02 – Carlos	Desejo de ter um trabalho digno para manter sua família e ter sua casa.
03 – Walter	Desejo de ter um trabalho digno, carteira assinada, para se manter, manter sua família e ter sua casa.
04 – Ricardo	Desejo de ter um trabalho próprio e sua casa.
05 – Marcos	Desejo de ter um trabalho para manter a família.

Verifica-se, de acordo com os dados levantados, no quadro nº 5, que embora exista por parte de todos os pais adolescentes um desejo de ter sua própria casa, um trabalho digno que os diferencie do seu grupo de iguais e lhe dê segurança para manter a si e a sua família, observa-se que as aspirações profissionais são limitadas, pela própria falta de qualificação profissional. Portanto, o trabalho para esses pais adolescentes representa um fator emergencial, diante das suas necessidades básicas e da sua família. A referência do trabalho é vista como condição básica para ter um lar, poder se sentir chefe de família e cuidar dos filhos.

No quadro nº 6, vê-se o que pensam os familiares dos adolescentes em relação aos projetos de vida dos seus filhos.

Quadro 6

EXPECTATIVAS DOS FAMILIARES DOS PAIS ADOLESCENTE EM RELAÇÃO AOS PROJETOS DE VIDA DOS FILHOS		
FAMILIARES	PAI ADOLESC.	PROJETOS DE VIDA VALORES
Mãe/Tia/Tio	Nilton	Gostariam que fosse para o Exército, estimulam a procurar trabalho, passam princípios de honestidade.
Avós	Carlos	Incentivam a trabalhar para manter a família e ser um homem de bem.
Pais	Walter	Aconselham o filho a tratar bem as pessoas, andar com boas companhias e ser um homem de bem
Pais/Avô	Ricardo	Demonstram princípios de honestidade, estimulam a procurar trabalho, andar com boas companhias, vontade que tenha uma vida melhor que a deles e gostariam que fosse para o exército.
Mãe	Marcos	Gostaria que fosse para o exército e que fosse um pai diferente do pai que tem.

No que se refere às expectativas futuras dos filhos, demonstradas no quadro nº 6, observa-se que o pensamento dos pais dos adolescentes vem corroborar com o pensamento dos seus filhos ao apresentarem um baixo nível de aspiração profissional. Apesar de os pais dos adolescentes passarem valores morais, demonstrarem princípios de honestidade e o medo que os filhos descaminhem na vida, ficou claro que o fato de os filhos terem sido pais, não trouxe conflito entre eles, no sentido de valor moral e sim porque os jovens não têm trabalho para manter a família.

De acordo com dados do quadro nº 7, foi possível perceber, na fala dos adolescentes, considerações favoráveis e desfavoráveis a respeito da paternidade na adolescência.

Quadro 7

CONSEQÜÊNCIAS CONSIDERADAS FAVORÁVEIS / DESFAVORÁVEIS DA PATERNIDADE NA ADOLESCÊNCIA	
FAVORÁVEIS	DESFAVORÁVEIS
Melhorou o relacionamento com os pais, (que os criaram) no sentido de haver mais união e ajuda mútua.	Aumentou a preocupação dos pais pela dificuldade de manter o papel de provedor.
Estimulou a necessidade de o pai adolescente estudar e trabalhar.	Dificuldade em conciliar estudo e trabalho.
Aumentou a responsabilidade, os pais (que os criaram) passaram a vê-los como adultos.	Ficar financeiramente sob a dependência dos familiares.
Ficou mais caseiro, saiu da vida de “farra”, mulheres e bebida.	Dificuldade em manter relação afetiva com a parceira.
Passou a ter mais acesso às instituições sociais para solicitar ajuda.	A ausência do pai biológico trouxe carência de origem afetiva e financeira.

Verifica-se de, acordo com os dados do quadro nº 7, que, apesar de a pesquisa apontar algumas conseqüências consideradas desfavoráveis, estas não são decorrentes diretamente da paternidade na adolescência. As conseqüências favoráveis predominaram e favorecem a família como um todo, por exemplo, união e colaboração mútua entre os membros familiares, mudança de papéis, ou seja, os pais passaram a ver o adolescente como adulto e pai, mais do que como filho. Aumentou a afetividade, e a solidariedade entre os membros familiares e foi valorizado o sentimento de viver em família.

Pôde-se verificar também que, em relação aos estudos, a pesquisa aponta que os pais adolescentes apresentam defasagem escolar. A repetência e evasão escolar foram fatores comuns a todos os participantes, no entanto esses fatores têm relação com a condição sócio-econômica dos participantes e não com a condição de ser pai, uma vez que essas implicações já se apresentavam bem antes do adolescente ser pai.

Na paternidade os adolescentes se sentiram mais respeitados e valorizados pela família e pela sociedade, o que poderá propiciar melhores condições de investimento no projeto de vida e em conseqüência maior probabilidade de produção no trabalho. Na

pesquisa de campo, verificou-se que quatro dos cinco pais adolescentes apresentam uma percepção desfavorável quanto a seus pais biológicos, a maior parte deles pensa ser um pai diferente do que teve, daí se conclui que a identificação no seu papel de pai ocorreu com os pais que os criaram (avós, tios, mãe).

No relacionamento social, os amigos passaram a vê-los diferentemente, mais caseiros e menos comprometidos com a vida de “farra”, de brincadeira. Em relação ao sentimento dos amigos, a pesquisa aponta que nem sempre é de aceitação, pois consideram que o filho(a) do adolescente trouxe afastamento entre eles.

A pesquisa também aponta que houve dificuldade para o adolescente manter relação afetiva com a parceira após a chegada da criança. Dos cinco participantes, dois permaneceram com a mãe do seu filho e acreditam que melhorou o relacionamento. Os outros três mantêm contato freqüente com o filho e quase nenhum com a parceira.

6. DISCUSSÃO

Os dados obtidos no presente trabalho indicam que os fatores psicológicos se entrelaçam aos sócio-econômicos. Entretanto, essas questões se apresentam como fatores circulares, que interferem na organização das famílias. Um outro aspecto relevante sugere que ser pai adolescente e pobre não necessariamente significa ser um pai ausente, ou que não apresente afeição pelo filho, porém existe interferência em exercer o seu papel de pai pela dificuldade financeira.

A partir dos estudos, verificou-se que existem características da paternidade na adolescência que podem ser consideradas favoráveis e outras vividas com mais dificuldades, embora estas não sejam decorrentes diretamente da paternidade na adolescência. As considerações favoráveis sobressaíram-se em relação as desfavoráveis. Esses dados corroboram com os estudos de Levandowski (2001); Elster (1986) quando apontam que a paternidade na adolescência nem sempre assume um caráter negativo na vida dos adolescentes como é encontrado freqüentemente na literatura.

As dificuldades nessas famílias são inevitáveis, principalmente por os pais adolescentes estarem simultaneamente vivenciando os conflitos da fase da adolescência. É importante ressaltar a importância da família, nesse processo da paternidade na adolescência. Quando os pais adolescentes recebem o apoio e a união de sua família e da família da sua companheira, as dificuldades são mais fáceis de serem vivenciadas. Esses dados foram confirmados por Levandowski (2001).

A pesquisa também aponta a necessidade de o pai adolescente manter o seu papel de provedor, para poder contribuir com a manutenção das necessidades básicas com a criança. A sua omissão nesse aspecto gera constrangimento com a mãe do filho, na relação que esse pai gostaria de manter com o seu filho e com ele próprio. Esse constrangimento se acentua por a mãe da criança e da avó materna, impedir o pai adolescente de ver o seu filho por não contribuir financeiramente com uma certa quantia para manter a criança. Esses dados corroboram com os estudos de

Hetherrington; Bridges; Insabella, citados por Fogot et al, (1998), os quais apontam as mães como verdadeiras barreiras, restringindo o acesso às crianças. Segundo esses autores, os avós maternos também podem ter um papel de restrição ao acesso à criança.

O trabalho é visto pelos participantes dessa pesquisa como uma representação de poder, de serem provedores de suas famílias, serem respeitados e se diferenciarem dos seus grupos de iguais, a fim de ter condições de manter uma família, pois na visão deles, ter uma família requer poder mantê-la financeiramente, visão esta originada do sistema patriarcal, que tem a figura do pai como provedor. A falta do trabalho traz sentimento de impotência e medo de não poder constituir ou manter a sua família. Esses dados são confirmados por Olavarría (2000) quando lembra que a perda do trabalho é percebida como uma profunda perda de valor que provoca crises em sua auto-estima e afeta o conjunto de suas vivências. Por outro lado, a ausência dos parâmetros de criar alternativa saudável e a dificuldade de conseguir um trabalho levam os adolescentes a buscar alternativa de trabalho com pouca qualificação, tais como, biscateiro para se diferenciarem da sua própria realidade.

A família, muito mais do que qualquer outro aspecto, resente-se pela dificuldade em manter suas necessidades básicas. A falta de algo concreto, que dê sustentação a sua sobrevivência, como em qualquer situação conflitante, gera angústia, ansiedade e “medos”. Diante dessa fragilidade econômica, e da representação do pai provedor, as famílias sentem uma inquietação pela possibilidade de os filhos exercerem atividades marginais.

Apesar de não fazer parte dos objetivos desta pesquisa, verifica-se que quase todos os pais dos adolescentes foram mães e pais adolescentes. Parece haver uma repetição do fenômeno na família, sendo repassado para os outros membros, por exemplo: filhas e filhos. Com isso, não se quer sinalizar que essas características sejam generalizações, mas que aparecem nessa amostra. Outros autores como Kiernan (1997), Kiernan (1980); Hofferth e Hayes (1987), ao estudarem as características da família de pais jovens encontraram que uma das conseqüências da

maternidade adolescente, conhecida a longo prazo, é a grande probabilidade que suas próprias filhas poderão ter filhos na adolescência.

Os resultados da pesquisa apontam que os pais adolescentes sofreram descontinuidade nos estudos. No entanto, não se pode considerar que esse fato tenha acontecido por eles terem sido pais adolescentes, uma vez que essa dificuldade na área educacional já existia desde a infância. O baixo desempenho escolar deve ser mais bem investigado quando relacionado às questões emocionais atribuídas à ausência dos pais e falta de organização na família de origem. Lamb (1986) ao refletir sobre o sucesso ou fracasso escolar dos filhos, acredita que precisa receber melhor investigação, bem como a relação entre estabilidade familiar e equilíbrio emocional.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A paternidade na adolescência originada de família pobre, por ser um tema voltado para uma visão psicossocial e familiar, envolvendo a sexualidade e reprodução, possibilitou uma reflexão sobre valores, normas, preconceitos, estereótipos, mudanças e adaptações de papéis que cada membro desenvolve no contexto dos novos subsistemas.

O trabalho com essas famílias propiciou um mapeamento do cenário de vida dos pais adolescentes. Observou-se que a família, por ser um sistema aberto, ao mesmo tempo em que ela influencia os seus subsistemas, recebe também essa influência, quer seja dos subsistemas ou do sistema maior que é a sociedade. As famílias pobres não se comportam diferentemente dos outros sistemas, no entanto, conforme os escritos de Minuchin e cols. (1999), elas são mais vulneráveis à penetração de terceiros, devido à falta de informação e dependência a que são submetidas. A circularidade que ocorre na organização familiar reflete à maneira como essas famílias vivenciam os seus conflitos, as suas dificuldades, de acordo com a situação de pobreza que se apresenta a cada uma.

Ao se fazer uma análise de cada família, percebe-se que houve mudanças após o filho adolescente ser pai, no sentido de haver uma maior necessidade de se organizar financeiramente e do aumento da afetividade, uma vez que todos se dirigiram para um novo ser fazendo parte da família. Só uma família não teve essa vivência, por não querer se envolver com o neto e com a mãe da criança, acreditando eles tratar-se de um problema e não tinham condições financeiras para assumir tal responsabilidade.

Apesar de os fatores sócio-econômicos terem aparecido com frequência gerando preocupação na família, constata-se que a união e colaboração dos membros familiares, numa situação de dificuldades do pai adolescente, principalmente na falta de recursos para alimentar o filho, denotam princípios de solidariedade existentes nas

famílias pobres, servindo de apoio para que o pai adolescente não seja tão afetado por não poder exercer o papel de provedor da sua família.

Foi verificado neste trabalho que o comportamento dos pais adolescentes se diferencia do que comumente se constata na literatura, do estereótipo do pai adolescente se apresentando mais como conseqüências desfavoráveis, como omissão no seu papel de pai, irresponsabilidade por não contribuir com a renda familiar, prejuízo na vida escolar e imaturidade para assumir suas funções. Não resta dúvida de que as conseqüências consideradas desfavoráveis aparecem, mas não são decorrentes diretamente da paternidade na adolescência.

As preocupações do pai adolescente e da sua família aumentaram devido à busca por um trabalho mais digno para alimentar o filho, houve uma maior motivação no sentido de dar continuidade aos estudos, recuperar o tempo perdido e conquistar uma posição melhor no mercado de trabalho. Quando se trata de trabalho, todos os entrevistados apresentaram necessidade de ter um emprego, pois ele é tido como condição básica para se ter um lar e poder se sentir chefe de família e cuidar dos filhos.

O estudo aponta mudanças de papéis na família. Das cinco famílias entrevistadas, quatro relataram que passaram a ver os seus filhos mais maduro, mais responsável e preocupado com o seu filho e, na medida do possível, participando também das despesas da família. Esses pais acreditam que a paternidade contribuiu para afastá-lo da marginalidade, das aventuras, da bebida, tornando-o mais consciente e voltado para o lar. Além disso, os adolescentes sentiram-se mais respeitados pelos seus pais, parentes e pelas pessoas mais próximas com as quais convivem.

Nessas famílias foi observado que não houve confronto nos valores dos pais dos adolescentes em relação à sexualidade e nem por os adolescentes terem sido pais, e, sim, em relação à falta de trabalho. Todas as famílias e pais adolescentes tiveram um mesmo posicionamento, em relação ao trabalho, que é visto como algo que os faz serem respeitados, entre outros aspectos, considerados homens de bem.

O relacionamento do pai adolescente com a mãe da criança sofreu descontinuidade por três dos cinco pais adolescentes. Devido aos pais adolescentes estarem vivenciando simultaneamente os seus conflitos inerentes à fase da

adolescência, a transição prematura dos papéis, associada às dificuldades financeiras, fazem com que os jovens vivenciem o processo da paternidade com mais dificuldade. No entanto, as implicações sócio-econômicas foram vistas como indicadores principais aos conflitos do pai adolescente com a parceira e seus familiares, restringindo-o de manter um relacionamento mais próximo com o filho. Essa visão relacionando o envolvimento afetivo ao econômico foi observada nesta pesquisa pelo comportamento da mãe da criança e da avó materna ao afastar o pai adolescente do seu filho. Nota-se que o desejo de vivenciar o afeto mais próximo com filho e de ter uma família apresenta-se com clareza pelos participantes dessa pesquisa, porém existe dificuldade de o pai adolescente manter a relação afetiva pela dificuldade financeira. Percebe-se que a visão do pai provedor ainda permanece no imaginário dessa população.

Este estudo aponta que surge um sofrimento no pai adolescente de famílias pobres, por existir uma ambigüidade entre vivenciar o seu afeto e as necessidades de corresponder ao seu papel de provedor. Acredita-se que a solução dessa problemática poderá contribuir na forma de se perceber a paternidade na adolescência, no futuro do pai adolescente, do seu filho e nas relações que esse adolescente pode estabelecer.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERASTURY, A; KNOBEL, M. **Adolescência normal**: Um enfoque psicanalítico. Porto alegre:Artes Médicas, 1992. 92 p.

ABERASTURY, A; SALAS, J.E. **A paternidade**: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984. 96p.

AMAZONAS, M.C.L.A . **Una descripción de la adolescente actual: su subjetivación y lugar que ocupa el embarazo**. 1999. 477 f. Tese de doutorado, Universidad de Deusto , Tercer Ciclo – Programa Salud y Familia. Bilbao.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro:Zahar, 1981. 279 p.

ARILHA, M. ; CALAZANS, G. Sexualidade na Adolescência: o que há de Novo? In:**Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas**. CNPD:Brasília Vol.2, 1998. 772 p.

ARILHA, M. Homens: entre a “zoeira” e a “responsabilidade”. In: **Homens e masculinidade**: outras palavras. M. Arilha; S. G. Unbehaum; B. Medrado. (Orgs.), 2.ed. São Paulo:Ecos. Ed. 34, 2001. 301 p.

BARSTED, L. L. Contribuições do feminino para o exercício da paternidade. In: **Exercício da paternidade**.– (Org). P. Silveira. Porto Alegre: Artes Médicas: 1998. 223 p.

BACH, R. **Ilusões**. As aventuras de um messias indeciso. Rio de Janeiro: Record, 1977. 156 p.

BERENSTEIN, I. **Família e doença mental**. São Paulo: Escuta, 1988. 221 p.

BERTALANFFY, L. V. **Teoria geral dos sistemas**. 2ª ed. Petrópolis:Vozes, 1975. 351 p.

BLEGER, J. **Temas de psicologia**: entrevista e grupos. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

BRUNS, M.A .T; SANTOS, C. Adolescentes: maternidade e paternidade inoportunas. **Conversando sobre sexualidade**. 4º v. São Paulo: Ômega, 2001. 20 p.

BRUNS, M.A.T.; TRINDADE, E. Meu filho vai ser pai! e agora?! **Conversando sobre sexualidade**, v. 3, São Paulo: Ômega, 2001. 20 p.

BUONCOMPAGNO, E.M.; SARMENTO, R.C. Sexualidade. In: **Adolescência e saúde/comissão de saúde do adolescente**. São Paulo: Paris Editorial/Secretaria de Estado da Saúde, 1994. p. 97-101.

BUZZI, C. Transgressão, desvio e droga. In: **Revista da ANPED**. São Paulo, 1997.

CARTER, B.; MC GOLDRICK, M. **As mudanças no ciclo de vida familiar**. 2. ed. Porto Alegre:Artes Médicas,1995.

COLEY, R. L.; CHASE-LANSDALE, P. L. Adolescent pregnancy and parenthood. Recent evidence and future directions. **American psychologist association**. University of Chicago, v. 53, n. 2, p. 152-166, fev.1998.

CORRÊA, M. Repensando a família patriarcal brasileira. In: **Colcha de retalhos: estudos sobre a família no Brasil** (Org.) A. A. Arantes (et al). 2ª edição. Campinas, São Paulo :UNICAMP. 1993. 206 p.

DOLTO, F. **Lettres de l'École Freudienne**. Paris: Laffont.1977. 492 p.

ELSTER, A. B. Adolescent fathers from a clinical perspectives. In: M. E. Lamb. **The father's role: applied perspectives**. New York: John Wiley, p. 325-336, 1986.

ERIKSON, E. **Identidade, juventude e crise**. 2.ed. Rio de Janeiro:Zahar, 1976. 332 p.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. **Lei 8.069, de 13/7/1990**. São Paulo:Ícone,1990, 102p.

EXUPÉRY, A. S. **O pequeno príncipe**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FAGOT, B. I. et al. Becoming an adolescent father: precursors and parenting. **Developmental psychology**. In: **American psychological association**, v. 34, n.6, p.1209 -1219, jun.1998.

FALCETO, O. G. As Mudanças sociais e as transformações das funções parentais. In: **Famílias e terapeutas construindo caminhos**. L.C. Prado (org). Porto Alegre: Artes Médicas,1996.

FALCETO, O. G. Famílias com adolescentes: uma confluência de crises. In: **Famílias e terapeutas construindo caminhos**. L. C. Prado (org). Porto Alegre. Artes Médicas, 1996.

FÉRES-CARNEIRO, T. **Família: diagnóstico e terapia**. 2.ed. Rio de Janeiro:Vozes. 1996. 148 p.

FOLEY, V. **Introdução a terapia familiar**. Porto alegre: Artes médicas, 1990.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985. 232 p.

FREYRE, G. **Casa grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 31. ed. Rio de Janeiro:ABDR, 1996. 569 p.

FUNDAÇÃO BERNARD VAN LEER. Os pais como primeiros educadores: mudando os padrões de paternidade. **4º Seminário do hemisfério ocidental** – Sumário do Relatório e Conclusão em Cooperação com o Ministério de Educação República do Peru. Lima:Peru, 1987. 31 p.

FUNDAÇÃO SEADE, PCV. **Primeiros resultados**. São Paulo: Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados, 1994.

GIDDENS, A . **Mundo em descontrole**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GONZÁLEZ, J. A. R. **Manual de orientación y terapia familiar** – enfoque sistémico teórico-práctico. Instituto de Ciencias del hombre. Deusto, 1993. 770 p.

HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico da língua portuguesa**. Versão 1.0, 2001.

HOFFERTH, S. L.; HAYES, C. D. **Risking the future**: Adolescent sexuality, pregnancy and childbearing. Washington, DC:National Academy Press, 1987.

HURSTEL, F. **As novas fronteiras da paternidade**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1999. 231 p.

IBGE. **Perfil das mulheres responsáveis pelos domicílios no Brasil 2000**. Rio de Janeiro, 2002. 75 p.

KIERNAN, K. E. Becoming a young parent: a longitudinal study of associated factors. In: **The British Journal of Sociology**, v.48, n.3, p. 406 - 428, set.1997.

KIERNAN, K. E. Teenage motherhood: associated factors and consequences. **Journal of biosocial science**, v.12, n.4, p. 397 - 405, 1980.

LAMB, M. E. **The father's role**: applied perspectives. New York:John Wiley, 1986.

LEVANDOWSKI, D.C. **Paternidade na adolescência**: Expectativas, sentimentos e a interação com o bebê. 2001.198 f. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Pós Graduação em Psicologia do Desenvolvimento. Porto Alegre,Rio Grande do Sul.

LEWIS, C.; DESSEN, M. A . **O pai no contexto familiar**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v.15, n.1, p. 9-16, 1999.

LOEWENSTEIN, I.; BARKER, G. De onde vem o bom pai? Reflexões a partir de uma pesquisa qualitativa com adolescentes. In: **Exercício da paternidade**. P. Silveira (org). Artes Médicas: Porto Alegre. 1ª edição, 1998. 223 p.

LONGHI, M. R. **Ser homem, pobre e pai**. A construção cotidiana da relação pai filho nas camadas de baixa renda. 2001, 136 f. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-graduação em Antropologia Cultural. Universidade Federal de Pernambuco, Recife – PE.

LYRA DA FONSECA, J. L.C. **Paternidade adolescente**: uma proposta de intervenção. 1997, 182 f. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.

_____. Participação masculina na gravidez adolescente In: E. M. Vieira; M. E. L. Fernandes; P. BAILEY; A. Mckay (orgs.). **Seminário gravidez na adolescência**. Ministério da Saúde, Rio de Janeiro, 1998.

_____. Paternidade Adolescente: Da investigação à intervenção. In: **Homens e Masculinidade**: Outras palavras. M. Arilha; S. G. Unbehau; B. Medrado (orgs). São Paulo: Ecos. Ed. 34, 2001. 304 p.

MARSIGLIO, W. Teenage patherhood: high school completion and educational attainment. In: A. B. Elster e M. E. Lamb (Eds.). **Adolescent Fatherhood**, 1986. p, 67-87.

MEAD, M. **Sexo e temperamento**. 3. ed. Perspectiva: São Paulo, 1969. 315p.

MEDRADO, B; LYRA DA FONSECA, J. L.C. A adolescência “desprevenida” e a paternidade na adolescência: uma abordagem geracional e de Gênero. In: **Cadernos juventude saúde e desenvolvimento**. N. Schor, et al. (org.) Brasília:Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, v. 1, p. 230-248.

1999.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 6ª edição. Hucitec:Abrasco – São Paulo-Rio de Janeiro,1999, 269 p.

MINUCHIN, P.; COLAPINTO, J.; MINUCHIN, S. **Trabalhando com famílias pobres**. Porto Alegre:Artes Médicas Sul, 1999, 230p.

MINUCHIN, S. **Família, funcionamento e tratamento**. Porto Alegre:Artes Médicas, 1990, 238p.

MINUCHIN, S; FISHMAN, H. C. **Técnicas de terapia familiar**. Porto Alegre:Artes Médicas, 1990, p. 285.

MONTEMAYOR, RAYMOND. Boys as fathers: coping with the dilemmas of adolescente. In: M. E. Lamb e A. Elster (eds.). **Adolescent fatherhood**. Hillsdale. New Jersey: Lawrence erlbaum associates, p. 1-18, 1986.

MONTGOMERY, M. **O novo pai: a dimensão da paternidade**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 1993, 119 p.

MOTTA, R; SCOTT, P. **Sobrevivência e fontes de renda, estratégias das famílias de baixa renda no Recife** – Recife: Sudene:Massangana, 1983. 161 p.

NEDER, G. Ajustando o foco das lentes: um novo olhar sobre a organização das famílias no Brasil. In: **Família brasileira a base de tudo**. S. M. Kaloustian (org.). São Paulo:Cortez, Brasília, DF:UNICEF,1994.

NICHOLS, M. P. ; SCHWARTZ, R. C. **Terapia familiar: conceitos e métodos**. 3. ed. Porto Alegre:Arte Medicas, 1998. 524 p.

OLAVARRÍA, J.; PARRINÍ, R. Lo que dicen los padres adolescentes / jóvenes. In: **Los padres adolescentes / jóvenes: hombres adolescentes y jóvenes frente al embarazo y nacimiento de un/a hijo/a**. Antecedentes para la formulación y diseño de políticas públicas en Chile. FLACSO – Faculdade Latinoamericana de Ciências Sociais – Chile:UNICEF. 1999. p. 13-20.

_____. La construcción de las identidades masculinas. In: **Los padres adolescentes / jóvenes: hombres adolescentes y jóvenes frente al embarazo y nacimiento de un/a hijo/a**. Antecedentes para la formulación y diseño de políticas públicas en Chile. FLACSO – Faculdade Latinoamericana de Ciências Sociais – Chile:UNICEF. 1999. p. 21-23.

OLAVARRÍA, J. De la identidad a la política: masculinidades y políticas públicas. Auge y ocaso de la familia nuclear patriarcal en el siglo xx. In: **Masculinidad/es identidad, sexualidad y familia**. Primer Encuentro de Estudios de Masculinidad. Santiago, Chile: FLACSO – Chile/Universidad Academia de Humanismo Cristiano/Red de Masculinidad, 2000.

OSÓRIO, L.C. **Adolescente hoje**. Porto Alegre:Artes Médicas, 1992.

OSÓRIO, L.C. **Família Hoje**. Porto Alegre:Artes Médicas, 1996, 91p.

PAIVA, M.F.S. **Aspectos psicossociais da vivência da maternidade na adolescência.** Monografia. Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP - Faculdade de Educação. Campinas:São Paulo, 1999, 42 p.

PARSEVAL, G. D. **A parte do pai.** Porto Alegre:L&PM, 1986. 272 p.

PRETO, N.G. Transformações do sistema familiar na adolescência. In: **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar.** 2. ed. B.Carter e M. Mc. Goldrick (org.). Porto Alegre:Artes Médicas, 1995.

REIS, A . O . A. Opacidade e visibilidade da paternidade na reprodução adolescente. **Revista brasileira crescimento e desenvolvimento humano.** São Paulo, v.7, n. 2, p. 69-76,1997.

ROBISON, B. E. Teenage pregnancy from the father's perspective. **American journal of orthopsychiatry,** v. 58, n.1, p. 46-51, 1988.

SARTI, C. A. Ambivalência entre iguais: uma discussão sobre a moral dos pobres. **G.T. Família e sociedade.** Trabalho apresentado no XVIII Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu-MG. 23 a 27 de novembro,1994. 24 p.

SARTI, C. A . **A Família como espelho:** um estudo sobre a moral dos pobres. Campinas, SP: Autores Associados, 1996. 128 p.

SCOTT, R. P. O Homem na matrifocalidade: gênero, percepção e experiências do domínio doméstico. **Caderno de pesquisa** n.73, p. 38-47, maio, São Paulo:Cortez, Fundação Carlos Chagas, 1990.

SOUZA, A.M.N. **A família e seu espaço**: uma proposta de terapia familiar. 2. ed. Rio de Janeiro:Agir,1997. 339 p.

SOUZA, Y. S.; NUNES, M. L. T (org.). **Família, organizações e aprendizagem**. Porto Alegre, 1998.

TRINDADE, E.; BRUNS, M. A. T.; **Adolescentes e paternidade**: um estudo fenomenológico. Ribeirão Preto:Holos,1999. 86 p.

TRINDADE, Z. A . Concepções de maternidade e paternidade: O convívio atual com fantasmas do século XVIII. In: **Psicologia**: reflexões (im)pertinentes. L. de Souza; M. de F. Q. de Freitas; M. M. P. Rodrigues (Org.). São Paulo:Casa do Psicólogo, 1998. 422 p.

UNBEHAUM, S. G. A desigualdade de gênero nas relações parentais: o exemplo da custódia dos filhos. In: M. Arilha; S. G. Unbehaum; B. Medrado (orgs.). **Homens e masculinidade: Outras palavras**. São Paulo:Ecos. Ed. 34, 2001, 304 p.

VALDÉS, T.; OLAVARRÍA, J. “Ser hombre em Santiago de Chile: a pesar de todo, un mismo modelo” en T. Valdés y J. Olavarría (eds.), **Masculinidades y equidad de gênero en América Latina**. FLASCO, UNFPA, Santiago de Chile, 1998.

VICENTE, C. M. O direito à convivência familiar e comunitária: uma política de manutenção do vínculo. In: **Família brasileira a base de tudo**. S. M. Kaloustian (org.). São Paulo:Cortez, Brasília – DF:UNICEF, 1994.

VITIELLO, N. [199?]. Caracterização biológica de adolescência. In: **Adolescência hoje**. Comissão Nacional de Estudos Sobre a Adolescência. CEICH – Centro de Ensino e Investigação em Comportamento Humano. N. Vitiello; I. S. C. Conceição; P. R. B. Canela; R. da C. Cavalcanti (orgs.). CEICH. São Paulo: Prol, 175 p.

ZAGURY, T. **Encurtando a adolescência**. Rio de Janeiro:Record, 1999. 306p.

ZANIRATTI, J.A. **O papel das organizações pobres**. <http://www.zaniratti.net/papel>, 1997, acesso em 17/09/01.

ANEXOS

ANEXO I

ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM O PAI ADOLESCENTE

Dados de Identificação

Nome: _____ **Idade:** _____ **Naturalidade:** _____

Reside: Bairro _____ **Cidade:** _____

Escolaridade: _____ **Série:** _____ **Profissão:** _____

Religião: _____ **Estado Civil:** _____ **Filhos:** _____ **Idade:** _____ **Sexo:** _____

Idade em que foi pai: _____ **Idade da mãe do filho:** _____

- 1) Como você se sentiu ao saber que ia ser pai?
- 2) Em algum momento você teve dúvidas de que o filho era seu?
- 3) Mudou alguma coisa na sua vida após o nascimento do seu filho. Se mudou, o que acha que mudou? (trabalho, estudo e relacionamento social).
- 4) O que você mais espera da sua vida atual e adulta? (Planos)
- 5) A chegada do seu filho trouxe alguma mudança no seu relacionamento com a mãe da criança?
- 6) Como você descreveria sua forma de ser com o seu filho (o seu dia a dia) e o que espera de você como pai?
- 7) Como descreveria a forma de ser da sua família com você antes de ser pai?
- 8) E após você ser pai, como eles passaram a vê-lo?
- 9) O que pensa os outros membros da família (irmãos, tios, avós), por você ter sido pai adolescente? E os amigos?
- 10) Como você se vê como pai?
- 11) Como você vê o seu pai na condição de pai? E a sua mãe na condição de mãe?
- 12) Como você vê o seu pai sendo avô? E a sua mãe sendo avó?
- 13) Gostaria de comentar algo que não foi perguntado?

ANEXO II

ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM OS PAIS DO ADOLESCENTE Dados de Identificação

Nome do Pai: **Idade:** **Naturalidade:** **Grau/estudo**

Nome da mãe: **Idade:** **Naturalidade:** **Grau/estudo**

Reside:Bairro **Cidade:**

Profissão do pai: **Religião:** **Estado Civil:**

Profissão da mãe: **Religião:**

Filhos: **Idade:** **Sexo:**

Posição do filho adolescente na família:

- 1) Como foi para vocês saberem que o seu filho ia ser pai?
- 2) Vocês já tinham conversado com o seu filho sobre este assunto (paternidade)?
- 3) O que vocês pensavam ou pensam para seu filho em termos de futuro (planos/projetos)?
- 4) A chegada do bebê trouxe alguma alteração na relação de vocês com o seu filho?
- 5) Como vocês percebem o seu filho nos outros aspectos da sua vida (estudo, trabalho, relacionamento social)?
- 6) O que pensam os outros membros da família (filhos, pais, avós, irmãos), a respeito desse fenômeno?
- 7) Como é o seu filho como pai.
- 8) Fale da sua experiência em ser pai.
- 9) Fale da sua experiência em ser avô.
- 10) Fale da sua experiência em ser mãe.
- 11) Fale da sua experiência em ser avó.
- 12) Gostaria de comentar algo que não foi perguntado?